

## Gauchismo

*A tradição inventada e as disputas pela memória*

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Nº 493 | Ano XVI  
19/09/2016

ISSN 1981-8769  
(impresso)  
ISSN 1981-8793  
(online)

Jocelito Zalla: *A necessidade da desconstrução do machismo no universo regional*

Luís Augusto Fischer: *Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho*

Maria Eunice Maciel: *Gauchismo busca integrar diferentes grupos, e não representar a diversidade*

**Gisella Colares Gomes:**  
A emergência da perspectiva ecológica para além da economia de baixo carbono

**Carlo Franzato:**  
Design como articulador de uma inovação social

**Roberto Romano:**  
Depois das ditaduras ferozes, sobrou a miragem democrática

# Gauchismo – A tradição inventada e as disputas pela memória

**A**s efemérides, ao evidenciarem determinados feitos, reafirmam os entendimentos mais comuns sobre o acontecimento histórico em questão. Elas também possibilitam que se lance um olhar crítico sobre o passado, para que não se fique refém do senso comum ou de visões engessadas. Uma data que anualmente rende debates e publicações acerca dela é o 20 de Setembro, quando se celebra a Revolução Farroupilha - ou Guerra dos Farrapos, como alguns preferem, já que os eventos ocorridos de 1835 a 1845 no extremo sul do Brasil não caracterizam uma revolução.

A revista **IHU On-Line** desta semana se alinha à segunda perspectiva. Nesta edição, publica um conjunto de entrevistas que se afastam das narrativas laudatórias em torno da identidade gaúcha a fim de apresentar subsídios para uma compreensão mais complexa deste tema que atinge a todos os gaúchos, tanto os que endossam a mitologia ufanista, quanto os que a negam. A questão, no entanto, tem alcance expandido, pois, ao se refletir sobre uma identidade regional, também se discutem os entendimentos acerca da identidade nacional.

O professor de literatura **Luís Augusto Fischer** defende a tese de que a bravata seria uma forma de se expressar no Rio Grande do Sul que combina decadência com arrogância, a partir das raízes rurais do estado.

O historiador **Jocelito Zalla**, ao falar sobre o seu ofício, afirma que a compreensão e análise dos fenômenos regionais não exige o historiador de fazer a crítica de todo e qualquer discurso preconceituoso que vigore na cultura local.

O também historiador **Mário Maestri** elabora a perspectiva de que a invenção do *ethos* gaúcho

hegemônico solidificou o esquecimento sobre o passado escravocrata do estado.

A antropóloga **Maria Eunice Maciel** faz uma distinção entre cultura tradicional e cultura tradicionalista como premissa para se discutir o gauchismo.

A historiadora **Letícia Borges Nedel** faz uma ressalva muito oportuna: não se deve testar a “correspondência fática” entre o que é postulado pelos tradicionalistas e as práticas culturais de antigamente, mas entender a maneira como se processa o movimento na contemporaneidade.

O irmão marista **Antônio Cecchin**, coordenador do comitê Sepé Tiaraju, propõe uma aproximação polêmica: tradicionalismo e ditadura são irmãos siameses.

E o jornalista **Moisés Mendes** estabelece uma síntese contemporânea: “A busca por uma identidade, que funda o tradicionalismo e espalha os Centros de Tradições Gaúchas - CTGs, lá nos anos 1950, chega agora ao estágio da supremacia da caricatura”.

Além do conjunto de reflexões que discutem a identidade do gaúcho, a edição apresenta entrevistas com **Carlo Franzato**, designer e decano da Escola da Indústria Criativa da Unisinos; **Gisella Colares Gomes**, economista voluntária da Auditoria Cidadã da Dívida; **Roberto Romano**, professor de Ética e Filosofia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp; **Rafael Guimaraens**, jornalista e escritor; e o artigo de **Gabriel Adam**, professor dos cursos de Relações Internacionais e Direito da Unisinos, que analisa as perspectivas do governo de Michel Temer acerca do Mercosul.

A todas e a todos, uma boa leitura e uma excelente semana.

Imagem da capa: Eduardo Herrmann

# IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

#### Diretor de Redação

Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br))

#### Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS ([ricardom@unisinos.br](mailto:ricardom@unisinos.br))

#### Jornalistas

João Flores da Cunha - MTB 18.241/RS

([joaoflores@unisinos.br](mailto:joaoflores@unisinos.br))

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS

([joaovs@unisinos.br](mailto:joaovs@unisinos.br))

Márcia Junges - MTB 9.447/RS

([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br))

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS

([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br))

Vitor Necchi - MTB 7.466/RS

([vnechi@unisinos.br](mailto:vnechi@unisinos.br))

#### Revisão

Carla Bigliardi

#### Projeto Gráfico

Ricardo Machado

#### Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

#### Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Luísa Boésio.

#### Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.



**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950  
São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-750

**Telefone:** 51 3591 1122 | Ramal 4128

**e-mail:** [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling

**Gerente Administrativo:** Jacinto Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br))

# Sumário

## Destaques da Semana

---

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Carlo Franzato: Design como articulador de uma inovação social
- 13 Rafael Guimaraens: Os heróis nacionais apagados pela repressão
- 16 Gisella Colares Gomes: A emergência da perspectiva ecológica para além da economia de baixo carbono

## Tema de Capa

---

- 22 Luís Augusto Fischer: Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho
- 26 Jocelito Zalla: A necessidade da desconstrução do machismo no universo regional
- 36 Mário Maestri: Cavocar a memória para juntar os cacos do gauchismo
- 42 Maria Eunice Maciel: Gauchismo busca integrar diferentes grupos, e não representar a diversidade
- 47 Letícia Borges Nedel: É preciso interrogar o pragmatismo político e a eficácia simbólica do tradicionalismo
- 52 Antônio Cecchin: Tradicionalismo e ditadura são irmãos siameses
- 59 Moisés Mendes: A caricatural identidade gaúcha
- 62 Baú da IHU On-Line

## IHU em Revista

---

- 64 Agenda de Eventos
- 67 Roberto Romano: Depois das ditaduras ferozes, sobrou a miragem democrática
- 74 Gabriel Adam: E o Mercosul?
- 76 Publicações: Christoph Theobald - O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco
- 77 Publicações: Moysés da Fontoura Pinto Neto - Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo
- 78 Publicações: Roberto E. Zwetsch - Lutero, Justiça Social e Poder Político
- 79 Retrovisor



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

WWW

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos)



[instagram.com/\\_ihu](https://instagram.com/_ihu)



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)

**IHU** ON-LINE



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# Destques da Semana

## Destques On-Line

Confira as entrevistas publicadas entre os dias 12-9-2016 e 16-9-2016 no sítio do IHU

### **Uma saída pragmática, sem vestir vermelho, poderá promover grandes mudanças para a crise brasileira**

Entrevista especial com Moysés Pinto Neto, mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e doutor em Filosofia nessa mesma instituição, professor no curso de Direito da Universidade Luterana do Brasil - Ulbra Canoas.

Publicada em 12-9-2016

Disponível em <http://bit.ly/2cuN4lV>

Dois são as alternativas para a esquerda sobreviver à “derrota abissal” que sofreu no campo político: uma consiste em “caminhar politicamente para o centro”, mantendo o mesmo caminho escolhido pelo PT nas últimas décadas, e outra, ao contrário, em “livrar as pautas de transformação social da armadura identitária da esquerda e conseguir disseminá-las no centro”, sugere Moysés Pinto Neto à IHU On-Line, na entrevista, concedida por e-mail.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

### **A esquerda e a “política dos dois tempos” na era da financeirização**

Entrevista especial com Andrea Fumagalli, é doutor em Economia Política, professor no Departamento de Economia Política e Método Quantitativo da Faculdade de Economia e Comércio da Università di Pavia, Itália.

Publicada em 13-9-2016

Disponível em <http://bit.ly/2csPAEh>

Que relação existe entre a elaboração e aplicação de políticas públicas e a financeirização? Apesar dessa relação ser “implícita” e “não declarada”, as políticas públicas “estão vinculadas pela obrigação de favorecer a extensão da base dos mercados financeiros e de garantir o crescimento das mais-valias, portanto, a renda financeira”, afirma Andrea Fumagalli à IHU On-Line, em entrevista concedida por e-mail. Segundo ele, exemplos dessa subordinação das políticas públicas à financeirização podem ser vistas, na Europa, a partir das “políticas de austeridade no rescaldo da crise das dívidas soberanas”.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## O nevoeiro persiste e as bolas de ferro nos pés nos mantêm no mesmo lugar

Entrevista especial com Luiz Werneck Vianna, professor-pesquisador na Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP.

Publicada em 14-9-2016

Disponível em <http://bit.ly/2cuOld0>

A análise da conjuntura brasileira, acompanhada de um entendimento da história do país, dos elementos constitutivos do Estado brasileiro e das escolhas políticas feitas nos últimos 80 anos, fornecem os subsídios para o sociólogo Luiz Werneck Vianna apresentar alguns diagnósticos sobre o atual momento brasileiro. O primeiro deles, frisa, é o de que a crise não passou após o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. O segundo é de que essa crise tem “raízes muito poderosas na história brasileira” tanto à direita, com a sustentação do patrimonialismo e das oligarquias, quanto à esquerda, “pelo seu colossal abismo diante da cena contemporânea”, diz à IHU On-Line, em entrevista concedida por telefone.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## A nova direita brasileira surge na onda anti-PT e quer se descolar da velha direita desenvolvimentista

Entrevista especial com Camila Rocha, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP e mestra em Ciência Política pela mesma universidade.

Publicado em 15-9-2016

Disponível em <http://bit.ly/2d0J8JC>

O movimento político que se convencionou chamar de a “nova direita” no Brasil vem se constituindo desde o início dos anos 2000, em fóruns de discussão na internet, nas antigas comunidades do Orkut e, hoje, nas redes sociais, e, “eventualmente, desses fóruns da internet é que saem novos militantes que participarão ou fundarão novas organizações e que participarão de partidos”, diz Camila Rocha, à IHU On-Line, em entrevista concedida por telefone.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## A preocupação com a verdade, com a democracia e com os pobres – Desafio para uma esquerda ética e não nominalista

Entrevista especial com Giuseppe Cocco, graduado em Ciência Política pela Université de Paris VIII e pela Università degli Studi di Padova, mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Conservatoire National des Arts et Métiers e em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), doutor em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne), professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Publicada em 16-9-2016

Disponível em <http://bit.ly/2d0JBvx>

“Não há uma saída para essa herança de quebradeira” e, portanto, no curto prazo, o programa de privatizações e concessões, ou seja, a “pauta de reformas” do governo Temer, “que são as mesmas que a Dilma estava tentando implementar”, será inevitável e “não tem como não fazê-las, porque o horizonte é que o Governo Federal passe a não pagar os servidores da União”, diz Giuseppe Cocco à IHU On-Line.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU que tiveram destaque ao longo da semana

## ‘Aquarius’ oferece versão de esquerda para ‘Tradição, Família e Propriedade’

“Com sabedoria, ‘Aquarius’ deixa soltos esses fios da história, porque no mundo real, e talvez mais ainda no Brasil, nada se resolve”.

Desde que apareceu a foto do elenco em Cannes, com cartazes contra o impeachment, tornou-se imediata a identificação de “Aquarius” com o público de esquerda.

Claro que a história ajuda: aos 65 anos, Clara é uma jornalista (aposentada?), viúva, fã de Maria Bethânia (que ouve em disco de vinil), morando num predinho de classe média alta de frente para o mar na praia de Boa Viagem, Recife, escreve Marcelo Coelho, jornalista, em artigo publicado por Folha de S. Paulo, 14-9-2016.

Leia o artigo completo em <http://bit.ly/2cPJdZX>.

## Encontro inter-religioso do Papa em Assis pertence a uma revolução em curso

Quando o Papa Francisco se somar a um encontro de líderes religiosos na próxima terça-feira em Assis, Itália, estaremos vendo pela quinta vez algo assim acontecer, a começar com João Paulo II em 1986, momento que marcou uma revolução tanto na forma como o catolicismo passou a se envolver com o mundo quanto no papel do papado como um espaço agregador de representantes religiosos moderados.

A reportagem é de John L. Allen Jr., publicada por Crux, 14-9-2016. A tradução é de Isaque Gomes Correa.

Leia reportagem completa em <http://bit.ly/2cPJdZX>.

## Violência contra povos indígenas no Brasil permanece acentuada: Cimi lança relatório com ‘Dados 2015’

O relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil - Dados de 2015, publicado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), evidencia a permanência do quadro de omissão dos poderes públicos em relação aos direitos dos povos indígenas, especialmente em relação ao direito à terra, o que impacta drasticamente no direito deles viverem de acordo com o seu modo tradicional, ambos reconhecidos e garantidos pela Constituição Federal.

Leia reportagem sobre o relatório em <http://bit.ly/2cdgcYY>.

8

V Colóquio Internacional IHU

VII Colóquio Cátedra Unesco – Unisinos de Direitos Humanos e Violência, Governo e Governança

## Os direitos humanos em face dos dispositivos de vigilância e controle da cidadania

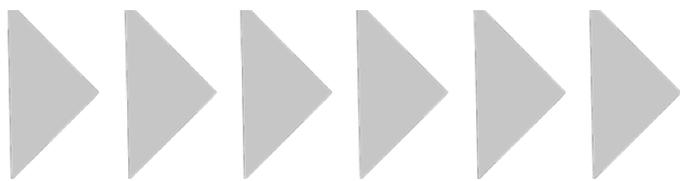
**25 e 26** de outubro de 2016

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU e Auditório Central – Campus São Leopoldo/RS

Informações e Inscrições:

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)





## **Denúncia contra Lula tem “indisfarçável cunho político”, diz ex-ministro da justiça**

A denúncia da Operação Lava Jato contra o ex-presidente Lula extrapolou “limites” definidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e tem “indisfarçável cunho político”. A opinião é do subprocurador-geral da República e ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão, autor horas antes de uma dura carta aberta ao procurador-geral da República, Rodrigo Janot, chefe maior da força-tarefa. A reportagem é de André Barrocal e foi publicada por CartaCapital, em 14-9-2016.

Leia reportagem completa em <http://bit.ly/2cPrk0S>.

## **Cassado, Cunha volta sua mira para o governo Temer**

Entre críticas abertas e ameaças veladas, o agora ex-presidente da Câmara indica que pode ser um problema para o novo ocupante do Planalto. Poucos minutos depois da cassação de seu mandato, confirmada pela Câmara por 450 votos a 10, o ex-presidente da Casa Eduardo Cunha (PMDB-RJ) deixou claro que não sairá de cena em silêncio. A reportagem é publicada por CartaCapital, 13-9-2016.

Leia reportagem completa em <http://bit.ly/2csXoWD>.

## **Amazônia: Aplicação dos Indicadores de Bem-Estar para Povos Tradicionais, conceitos éticos para políticas justas**

Pesquisadores questionam “não apenas as formas e consequências das intervenções no território amazônico, mas também as maneiras de mensurá-las. Parte-se então, da visível incapacidade dos indicadores hegemônicos avaliarem através de uma ótica adequada realidades tão peculiares quanto à amazônica. Muito antes de um erro metodológico, o interesse em avaliar práticas e realidades distintas as hegemônicas através de indicadores convencionais esconde por traz um interesse contínuo em desqualificar tais experiências, realidades e saberes mantendo-as à margem social, sob os rótulos de intangíveis, incapazes, insuficientes, precárias e improdutivas”. O artigo é de Luiz Felipe Barboza Lacerda, Psicólogo, Doutor em Ciências Sociais CAPES/UNISINOS, secretário executivo do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida - OLMA, Docente/Pesquisador UNICAP.

Confira o texto completo em <http://bit.ly/2cM0dFw>.

# Design como articulador de uma inovação social

Carlo Franzato ilumina o amplo conceito de design e observa como pode se tornar articulador na busca pela ideia de transformação baseada na sustentabilidade e igualdade social

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

**O**s mais desavisados podem se questionar: o que tem a ver design com transformação social? Bem, incorrer nessa perspectiva é um indicativo da necessidade de entender o conceito de design para além dos “fazedores” de objetos, decoradores de ambientes, etc. “O design é umas das maneiras para expressar a capacidade humana de criar, de imaginar e praticar alternativas que desafiem e até subvertam o status quo. Sua especificidade está no desenvolvimento de dispositivos que possibilitem transformar o mundo em um mundo melhor”, explica Carlo Franzato, design e professor da Escola de Indústria Criativa da Unisinos. Apreendendo essa perspectiva do professor fica mais fácil entender que o design “está relacionado à transformação do mundo e assim é orientado para o futuro. Logo, é estritamente ligado à sustentabilidade”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Franzato explica que existe uma tradição na associação do design com a sustentabilidade quando se trata desenvolvimento de produtos e serviços. A questão de fundo é minimizar o impacto ambiental da produção. “Hoje, porém, temos consciência que a minimização do nosso impacto sobre o planeta não é suficiente para alcançar a sustentabilidade. O caminho rumo à sustentabilidade requer uma mudança radical na nossa concepção de habitar o mundo”, aponta o professor. É nesse processo de mudança que o design encontra seu papel. “As redes de design estratégico podem trabalhar justamente neste sentido, pois pressupõem uma perspectiva ecossistêmica que não privilegia o ponto de vista de

um indivíduo ou de uma organização, mas que considera a complexidade de nossa sociedade na sua íntima articulação com o meio ambiente que a hospeda”. Assim, seguindo com Franzato, abandona-se a equivocada concepção de design enquanto “fazedor de coisas” e se passa a ver “o design estratégico como uma tecnologia social para inovar a sociedade”.

**Carlo Franzato** é designer, com doutorado em Design pelo Politecnico di Milano, universidade italiana estatal de cunho científico-tecnológico. É decano e professor dos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado em Design da Escola de Indústria Criativa, que reúne as áreas de comunicação, linguagem e design, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. É líder do Grupo de Pesquisa “Rede de Estratégias em Design” e membro do “Grupo de Pesquisa em Design estratégico: inovação cultural e social”. Também é membro da rede internacional de pesquisa “Latin Network for the Development of Design Processes”. Atua na divulgação científica do design e das demais áreas de conhecimento ligadas aos processos criativos, colaborando com organizações de promoção do design e veículos de comunicação.

Franzato é conferencista do IHU Ideias do próximo dia 22 de setembro. O evento ocorre às 17h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Campus Unisinos São Leopoldo. O tema de sua palestra é “Redes de Design estratégico para sustentabilidade e a inovação social. Saiba mais em <http://bit.ly/2ccywT3>.”

**Confira a entrevista.**



## *O design é umas das maneiras para expressar a capacidade humana de criar, de imaginar e praticar alternativas que desafiem e até subvertem o status quo*

**IHU On-Line - O que é o design estratégico e que diferenças há entre esse tipo de design e um design “tradicional”, digamos assim?**

**Carlo Franzato** - O design é umas das maneiras para expressar a capacidade humana de criar, de imaginar e praticar alternativas que desafiem e até subvertem o status quo. Sua especificidade está no desenvolvimento de dispositivos que possibilitem transformar o mundo em um mundo melhor.

Não existe um design “tradicional”. Esta expressão soa até um pouco estranha, pois o design é intimamente relacionado com a inovação. Mas entendo seu sentido, refere-se aos inúmeros designs *de...* Historicamente, o design evoluiu dando cada vez mais importância ao tipo de dispositivo desenvolvido, mais do que concentrando-se no método de design. Assim, assistimos a uma multiplicação de design *de* produto, design *de* interiores, design *de* moda ou ainda, mais recentemente, design *de* serviços, design *de* experiências, etc. Funcionam similarmente as locuções design gráfico, design digital, design interativo, etc. Em todos os casos, o complemento passou a dividir abordagens metodológicas supostamente diferentes.

O adjetivo “estratégico” não pretende identificar mais um dispositivo a ser desenvolvido e, logo, mais uma abordagem. Pelo contrário, pretende recuperar a centralidade do método de design e valorizar importância de seu desafio último e maior: a transformação do mundo, sua inovação.

Este é efetivamente um desafio grande, tanto importante, quanto difícil. A complexidade do mundo contemporâneo ou, melhor, a consciência que hoje temos da complexidade do mundo torna difícil nossa ação. Pode ser até paralisante, pois sabemos que, mesmo agindo com toda nossa inteligência e boa intenção, podemos errar. E também acertando, imprevistos repentinos podem intervir na nossa ação, anulando-a ou alterando seus êxitos. Finalmente, poderíamos até chegar a alcançar êxitos contrários ao desejado. Por isso, a estratégia se torna necessária, para vencer o medo dos erros e dos imprevistos e conseguir agir, e também para estar prontos a corrigir o curso da ação.

### **De projeto a design**

Na metalinguagem da disciplina, plano, programa e projeto possuem significados distintos. O plano ocorre antes da ação, vislumbrando seu curso e desdobrando-o no horizonte temporal. Similarmente, o programa predispõe a ação e, quando inicializado, segue executando-a decidida e invariavelmente. Ao invés, o projeto não possui esta confiança. Não descreve realidades conhecidas, mas explora o desconhecido. Não opera sobre a certeza, mas avança através da possibilidade. Assim, o projeto não vem antes da ação, mas se manifesta com a ação, no desconhecido, pela possibilidade. A aceitação do erro e dos imprevistos é inerente a esta maneira de agir.

Se no português, “projeto” é apenas substantivo, no inglês, “de-

sign” é também verbo, reforçando esta concepção de design como ação e também como estratégia. Efetivamente o adjetivo “estratégico” começa a soar redundante perto do substantivo “design”. Mas tal redundância é provavelmente necessária neste esforço de enfrentar a complexidade, de recuperar a centralidade do método e de valorizar a inovação.

**IHU On-Line - A partir disso, o que são redes de design estratégico? Em que medida essas redes primam pelo pensamento sistêmico, e não mais aquele de um “designer solitário”?**

**Carlo Franzato** - Como método de ação estratégica, o design deve ser considerado um processo organizacional. No paradigma da complexidade, e aqui incluindo as noções de sistema aberto e de ecossistema, tal processo envolve não somente um “designer solitário”, mas todo o ecossistema de ação: o meio organizacional (escritórios de design, empresas e demais organizações), o mercado, a sociedade e o meio-ambiente. Assim, o processo de design é considerado e desenvolvido no âmbito das múltiplas relações ecossistêmicas instauradas na ação projetual.

Ademais, no cenário da sociedade da informação e da economia do conhecimento, a prática projetual de relações não é mais uma oportunidade acessória para o processo de design estratégico, mas se transfere para seu cerne. Chamo de “redes de projeto” o sistema aberto e dinâmico dos atores envolvidos em um projeto, articulados por meio de relações colaborativas. E chamo “projeto em rede” a prática projetual dessas relações. As expressões “redes de design” e “design em rede” são equivalentes.

O encontro entre organização em rede e design estratégico promove uma mudança metodológica em direção a permitir e promover os processos de estruturação de relações ecossistêmicas e de sua prática projetual. Assim compreendido, o efeito mais significativo das redes de design estratégico é a organiza-

ção e a contínua reorganização das relações e das atividades que são desenvolvidas no ecossistema das empresas públicas e privadas, das ONGs e das demais organizações.

**IHU On-Line - Em que sentido essas redes se conectam com a sustentabilidade e a inovação social?**

**Carlo Franzato** - Como falamos, o design está relacionado à transformação do mundo e assim é orientado para o futuro. Logo, é estritamente ligado à sustentabilidade que, segundo a declaração do Rio<sup>1</sup>, é característica desses processos de desenvolvimento que, ao mesmo tempo em que possibilitam às gerações presentes o alcance de seus objetivos, garantem às gerações futuras as mesmas oportunidades.

Há uma grande tradição de design para a sustentabilidade, ligada ao desenvolvimento de produtos, serviços e sistemas produto-serviço, cujos processos de produção e consumo tenham um impacto ambiental minimizado. É um âmbito de estudo interdisciplinar para o qual convergem especialistas não somente do design, mas também da engenharia, da administração e de outras áreas.

Hoje, porém, temos consciência que a minimização do nosso impacto sobre o planeta não é suficiente para alcançar a sustentabilidade. O caminho rumo à sustentabilidade requer uma mudança radical na nossa concepção de habitar o mundo. Devemos mudar nossa ideia de

<sup>1</sup> O entrevistado refere-se à Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, construída a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 3 e 14 de junho de 1992. O texto está disponível em <http://bit.ly/2d3D4fB>. (Nota da **IHU On-Line**)

desenvolvimento e de bem-estar, ou seja, devemos passar de uma sociedade que associa seu bem-estar ao crescimento contínuo de sua capacidade de produção e consumo, para uma sociedade que se avança ecossistemicamente, melhorando a qualidade do meio socioambiental. Para tanto, é necessário começar um processo de aprendizagem e inovação social.

As redes de design estratégica podem trabalhar justamente

“

**Como método de ação estratégica, o design deve ser considerado um processo organizacional**

neste sentido, pois pressupõem uma perspectiva ecossistêmica que não privilegia o ponto de vista de um indivíduo ou de uma organização, mas que considera a complexidade de nossa sociedade na sua íntima articulação com o meio ambiente que a hospeda. A partir desta perspectiva, a mudança metodológica prospectada disponibiliza o design estratégico como uma tecnologia social para inovar a sociedade e, logo, alcançar a sustentabilidade.

### Projeto em Rede

O projeto em rede se torna fundamental, pois, não somente permite alcançar soluções que melhorem a qualidade do meio socioambiental, mas também permi-

te de fazê-los juntos. Às redes de design estratégico são participadas por uma pluridiversidade de atores em ação colaborativa que, projetando, aprendem a agir para a inovação social e a sustentabilidade. O potencial de transformação passa das mãos de poucos especialistas para as mãos de quem queira participar.

**IHU On-Line - Em que sentido se promovem relações transdisciplinares a partir das redes de design estratégico?**

**Carlo Franzato** - A complexidade e a perspectiva ecossistêmica estão diretamente relacionadas com a transdisciplinaridade. Os processos de organização em rede, de colaboração e, como tais, os processos de projeto em rede demandam um trabalho transdisciplinar.

No projeto em rede, tendo competências projetuais específicas, os designers assumem um papel de facilitadores processuais, habilitando o processo e compartilhando os insumos que o alimentam, e de mediadores de relações colaborativas, promovendo o diálogo e a construção coletiva. Assim, os designers se tornam protagonistas de uma ampla rede de atores que contribuem direta ou indiretamente para a elaboração estratégica e a inovação, incluindo especialistas de diversas disciplinas e pertencentes a diversas empresas e outros tipos de organização, bem como pessoas de maneira geral. O design se transforma em uma plataforma transdisciplinar que sustenta a convergência dos especialistas e dos demais atores que integram essa produtiva rede de colaboração. ■

## LEIA MAIS...

— *Design e criação de significados*. Revista IHU On-Line, número 189, de 31-7-2006, disponível em <http://bit.ly/2cwnrhk>

# Os heróis nacionais apagados pela repressão

Rafael Guimaraens destaca a importância de se recontar histórias como a do sargento Soares. Para ele, é por essas vidas apagadas pelo regime que se pode chegar à face da ditadura militar no Brasil

Por João Vitor Santos

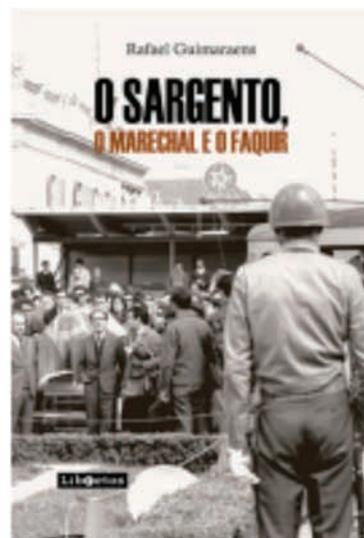
A história da ditadura militar no Brasil é ainda como um grande mosaico com pontos vazados, um período da história envolto em muita névoa. O jornalista e escritor Rafael Guimaraens acredita que só será possível completar esse mosaico e olhar com clareza para esse período do Brasil quando se fizer a devida memória de personagens que viveram toda dureza e atrocidade desse momento. “Nenhum país do mundo superou períodos traumáticos com base no esquecimento. Pelo contrário, a verdade é essencial para uma Nação se reerguer. Por isso, é preciso lembrar, pesquisar histórias não contadas, encontrar personagens desconhecidos e construir a memória de toda a dramaticidade que a ditadura representou”, diz. É esse desejo que o inspira no livro *O sargento, o marechal e o faquir* (Porto Alegre: Libretos, 2016), lançado recentemente. A obra reconstrói o que foi “um dos primeiros e mais violentos crimes cometidos pela ditadura, que foi o assassinado do sargento Manoel Raymundo Soares”.

A publicação é resultado de suas pesquisas sobre o fato, conhecido no Rio Grande do Sul como “Caso das Mãos Amarradas”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Guimaraens destaca a importância desse sargento, encontrado morto com as mãos amarradas, logo no começo do regime militar. “Creio que o sargento Soares tem todas as características e qualidades para ser considerado um herói nacional”, destaca. O jornalista ainda lembra que o militar era extremamente dedicado, disciplinado e colaborativo. Entretanto, tais características não o faziam cego, sendo ainda capaz de lutar contra o que achava errado. “Sua

resistência ao autoritarismo nas Forças Armadas e, posteriormente, ao golpe, diz respeito à politização decorrente de suas leituras e do enorme senso de justiça. Era um ser humano preocupado com seu povo, que sofria com a fome e a desesperança”, analisa.

**Rafael Guimaraens** é jornalista. Trabalhou no Co-jornal, periódico que foi publicado mensalmente e editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre entre 1974 e 1982. Também atuou como editor de política no *Diário do Sul*. É autor dos livros *Tragédia da Rua da Praia* (Porto Alegre: Libretos, 2005), vencedor do Prêmio O Sul Nacional e os Livros como melhor narrativa longa, em 2005; *A Enchente de 41* (Porto Alegre: Libretos, 2013), eleito melhor livro de não-ficção da Associação Gaúcha de Escritores; *Teatro de Arena - Palco de Resistência* (Porto Alegre: Libretos, 2007), vencedor do Prêmio Açorianos, Livro do Ano, em 2009. Entre outras produções artísticas, é autor do roteiro Musical da *Legalidade*, encenado diante do Palácio Piratini, com direção de Luciano Alabarse. O jornalista ainda integrou a Comissão da Verdade do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul.

**Confira a entrevista.**



O Sargento, o Marechal e o Faquir  
(Libretos: Porto Alegre, 2016)



## Muitas iniciativas como a revisão da Anistia esbarraram no Judiciário, com a cumplicidade do Congresso e da grande mídia

IHU On-Line - Que história da ditadura militar no Brasil revela *O sargento, o marechal e o faquir* (Porto Alegre: Libretos, 2016)?

Rafael Guimaraens - Ele trata do chamado “Caso das Mãos Amarradas”, um dos primeiros e mais violentos crimes cometidos pela ditadura, que foi o assassinato do sargento Manoel Raymundo Soares. Seu corpo foi encontrado junto à Ilha das Flores<sup>1</sup>, em Porto Alegre, com as mãos atadas às costas, após ser preso em uma emboscada. Ele foi barbaramente torturado durante oito dias e mantido ilegalmente por cinco meses na Ilha do Presídio<sup>2</sup>.

IHU On-Line - Como o senhor compreende a figura de Manoel Raymundo Soares? Qual foi

<sup>1</sup> **Ilha das Flores:** é um vilarejo de uma das ilhas no Lago Guaíba, que banha a capital gaúcha. É uma área deflagrada como de intensa pobreza. No curta-metragem *Ilha das Flores* (1989), é possível se ter ideia da tamanha pobreza desse lugar. Confira o filme em <http://bit.ly/2cmrTSK> (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Ilha do Presídio:** é uma ilha fluvial, situada no Lago Guaíba, em Porto Alegre. Também é denominada de Ilha das Pedras Brancas ou ainda Ilha da Pólvora. As construções existentes na ilha ocorreram entre 1857 e 1860 e originalmente sediaram o quarto paiol de pólvora de Porto Alegre, ficando sob uso do exército até 1930. A partir de 1940 a Ilha passa a ser administrada pelo Estado que utiliza o espaço, nos anos de 1947 a 1948, como laboratório de pesquisa animal, com foco na peste suína. A transformação da ilha em um presídio ocorre em 1950 e inicialmente recolhe jovens com delitos leves, pessoas com problemas psiquiátricos e menores de idade. Com o início da Ditadura Militar no Brasil o presídio passa a ser utilizado como espaço de detenção para presos políticos, perseguidos pelo regime autoritário. (Nota da IHU On-Line)

seu papel no movimento dos sargentos<sup>3</sup>?

Rafael Guimaraens - Foi um dos principais líderes do Comando dos Sargentos, uma espécie de vanguarda do movimento de sua categoria por dignidade e direito à representação parlamentar. Autodidata, de origem muito humilde, mudou-se de Belém do Pará para o Rio de Janeiro, com o objetivo de servir ao Exército. Com 20 anos já atingira o posto de sargento. Por sua inquietação e senso de Justiça, envolveu-se na mobilização dos sargentos, cujos representantes eleitos em 1962 foram cassados. Com a radicalização da conjuntura pré-golpe, seu grupo passou a defender as reformas de base propostas pelo Governo Jango<sup>4</sup>. Por sua in-

<sup>3</sup> **Revolta dos Sargentos:** foi uma rebelião promovida por cabos, sargentos e suboficiais, sobretudo da Força Aérea e da Marinha do Brasil, em 12 de setembro de 1963, em Brasília, motivada pela decisão do Supremo Tribunal Federal de reafirmar a inelegibilidade dos praças para os órgãos do Poder Legislativo, conforme previa a Constituição de 1946. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **João Belchior Marques Goulart ou Jango** (1919-1976): presidente do Brasil de 1961 a 1964, tendo sido também vice-presidente, de 1956 a 1961 – em 1955, foi eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: fase parlamentarista (da posse, em janeiro de 1961, a janeiro de 1963) e fase presidencialista (de janeiro de 1963 ao golpe militar de 1964). Jango fora ainda ministro do Trabalho entre 1953 e 1954, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi deposto pelo golpe militar do dia 1º de abril de 1964 e morreu no exílio. Confira a entrevista “*Jango era um conservador reformista*”, com Flavio Tavares, de 19-12-2006, em <http://bit.ly/ihu191206>; *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, com Oswaldo Munteal, de 27-08-2007, em <http://bit.ly/ihu270807>. Confira também as entrevistas com Lucília de Almeida Neves Delgado

teligência e formação política, era um dos estrategistas do Comando dos Sargentos.

IHU On-Line - Relatos de casos de insurgência no Exército, ainda mais no período da ditadura militar, são bem pouco conhecidos. O que faz com o que o “Caso das Mãos Amarradas” se torne público e tão conhecido?

Rafael Guimaraens - Na época, ainda não havia a censura ferrenha à imprensa, decretada pelo AI<sup>5</sup>, dois anos mais tarde. Assim, a descoberta do corpo teve grande repercussão pela brutalidade do crime, até porque inicialmente não se sabia que se tratava de um perseguido político.

IHU On-Line - De que forma é possível compreender resistências à ditadura a partir da figura e da experiência de Manoel Raymundo Soares?

Rafael Guimaraens - O sargento Soares era um servidor exemplar, disciplinado e colaborativo, como demonstra seu prontuário, a que tive acesso. Sua resistência ao autoritarismo nas Forças Armadas e, posteriormente, ao golpe, diz respeito à politização decorrente de suas leituras e do enorme senso de

intituladas *O Jango da memória e o Jango da História*, publicada na edição 371 da IHU On-Line, de 29-08-2011, em <http://bit.ly/ihuon371> e “*Dúvidas sobre a morte de Jango só aumentam*”, de 05-08-2013, em <http://bit.ly/ihu050813>. Veja ainda “*João Goulart foi, antes de tudo, um herói*”, com Juremir Machado, de 26-08-2013, em <http://bit.ly/ihu260813> e *Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país*, com João Vicente Goulart, de 13-03-2014, em <http://bit.ly/ihu130314>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> **AI-5** (Ato Institucional Número Cinco): decretado pelo general Arthur da Costa e Silva, que ocupava a cadeira de presidente, em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime militar poderes políticos absolutos. A primeira consequência do AI-5 foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. O ato representou o ápice da radicalização do regime de exceção e inaugurou o período em que as liberdades individuais foram mais restringidas e desrespeitadas, constituindo-se em movimento final de “legalização” da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da IHU On-Line)

justiça. Era um ser humano preocupado com seu povo, que sofria com a fome e a desesperança.

**IHU On-Line - Como o assassinato do sargento Soares se constitui em ato contra a ditadura? Que aproximações são possíveis de se fazer com as práticas e casos de tortura que vieram anos depois no período mais pesado do regime militar no Brasil?**

**Rafael Guimaraens** - A tortura já existia. Vários opositores do regime, incluindo companheiros de Soares, foram torturados logo após o golpe. Um deles, Manuel Alves, suicidou-se após ter sido cruelmente torturado nos primeiros dias de abril de 1964. A partir do AI5, a tortura tornou-se sistemática, aliada à parte de direitos que existiram nos primeiros anos da ditadura, como o *habeas corpus*.

**IHU On-Line - Como observa a figura do marechal Castelo Branco<sup>6</sup> e seu papel na fixação do regime ditatorial - e linha dura - no Brasil?**

**Rafael Guimaraens** - É um tema polêmico, mas acredito que Castelo Branco pretendia que a presença dos militares no poder fosse mais curta. Tratava-se de afastar

<sup>6</sup> **Humberto de Alencar Castelo Branco** (1897-1967): militar e político brasileiro. Foi um dos articuladores e primeiro presidente do período do Regime Militar instaurado pelo golpe militar de 1964. Os principais objetivos da intervenção militar eram impedir que o comunismo se instaurasse no Brasil, através do governo eleito de João Goulart, influenciado pelo seu cunhado Leonel Brizola, e aproximar o Brasil dos Estados Unidos. Uma das primeiras medidas de seu governo foi o rompimento de relações diplomáticas com Cuba, assinalando a mudança de orientação da política externa brasileira, que passou a buscar apoio econômico, político e militar nos Estados Unidos. Era filho do general Cândido Borges Castelo Branco e de Antonieta Alencar, membro da família do escritor José de Alencar. (Nota da **IHU On-Line**)

o "perigo" do comunismo, cassando, prendendo e exilando os oposicionistas mais ativos, fechando as entidades que resistiam à ditadura, enfim, limpando a área para a volta de uma democracia formal, livre de riscos. Mas foi pressionado pelos setores mais duros das Forças Armadas a adotar novas medidas autoritárias. Queria ficar na história como o presidente que livrou o Brasil do comunismo e reinstaurou a democracia. Porém, ficou marcado como um presidente autoritário, um ditador.

## “ Nenhum país do mundo superou períodos traumáticos com base no esquecimento

**IHU On-Line - Qual a importância de se recontar, fazer a memória, de tantas histórias de vítimas, muitas figuras pouco conhecidas, quase anônimas? Em que medida essas histórias contribuem para tecer o mosaico desse período da História do Brasil?**

**Rafael Guimaraens** - É produção de memória, um antídoto ao esquecimento implantado no Brasil pela Lei da Anistia<sup>7</sup>. Nenhum

<sup>7</sup> **Lei da Anistia:** Lei n° 6.683, de 28 de agosto de 1979, promulgada pelo então presidente, general João Figueiredo, após ampla mobilização social, ainda durante o regime militar. Na primeira metade dos anos 1970, surgiu o Movimento Feminino pela Anistia, liderado por Therezinha Zerbini. Em 1978 foi criado, no Rio de Janeiro, o Comitê Brasileiro pela Anistia, congregando várias entidades da sociedade civil, com sede na Associação Brasileira de Imprensa. A luta pela anistia aos presos e perseguidos políticos foi prota-

país do mundo superou períodos traumáticos com base no esquecimento. Pelo contrário, a verdade é essencial para uma Nação se reerguer. Por isso, é preciso lembrar, pesquisar histórias não contadas, encontrar personagens desconhecidos e construir a memória de toda a dramaticidade que a ditadura representou.

**IHU On-Line - Ainda sobre a grande nebulosidade que se tem acerca do regime militar no Brasil, não seria momento de se apostar e voltar às histórias da ditadura apagadas pela repressão e censura? Com relação ao jornalismo, qual seu papel nesse processo?**

**Rafael Guimaraens** - Há um déficit muito grande de informações e providências. Mesmo os governos de Lula e Dilma Rousseff, de quem se poderia esperar medidas para o esclarecimento daquele período, foi tímido. Fizeram algumas coisas, mas foram insuficientes. É certo que muitas iniciativas como a revisão da Anistia esbarraram no Judiciário, com a cumplicidade do Congresso e da grande mídia.

**IHU On-Line - No que a história *O sargento, o marechal e o faquir* pode nos inspirar para os dias de hoje?**

**Rafael Guimaraens** - Pode inspirar no sentido de valorizar os que se posicionaram contra o autoritarismo e defenderam o povo. Neste sentido, creio que o sargento Soares tem todas as características e qualidades para ser considerado um herói nacional. ■

gonizada por estudantes, jornalistas e políticos de oposição. No Brasil e no exterior foram formados comitês que reuniam filhos, mães, esposas e amigos de presos políticos para defender uma anistia ampla, geral e irrestrita a todos os brasileiros exilados no período da repressão política. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

– *A história do sargento rebelde*. Reportagem do jornal Zero Hora, reproduzida nas **Notícias do Dia** de 11-8-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2bC5U15>.

# A emergência da perspectiva ecológica para além da economia de baixo carbono

Para Gisella Colares Gomes, a preservação ambiental passa pelo desafio de vencer a lógica da financeirização que escraviza os recursos naturais. Porém, alerta para saídas que podem não dar conta desse desafio

Por Ricardo Machado | Edição João Vitor Santos

**A** economia de baixo carbono entrou no debate sobre a necessidade de proteção de recursos naturais como uma nova moda, capaz de aliar essa ideia de preservação com a manutenção da produtividade. A economista Gisella Colares Gomes alerta sobre os limites dessa perspectiva. Além disso, pensar em calcular os bens naturais como qualquer outro tipo de bem de consumo nada mais faz do que reiterar a lógica da financeirização ao invés de subvertê-la. “Os recursos naturais não são semelhantes a outro fator de produção qualquer que não pode criar a base material sobre a qual irá operar”, alerta. “O capital construído é complementar ao capital natural, e não seu substituto. Esta seria uma primeira limitação. Outra limitação relaciona-se à dificuldade de mensuração da produtividade dos fatores de produção, a começar pelo não reconhecimento do valor intrínseco dos recursos naturais, pois são contabilizados apenas custos de extração e processamento”, completa.

Gisella entende que a mudança deve ser de paradigma. “O desafio real e relevante é mudar o padrão de consumo e melhorar a distribuição dos fatores de produção, o que envolve a transformação das estruturas

econômicas e políticas”, indica. Assim, vê o decrescimento econômico como “um paradigma que pode tornar nossa civilização viável”. “Precisamos alcançar novos valores e inverter nossas prioridades. O mercado não deve estar acima dos direitos humanos e sociais. O crescimento econômico ou o desenvolvimento não resolveu os grandes problemas civilizacionais colocados”, analisa. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ainda provoca a ir além na concepção desse decrescimento. “É uma proposta filosófica diferente para o conceito de satisfação e prazer. É pensar a transformação da natureza com o objetivo de suprir toda a humanidade de condições dignas de vida, e não suprir uma elite de bens luxuosos produzidos no sistema baseado na diferenciação dos produtos”.

**Gisella Colares Gomes** é economista e voluntária da Auditoria Cidadã da Dívida. Doutora em Gestão e Política Ambiental do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília - UNB, possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará - UFC e mestrado em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná - UFPR.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - A economia de baixo carbono tem aparecido como uma alternativa sustentável aos desafios ambientais. Quais são os limites e as possibilidades desta perspectiva?**

**Gisella Colares Gomes - A economia de baixo carbono é a aplicação do princípio de redução da intensi-**

**dade do uso de recursos naturais e o aumento de sua produtividade (decoupling) ao uso dos combustíveis fósseis, com o objetivo de manter o bem-estar ou a utilidade sem comprometer a estabilidade dos ecossistemas. Pensando no aumento da produtividade de qualquer recurso natural, percebemos a crença de**

**que o progresso tecnológico sempre trará soluções de elevação da produtividade e possibilidades de substituição de fatores de produção. Isto significa que o capital construído pelo homem é capaz de substituir o capital natural.**

**Todavia, os recursos naturais não são semelhantes a outro fator de**

produção qualquer que não pode criar a base material sobre a qual irá operar. Os recursos naturais constituem essa base e a essência do processo econômico. Sempre será necessária uma quantidade, mesmo que diminuta, de recursos naturais para que o trabalho e o capital possam dar movimento ao processo econômico. Isto é, o capital construído é complementar ao capital natural e não seu substituto. Esta seria uma primeira limitação.

Outra limitação relaciona-se à dificuldade de mensuração da produtividade dos fatores de produção, a começar pelo não reconhecimento do valor intrínseco dos recursos naturais, pois são contabilizados apenas custos de extração e processamento. Isto pode ser observado no cálculo da produtividade total dos fatores que mede o aumento da quantidade de produto que não é explicado pelo aumento da produtividade de um fator isoladamente. A produtividade total mede o incremento da produtividade conjunta dos fatores de produção, dado que os fatores são complementares e não substitutos. Esta imprecisão tem reflexo na eficiência alocativa, porque o sistema de preços não reflete a escassez absoluta dos recursos naturais, comprometendo todo o processo.

## O desafio real e relevante

Do ponto de vista prático, observou-se que a economia de carbono não se apresentou uniforme nos vários setores (transportes, indústria, serviços, consumo residencial etc.) e que existe uma alta correlação entre o uso de energia e emissões de carbono em baixos padrões de vida e *decoupling* para altos padrões de vida. Isto é, o *decoupling* não é facilmente implementável em economias em desenvolvimento. Assim, não será o progresso técnico a solução para o nível de consumo do carbono e de outros recursos naturais. O desafio real e relevante é mudar o padrão de consumo e melhorar a distribuição dos fatores de produção, o que en-

volve a transformação das estruturas econômicas e políticas.

### IHU On-Line - Qual o papel dos instrumentos econômicos na política ambiental?

**Gisella Colares Gomes** - Os instrumentos econômicos de política ambiental partem do pressuposto de que os problemas ambientais são resultado de falhas de mercado, o qual não atribui preço aos bens ambientais e ecossistêmicos (externalidades) porque se caracterizam como bens públicos, os quais são não rivais e não exclusivos, portanto de difícil definição de seus limites e direitos de propriedade. Porém, é suficiente a internalização em termos monetários do valor estimado ou revelado por metodologias de valoração dos recursos naturais para que a alocação seja eficiente.

No caso da sustentabilidade intergeracional, a economia ambiental pressupõe que as preferências das gerações futuras serão iguais às preferências da geração presente e que uma alocação intertemporal ótima é alcançada aplicando a regra de *Hottelling*<sup>1</sup> em uma função de bem-estar intertemporal. Argumenta-se que as preferências são consideradas dadas porque sua mudança é exógena ao sistema econômico ainda que seja endógena para o sistema social como um todo. Esta regra, além de ignorar a natureza entrópica do sistema eco-

nômico, demonstra que o foco está em estabelecer preços de mercado para os recursos naturais, e não com seu valor social como bem público.

Assim o mercado espontaneamente trará a maximização da utilidade e da produção no ponto onde receita marginal for igual ao custo marginal. Estes instrumentos visam influenciar o comportamento dos agentes, afetando os custos e benefícios de ações econômicas alternativas. Na verdade, o que acontece é a transformação dos bens públicos e ambientais em commodities.

A literatura fornece muitas limitações sobre a operacionalidade destes instrumentos, desde a impossibilidade de conhecimento dos custos marginais em nível ótimo de alocação dos recursos para a taxa de Pigou<sup>2</sup>; reduções da produção para um nível menor que o socialmente ótimo em mercados imperfeitos no critério de custo efetividade; custos de transações proibitivos devidos aos efeitos espacialmente diferenciados e estruturas de mercado concentradas para permissão de emissões. No caso das técnicas de valoração, objetiva-se possuir uma única medida de valor para os complexos e inter-relacionados atributos ambientais. Todavia, este procedimento resulta em importante perda de informação do significado individual e coletivo dos recursos naturais. Observa-se que para a economia ambiental a sustentabilidade ou é a perpetuação da utilidade genérica ou é um critério exógeno de qualidade ambiental desejada.

<sup>2</sup> **Taxa pigouviana** (também conhecida por imposto pigouviano): tributo aplicado a uma atividade de mercado que esteja gerando negativas externalidades (custos a alguém que não seja a pessoa a quem o tributo é imposto). A taxa destina-se a corrigir uma ineficiência outcome de mercado, e o faz ao ser posta de forma equalitária ao custo social das externalidades negativas. Na presença de externalidades negativas, o custo social de uma atividade de mercado não é coberto pelo custo privado da atividade. Nesse caso, o outcome de mercado eficiente e pode levar a excesso de consumo do produto. Um exemplo frequentemente citado de tal externalidade é a poluição ambiental. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> **Harold Hotelling** (1895-1973): foi um estatístico matemático e um influente teórico econômico. Foi Professor Associado de Matemática na Universidade Stanford de 1927 a 1931, membro da faculdade da Universidade Columbia de 1931 a 1946 e um Professor de Estatística Matemática na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill de 1946 até sua morte. Hotelling é conhecido pelos estatísticos devido à distribuição T-quadrado de Hotelling e seu uso nos testes de hipóteses e intervalos de confiança. Ele também introduziu a análise de correlação canônica. Enquanto esteve na Universidade de Washington, ele foi encorajado a passar da matemática pura para a economia matemática pelo famoso matemático Eric Temple Bell. Mais tarde, na Universidade Columbia, Hotelling por sua vez encorajou o jovem Kenneth Arrow a passar da matemática e estatística aplicada para estudos atuariais através de aplicações mais gerais da matemática na teoria econômica geral. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - De que forma é possível pensar um tipo de economia para além do paradigma da financeirização?**

**Gisella Colares Gomes** - Pela mudança de paradigma na forma de pensar e conceber a vida, o sistema econômico e a tecnologia. Vivemos um período de crises de todos os tipos e a percepção é de que tudo está errado e ultrapassado. Não podemos mais prever tendências com precisão, não conseguimos determinar a causa dos acontecimentos, convivemos com a incerteza. O que mudou? Mudou a realidade, a qual se tornou mais complexa, mas continuamos a pensar que o homem e suas criações são superiores e suplantam todo revés da realidade. Este paradigma do conhecimento deve ser transcendido para reconhecer que o homem muito pode realizar no meio em que vive, mas muito pouco soube realizar do universo que existe em sua consciência, que não se restringe à inteligência.

Senão, vejamos, a corrente do pensamento econômico dominante vê o sistema econômico descontextualizado, ele existe no vácuo. Dentro deste sistema tudo é mensurável e controlável e as políticas propostas são inquestionáveis.

## **Crise ambiental**

Todavia, a crise ambiental nos fez lembrar que não estamos em um vácuo. Somos um subsistema que troca matéria e energia com o meio ambiente. Antes de tudo, estamos submetidos às leis da natureza e os processos naturais são governados pela lei da entropia (a entropia mede a energia disponível para o trabalho a cada transformação realizada).

Com esta amplitude de percepção compreendemos que a natureza nos fornece um estoque de riqueza não renovável como solo, minerais, água, petróleo, biodiversidade etc. O estoque de bens naturais é a origem da riqueza econômica. Cada vez que o homem vai à natureza e se apropria de uma parte dela para produzir bens úteis à sua sobrevi-

vência, ele está destruindo riqueza natural (lei da entropia). Para Frederick Soddy<sup>3</sup>, o erro fundamental da economia foi confundir riqueza, uma magnitude de dimensão física irredutível, com dívida e dinheiro, convenções sociais de natureza matemática e imaginária. Porque no passado a aristocracia recebia renda de arrendamento da terra, sem trabalhar, pelo simples fato de ser "proprietária", nos dias de hoje o simples fato de ser possuidor de um montante de dinheiro leva a acreditar que aplicando na esfera financeira, sem trabalhar, fará este montante criar riqueza.

Nesta transação não existem transformações qualitativas de riqueza real, nem de bens imateriais como os serviços e o conhecimento, trata-se apenas de uma acumulação quantitativa em termos monetários. Todavia, se isto é possível em uma perspectiva individual e micro, em nível macroeconômico, da sociedade como um todo, o risco sistêmico demonstra que os princípios e a ética das leis e convenções sociais não podem ir de encontro às leis da termodinâmica por muito tempo. Esta lógica possui o potencial de destruição de importantes instituições da sociedade e da economia real, como a boa utilização do instrumento de endividamento público, trazendo prejuízos de ordem produtiva e de desigualdade distributiva. Por isso,

<sup>3</sup> **Frederick Soddy** (1877-1956): químico inglês, trabalhou como pesquisador em Oxford de 1898 a 1900. De 1904 a 1914 foi professor na Universidade de Glasgow e foi nesta instituição que demonstrou que o urânio se transformava em rádio. Foi ali também onde demonstrou que os elementos radioativos podem possuir mais de um peso atômico. Estas investigações permitiram a descoberta do elemento radioativo chamado protactínio, trabalho realizado independentemente por Soddy na Inglaterra e Otto Hahn e Lise Meitner na Alemanha. De 1914 a 1919 foi professor na Universidade de Aberdeen, onde realizou pesquisas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial. Recebeu o Nobel de Química de 1921, por suas notáveis contribuições para o conhecimento das substâncias radioativas. Se interessou também pela tecnocracia e os movimentos sociais, que refletiu no seu livro *Money versus Man* (1933). Escreveu também *The Interpretation of Radium* (1922), *The Story of Atomic Energy* (1949) e *Atomic Transmutation* (1953). (Nota da **IHU On-Line**)

é preciso repensar os valores que se constituem no pano de fundo dos conceitos e políticas propostas pelo *mainstream* econômico. Afinal, porque uma esfera que nada produz em termos de transformações qualitativas para o bem-estar real da sociedade, apenas cria uma riqueza imaginária e psicológica para poucos indivíduos, tem prevalência sobre concretude da vida em perspectiva sistêmica?

**IHU On-Line - A senhora percebe o decrescimento como uma alternativa economicamente viável? De que forma?**

**Gisella Colares Gomes** - Para mim o decrescimento é um paradigma que pode tornar nossa civilização viável. A pergunta não é se ele é economicamente viável, é se ele é politicamente viável. Temos de acabar com esta supremacia da economia, principalmente da forma como ela está concebida na sociedade atual. Precisamos alcançar novos valores e inverter nossas prioridades. O mercado não deve estar acima dos direitos humanos e sociais. O crescimento econômico ou o desenvolvimento não resolveu os grandes problemas civilizacionais colocados.

Herman Daly<sup>4</sup> observou que o crescimento econômico medido pelo crescimento do produto nacional bruto seria a única variável que não estaria limitada pelo princípio de que os benefícios marginais deveriam igualar-se aos custos marginais. A restrição é admitida apenas ao nível micro, das partes, no qual, o sistema de preços sendo a medida da escassez relativa, garante uma alocação ótima, não existindo escassez absoluta. Pre-

<sup>4</sup> **Herman Daly** (1938): economista e professor estadunidense na Escola de Política Pública de College Park, nos Estados Unidos. A ele é geralmente atribuída a ideia de crescimento deseconômico. Confira a entrevista concedida por Daly às Notícias Diárias do site do IHU, em 13-08-2011, disponível para download em <http://bit.ly/15ezMV>. A edição 485, de 16-05-2016, traz uma resenha do livro *Economia ecológica. Princípios e Aplicações* (Lisboa: Instituto Piaget, 2004), de Herman Daly e Joshua Farley, assinada por José Roque Junges. Confira em <http://bit.ly/2cMFwVU>. (Nota da **IHU On-Line**)

cisamos aplicar este princípio da escala ótima à biosfera, considerando esta uma grande planta industrial, e não considerar todo o sistema econômico pode crescer indefinidamente.

Ivan Illich<sup>5</sup> observou que todo processo a partir de um determinado ponto torna-se irracional e prejudicial aos próprios atores. A proposta de decrescimento<sup>6</sup> tem consigo a crítica a tudo isto e vai além, ela trata da questão da distribuição da riqueza e dos frutos do trabalho no processo de crescimento. Assim, o decrescimento está intrinsecamente relacionado à equidade. Ao contrário do *mains-tream* econômico, os defensores do crescimento acreditam que as con-

dições iniciais de um sistema têm forte influência sobre o caminho que ele percorrerá. Isto é, a propriedade dos fatores de produção não é neutra neste processo. Neste sentido, o decrescimento aproxima-se de valores cristãos como o desapego, a caridade, a vivência em comunidade e o servir. Só assim podemos pensar que o bem coletivo possa estar presente nos corações e mentes e possibilitar o reconhecimento de que a pobreza e a má qualidade de vida atingem a todos. Não se vive em uma redoma. É urgente colocar o ser humano no centro dos nossos interesses e retirar as coisas e sua representação monetária deste lugar.

### Outra satisfação do prazer

É uma proposta filosófica diferente para o conceito de satisfação e prazer. É pensar a transformação da natureza com o objetivo de suprir toda a humanidade de condições dignas de vida, e não suprir uma elite de bens luxuosos produzidos no sistema baseado na diferenciação dos produtos. O processo de construção deste novo paradigma está em constante retroação entre a influência destes valores que modifica o indivíduo e a transcendência desta mudança para as instituições. Um processo não vem antes do outro. São processos interdependentes. De imediato não sentimos a presença deste processo porque o que é mais ressaltado na mídia é exatamente o contrário. Olhando de outra perspectiva, como fez Marcel Mauss<sup>7</sup>,

as relações mais comuns entre os homens não são as relações comerciais, são as relações de reciprocidade. Apesar dos novos processos de *enclosure* dos espaços públicos, a sustentação do equilíbrio dinâmico do processo civilizatório está no crescimento das relações de reciprocidade.

**IHU On-Line - De que forma é possível mensurar o impacto da dívida pública nas questões ambientais? Qual o impacto ambiental e social da dívida?**

**Gisella Colares Gomes** - Precisamos ter cuidado quando falamos de mensuração, porque a medida de algo não possui a capacidade de englobar todas as dimensões e informações sobre este algo. Trata-se de uma perspectiva traduzida em uma metodologia.

A dívida pública é o principal instrumento de dominação econômica da atualidade. Hoje ela não é mais um instrumento de financiamento estatal para os investimentos dinamizadores da economia. Ela se converteu em um grande sistema de transferência de renda da economia real para a acumulação virtual. A crença na possibilidade desta acumulação faz parte da totalidade do que é compreendido como sistema econômico. Dada a natureza concentradora das leis e políticas do sistema capitalista, a esfera virtual ou imaginária possui relativa autonomia da esfera real. É relativa porque necessita da constante transferência de recursos da economia real para alimentar sua bola de neve. É como um parasita. Assim não interessa quais bens reais serão produzidos ou como eles serão produzidos, o importante é gerar crescimento para alimentar este processo.

Assim temos um primeiro impacto que é a ausência de uma escala ecológica para o uso de recursos naturais no sistema econômico. Os produtos acabam tendo vida útil tecnológica curta e existe um grande desperdício de recursos naturais para essa produção desenfreada por diferenciação de produtos.

5 **Ivan Illich** (1926-2002): autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. A edição 46 da **IHU On-Line**, de 09-12-2002, dedicou-lhe a matéria de capa intitulada *Ivan Illich, pensador radical e inovador*, disponível em <http://bit.ly/2cBYkTN>. O pensamento do autor também é tema do artigo “Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?”, de Serge Latouche, publicado no **Cadernos IHU ideias** nº 164, disponível em <http://bit.ly/2cYefVS> (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Decrescimento sustentável**: “Não há a menor dúvida de que o desenvolvimento sustentável é um dos conceitos mais perniciosos”, escreveu em 1991 o economista Nicholas Georgescu-Roegen, o pai espiritual da corrente favorável ao decrescimento. Contrariamente aos defensores do crescimento zero, nos anos 1970, os adversários do desenvolvimento sustentável não se contentam em estabelecer a atividade econômica, mas de fazê-la decrescer. Eles consideram que não se pode querer resolver os problemas ecológicos aumentando a produção de bens e de serviços. O defensor mais conhecido desta corrente é o economista Serge Latouche. Suas teses são difundidas pelas revistas *Sciende e L'écologiste*. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU vem publicando uma série de texto que inspiram reflexões acerca da ideia de decrescimento. Entre eles “Mundo cheio e decrescimento”, publicado nas Notícias do Dia de 06-06-2016, disponível em <http://bit.ly/2ddlp7Y>. Serge Latouche é outro pensador que se dedica a refletir sobre o tema. Entre os diversos materiais dele publicados pelo IHU, destacamos as entrevistas “Decrescimento feliz”, publicada por La Repubblica, em 24-07-2016, e reproduzida nas Notícias do Dia de 27-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2ddnbWI>; e “O crescimento não pode ser uma religião. A sociedade do futuro deve ser frugal.”, publicada no jornal L'Unità, de 06-07-2016 e reproduzida nas Notícias do Dia de 07-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2cxQOOv>. Confira mais sobre “decrescimento” no site do IHU através do link <http://bit.ly/2ddmyNo>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Marcel Mauss** (1872-1950): sociólogo e antropólogo francês, refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, leia a entrevista de Alain Caillé publicada na **IHU On-Line** n.º 96, de 12-04-2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://migre.me/s99D>. O pensamento de Mauss foi o tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento Alternativas para outra economia, em 10-10-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

Um segundo impacto relaciona-se à questão da tecnologia de produção muitas vezes nocivas ao meio ambiente, mas utilizadas porque aumentam a renda a ser transferida por meio da dívida pública. Isto porque a dívida pública é a principal forma de acesso ao fundo público arrecadado pelo Estado. Hoje, a extração da mais-valia é mais complexa e ultrapassa os muros das fábricas. Chegamos ao terceiro impacto. As externalidades negativas da impossibilidade de redistribuir renda e garantir uma vida digna para todos.

A desigualdade resultante deste processo leva, dentre outros impactos, à ocupação desordenada do solo, pobreza, aparecimento de epidemias causadas pela ausência de saneamento básico e pela poluição. Neste sentido, antes de mensurarmos é preciso entender a dinâmica do processo por meio de descrições qualitativas que apontam para a ausência de valoração do que supostamente estaria fora do sistema econômico. Na perspectiva sistêmica o uso do estoque de recursos, os serviços ambientais e o uso da natureza como repositório de resíduos representam um débito para o proprietário dos recursos. A propriedade dos recursos naturais é um elemento primordial para as relações econômicas. Se a mensuração não levar em conta este aspecto, pouco contribuirá para a mudança das crises (ecoló-

gica, financeira, social etc.) que vivenciamos.

**IHU On-Line - Como superar o paradoxo entre o homem endividado e a dívida do sistema financeiro ao meio ambiente?**

**Gisella Colares Gomes** - Falar sobre dívida não trivial. Trata-se de um sistema com muitos níveis e rico em relações interdependentes. Vou trazer uma percepção bem acessível. Para mim, não existe paradoxo entre o homem endividado e o sistema financeiro em relação ao meio ambiente. O sistema financeiro, e mais, o sistema econômico, é construído pelos homens e por suas convenções sociais. Neste sentido todos são devedores em relação ao meio ambiente. Porém, o mais importante é que o desequilíbrio foi introduzido por estas convenções. A natureza oferece muitos recursos para a humanidade, e qualquer homem ou mulher poderia deles usufruir até o limite de suas necessidades ou até o limite de acumulação possível com a realização por seu trabalho pessoal diretamente em contato com a natureza. Se assim fosse não existiria desigualdade social, nem estaríamos ameaçando o ecossistema com as atividades antrópicas.

Porém, surge a propriedade privada. Ela foi criada por quem? O fato é que hoje é uma conven-

ção aceita por todos e os desapropriados acreditam que sua condição é natural. Da mesma forma o crédito. A moeda era intermediária das trocas e unidade de conta. A partir do momento que também adquiriu a função reserva de valor, por convenção social, possibilitou a acumulação em nível ainda maior, o que hoje se constitui em um instrumento de dominação e opressão. Tudo isto é uma escolha social e política. E são as convenções sociais da busca do crescimento infinito, da acumulação etc. que sugam da natureza a base material que aumenta nossa dívida para com o meio ambiente.

**IHU On-Line - Quais os desafios para alcançar uma matriz econômica que seja socialmente justa e ambientalmente correta?**

**Gisella Colares Gomes** - Creio que falamos durante toda a entrevista sobre isto. São muitos e grandes desafios. São de natureza tecnológica e de natureza existencial. É individual e coletivo. Enfim, é o processo de autoconhecimento como ser individual e simultaneamente coletivo e político. É a busca por um equilíbrio dinâmico nas relações intrapessoais, interpessoais e de todos com o meio ambiente. Isto deve se expressar por mudanças em nossas crenças e instituições. ■

## LEIA MAIS...

- *Financeirização, Crise Sistêmica e Políticas Públicas*. Revista IHU On-Line, número 492, de 5-9-2016, disponível em <http://bit.ly/2cBPqeL>.
- *Da dívida ecológica ao débito do sistema financeiro com os pobres*. Entrevista com Gaël Giraud, publicada na revista IHU On-Line, número 469, de 3-8-2015, disponível em <http://bit.ly/297QKms>.
- *A financeirização da vida*. Revista IHU On-Line, número 468, de 29-6-2015, disponível em <http://bit.ly/1UeXijs>.
- *Transição ecológica como caminho para estancar a crise econômica*. Resenha do livro *Ilusão financeira: dos subprimes à transição ecológica* (São Paulo Loyola, 2015), de Gaël Giraud, assinada por Róber Iturriet Avila e publicada na revista IHU On-Line, número 491, de 22-8-2016, disponível em <http://bit.ly/2d3mlch>.

**IHU** ON-LINE



INSTITUT  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# Tema de Capa

# Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho

Para Luís Augusto Fischer, trata-se de uma simbolização do fantasma da fronteira, uma maneira de o sul-rio-grandense continuar lutando com o inimigo

Por Vitor Necchi

O professor de literatura Luís Augusto Fischer admite, segundo uma perspectiva assumidamente freudiana, que a identidade gaúcha é um fantasma que retorna a cada tanto. Isso explica uma de suas empreitadas mais importantes neste tema, a obra *Nós, os gaúchos* (Editora da UFRGS, 1992), que editou em parceria com Sergius Gonzaga. A proximidade com o assunto permitiu que Fischer constatasse que a combinação de decadência com arrogância tem uma forma de se expressar própria do Rio Grande do Sul, a partir de suas raízes no mundo rural: a bravata. Trata-se da “melhor forma mental e mais legítima expressão” do gaúcho. “Basicamente é isso: a bravata é um sucedâneo do duelo, do confronto mano a mano, ou mesmo da guerra, em sentido amplo; a bravata é uma simbolização do fantasma da fronteira, uma maneira encontrada pela cultura sul-rio-grandense, essa de origem estancieira e guerreira, para continuar lutando com o inimigo”.

Na entrevista apresentada a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Fischer identifica que os gaúchos, em geral, se levam muito a sério, mas o maior problema reside na empáfia de

se julgar superior a outros. “Isso sim é uma chatice, que, com toda razão, vira motivo de piada”, avalia. O professor observa uma ambivalência no estado: a comunicação e a arte de massas, de uma geração para cá, querem fechar o Rio Grande do Sul e se isolar; por outro lado, a ciência e o debate acadêmico em todas as áreas se caracterizam por uma visada cosmopolita muito forte. Fischer recorre a Walter Benjamin para afirmar que é “preciso constantemente arrancar a tradição das mãos do conservadorismo”.

**Luís Augusto Fischer** é doutor, mestre e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde leciona. É autor de vários livros, entre eles *Dicionário de porto-alegrês* (Porto Alegre: L&PM Editores), *Literatura gaúcha - História, formação e atualidade* (Porto Alegre: Leitura XXI) e *Inteligência com dor - Nelson Rodrigues ensaísta* (Porto Alegre: Arquipelago Editorial). Fez a edição anotada de *Contos gauchescos e Lendas do Sul* (Porto Alegre: L&PM Editores), de Simões Lopes Neto, e de *Antônio Chimgo* (Caxias do Sul: Editora Belas Letras), de Amaro Juvenal.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - O seu nome costuma ser muito lembrado quando se pretende discutir e entender questões relacionadas à identidade do gaúcho. Às vezes, fica-se com a impressão de que a empreitada é quixotesca. Ainda há fôlego para discutir o gaúcho?**

**Luís Augusto Fischer -** Pois é, há um tanto de reiterativo nesse debate, mas seria demais comparar o caso com o sublime Quixote... O lado psicanalítico, ou psicossocial, da coisa toda requer que a atenção crítica - quero crer que jogo neste time - não ceda terreno gratuitamente às fantasias compensatórias

que tão facilmente tomam conta do cenário sul-rio-grandense, a cada setembro, a título de representar a identidade do gaúcho. Começa que cada vez menos faz sentido pensar em unidades tão amplas quanto “o gaúcho” ou “o brasileiro”. Essas generalizações fizeram sentido ao longo da história das construções

nacionais e regionais, especialmente nos últimos 200 e poucos anos, como se pode ler no Benedict Anderson<sup>1</sup>, entre outros.

A visão de esquerda, por outro lado, pretendeu pensar a coisa a partir do horizonte de classe, num processo que, no sonho marxista, ofereceria um outro paradigma identitário, com os proletários se reconhecendo uns aos outros por cima das fronteiras nacionais e mesmo linguísticas. Ocorre que o nosso tempo impôs outras pautas, outras urgências, que se ligam a bem outras dimensões, de gênero, de etnia etc., pelo menos desde a chamada virada identitária dos anos 1970/80. Mas há muitos matices, mesmo nisso que acabo de dizer, porque humanamente nada tenho contra a vontade de produzir símbolos baseados em aspectos geográfico-históricos, como este do “gaúcho”, que de alguma forma aliviem o peso da vida bruta.

Neste momento, em que tenho lido as novas edições do grande pensador russo Mikhail Bakhtin<sup>2</sup> (finalmente sua obra está sendo apresentada de modo muito confiável, porque há pesquisadores dedicados a recompor seu pensamento com base documental sólida), me ocorre que o gauchismo, especialmente em sua versão cetegista<sup>3</sup>, dá a pinta de ser uma forma de carnavalização, só que às avessas - ali onde o carnaval, para Bakhtin, revirava o cotidiano, para botar de ponta-cabeça a hierarquia, nem que fos-

se por algum tempo, o gauchismo/tradicionalismo renega o cotidiano, que é sem sentido transcendente, e abraça uma fantasia também compensatória inspirada no passado, num certo passado. Em suma, como dá para ver, eu mesmo ponho meus juízos de molho - motivo para seguir conversando sobre o tema.

**IHU On-Line - Vamos tentar uma adivinhação: como seria o Rio Grande do Sul sem o tradicionalismo e suas invenções ritualísticas?**

**Luís Augusto Fischer** - Uma vez, num debate, uma colega, consagrada professora e pesquisadora de literatura, abriu sua fala com uma fantasia semelhante: ela propôs que a plateia considerasse a hipótese de o Rio Grande do Sul ter sido bem-sucedido no seu intento separatista, lá em 1836; como seria a nossa história da literatura? Lançou a pergunta e começou a desenvolver a resposta, que indicava que teríamos uma visão enaltecida de autores locais, em prejuízo de leitura de autores de outras partes do mundo lusófono e do restante do mundo etcétera e tal. Eu, na mesma mesa, escalado para falar depois, me perguntei intimamente: bem, mas não é quase exatamente assim que uma enorme parte do Rio Grande do Sul pensa na história da literatura gaúcha? Sim, é bem isso que se pensa, ou ao menos que se faz, talvez sem pensar: há gente que apenas lê, quando lê, autores diretamente vinculados não apenas ao Rio Grande do Sul, como ao tema rural, à estância tradicional, ao gaúcho e tal.

A tua pergunta é o saudável avesso disso, e por isso ilumina bem o cenário: sem o tradicionalismo, como seria, como seríamos? Primeiro, me ocorre que alguma forma de tradicionalismo seria fatal existir, porque, depois da Segunda Guerra<sup>4</sup>, houve uma diretriz forte

no sentido de estimular os governos, as secretarias de educação e cultura etc. a preservarem o que então se chamava de folclore, termo amplamente controverso, como se sabe. Comissões de Folclore foram criadas em todo o Brasil e em muitas partes do Ocidente. Segundo, sociedades de origem rural tendem a preservar laços sociais e culturais estáveis, bem ao contrário do mundo urbano, que tende a privilegiar a novidade, a mudança - e só por isso teríamos no Rio Grande do Sul muito carvão para a fogueira do tradicionalismo, tanto pelo lado da estância tradicional quanto, sem surpresa, pelo lado da pequena propriedade colonial imigrante, também tendente a forte tradicionalismo. Essas duas formações históricas cantam o passado, choram a saudade da terra natal, gostam da estabilidade, e por aí não admira que haja tanto CTG, que simboliza direta e primeiramente a estância, em terras que se povoaram por europeus camponeses, no século 19.

Bá, já escrevi demais e nem cheguei a um ponto satisfatório de resposta. Então, em suma, por certo teríamos rituais de culto à tradição de qualquer forma, me parece, para muito além da iniciativa daqueles jovens interioranos que em Porto Alegre, reativamente, formaram o primeiro CTG moderno, em 1948.

**IHU On-Line - Questão semântica: Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha?**

**Luís Augusto Fischer** - As duas designações me soam igualmente, a começar pelo fato de que são correntes na vida sul-rio-grandense e, portanto, as reconheço, mas também porque ambas são como que manchetes, cada qual alardeando uma interpretação, cada qual jo-

dia criar uma “nova ordem” na Europa, baseada nos princípios nazistas da superioridade alemã, na exclusão - eliminação física incluída - de minorias étnicas e religiosas, como judeus e ciganos, além de homossexuais, na supressão das liberdades e dos direitos individuais e na perseguição de ideologias liberais, socialistas e comunistas. Essa ideologia culminou com o Holocausto. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> **Benedict Anderson** (1936-2015): historiador e cientista político norte-americano. Era professor emérito na Universidade Cornell. Sua obra mais importante é *Comunidades Imaginadas - Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Mikhail Bakhtin** (1895-1975): filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana. Seus escritos, em uma variedade de assuntos, inspiraram trabalhos de estudiosos em um número de diferentes tradições (marxismo, semiótica, estruturalismo, crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Cetegista**: relativo a Centro de Tradições Gaúchas (CTG), clubes onde são cultuadas tradições do Rio Grande do Sul. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Segunda Guerra Mundial**: conflito iniciado em 1939 e encerrado em 1945. Mais de 100 milhões de pessoas, entre militares e civis, morreram em decorrência de seus desdobramentos. Opôs os Aliados (Grã-Bretanha, Estados Unidos, China, França e União Soviética) às Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O líder alemão Adolf Hitler preten-

gando luz em um aspecto. Quem diz “guerra” reivindica uma velhíssima experiência humana, com certa nobreza que, no nosso caso, se acrescenta da para mim misteriosa, mas historicamente nítida, nobreza do cavalo, as duas contribuindo para tingir o episódio de uma tinta enaltecida, do mesmo modo, neste sentido, que os nacionalistas argentinos falam na Guerra das Malvinas, por exemplo, ou que os norte-americanos falam na Guerra do Iraque, guardadas todas as diferenças. Já quem diz “revolução” quer somar a isso o conteúdo da mudança histórica, que aquela guerra ocorrida no Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845 absolutamente não teve. Assim, sem ser nacionalista rio-grandense, muito menos crente em um conteúdo revolucionário ali, para mim as duas expressões têm valor parecido, embora “guerra” seja menos fantasiosa.

**IHU On-Line - Pessoas que se levam a sério demais costumam ser difíceis de lidar. Claro que uma autoestima positiva ajuda o indivíduo a viver bem e ser mais seguro de si, mas, quando em dose excessiva, isso pode atrapalhar. Neste sentido, o gaúcho acaba virando motivo de chacota justamente por se levar a sério em demasia?**

**Luís Augusto Fischer** - Tendo a concordar com a tua interpretação: os gaúchos, em geral, se levam muito a sério, muito mais do que outros grupos identitários de semelhante extração histórica. E aí, num país cuja autointerpretação hegemônica, de origem carioca, tende à galhofa, à *nonchalance*, ao imprevisto e até ao mau-caratismo, esse gaúcho vira alvo fácil de piada. Mas há o reverso disso: tenho muitos casos de valorização, de positividade desse levar-se a sério do gaúcho. Ainda há pouco, um conhecido meu, de longa trajetória no comércio, me disse que até isso hoje está mudado, mas que até há pouco ele ia negociar em São Paulo e era recebido de modo favorável, porque, sendo gaúcho, era confiável. Acho pessoalmente que o problema é menos de levar-se a

sério e mais a empáfia de julgar-se superior a outros. Isso sim é uma chaticice, que, com toda razão, vira motivo de piada.

**IHU On-Line - Há décadas que o Rio Grande do Sul vive em crise, sobretudo econômica, e vem perdendo expressão no cenário cultural e político em âmbito nacional. Mesmo assim, o sentimento de superioridade se mantém. O que explica esta ambivalência? Não está na hora de os gaúchos procurarem o Analista de Bagé e se tratar?**

**Luís Augusto Fischer** - O Analista<sup>5</sup> já é fruto desse paradoxo de estar em decadência e manter a pose, só que em chave adequadamente autoirônica! Primeiro de tudo, é preciso sublinhar a palavra decadência, porque de fato se trata disso, uma queda, desde uma posição superior, até outra inferior. Mas a qual superioridade nos referimos? Isso varia. O lado ingênuo pensa que o superior era a estância (ou a chácara do avô) e o inferior é a vida urbana, o que é uma tristeza só, um investimento na melancolia, uma chafurdação na depressão, que eventualmente se traveste de seu oposto, a exaltação, naturalmente. O lado crítico identifica como superior a experiência republicana, que mal ou bem estava lá em 1836-45 e veio sendo evocada ao longo das gerações, passando pelo antigo PTB e o antigo MDB até chegar ao PT em seu processo de afirmação, com o Orçamento Participativo<sup>6</sup>, que nos

**5 Analista de Bagé:** personagem criado pelo escritor Luis Fernando Veríssimo, publicado originalmente em crônicas e posteriormente em livros, que faz humor com estereótipos da identidade gaúcha. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Orçamento Participativo (OP):** mecanismo governamental de democracia participativa, por meio do qual cidadãos podem influenciar ou decidir sobre a destinação dos investimentos de orçamentos públicos de prefeituras municipais. Uma experiência pioneira ocorreu no município de Porto Alegre (RS), em 1989, com o primeiro governo do Partido dos Trabalhadores (PT). A experiência inspirou uma série de municípios, como Saint-Denis (França), Rosário (Argentina), Montevideu (Uruguai), Barcelona (Espanha), Toronto (Canadá), Bruxelas (Bélgica), Belém (Pará), Santo André (SP), Aracaju (Sergipe),

levou ao incrível Fórum Social Mundial<sup>7</sup>, uma experiência que nos deveria levar a pensar mais no caso - em certo momento, com razão mas também com emoção, em doses fortes, Porto Alegre e o Rio Grande do Sul pareceram à opinião pública progressista internacional uma alternativa de gestão, de futuro, de tudo isso.

Não é pouca coisa, nem está isenta, essa história, de burradas, de autoritarismo (bastaria lembrar o inacreditável domínio de praticamente 30 anos do Borges de Medeiros<sup>8</sup> sobre o estado, ele que era uma figura sem qualquer projeto, sem outra força que não o mando a partir do aparelho estatal). E tem mais um lado: essa combinação de decadência com arrogância encontra uma forma de se expressar que no Rio Grande do Sul, a partir de suas raízes no mundo rural, continua tendo grande impacto: a bravata. Esta é a “nossa” melhor forma mental e mais legítima expressão.

**IHU On-Line - O senhor poderia desenvolver essa ideia sobre a bravata?**

**Luís Augusto Fischer** - Escrevi um pequeno texto sobre isso, quando me dei conta de quão pro-

Blumenau (SC), Recife (PE), Olinda (PE), Belo Horizonte (MG), Atibaia (SP), Guarulhos (SP) e Mundo Novo (MS). (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Fórum Social Mundial (FSM):** é um evento altermundialista organizado por movimentos sociais de muitos continentes, com objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. Seu slogan é “Um outro mundo é possível”. O número de participantes cresceu nas sucessivas edições do Fórum: de 10 mil a 15 mil no primeiro fórum, em 2001, a cerca de 120 mil em 2009, com predominância de europeus, norte-americanos e latino-americanos, exceto em 2004, quando o evento foi realizado na Índia. Os fóruns são realizados anualmente. Os dois primeiros foram em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A partir de então, decidiu-se que seria itinerante. (Nota da **IHU On-Line**)

**8 Borges de Medeiros (1863-1961):** político gaúcho. Foi presidente do estado do Rio Grande do Sul, indicado por Júlio de Castilhos. Procurou dar continuidade ao projeto político do castilhismo, do qual foi um dos maiores representantes e fiel executor do positivismo. Manteve-se no poder de 1898 até 1928, e sua única interrupção como governante ocorreu no quinquênio de 1908-1913. (Nota da **IHU On-Line**)

fundamente arraigado entre nós é este hábito mental e discursivo. Basicamente é isso: a bravata é um sucedâneo do duelo, do confronto mano a mano, ou mesmo da guerra, em sentido amplo; a bravata é uma simbolização do fantasma da fronteira, uma maneira encontrada pela cultura sul-rio-grandense, essa de origem estancieira e guerreira, para continuar lutando com o inimigo. A estrutura básica da bravata é a mesma da payada<sup>9</sup>, do repente<sup>10</sup> nordestino, o desafio de vencer o outro num torneio verbal, para ser o último a dizer alguma coisa, para não perder a pose, para manter o aspecto de guerreiro vencedor, triunfante.

O tradicionalismo é uma bravata. Um taxista, de classe média-média, de Porto Alegre, manter e cultivar um cavalo para desfilarem no 20 de setembro, por exemplo, como eu conheci ao vivo, é uma bravata, que custa dinheiro, mas compensa imaginariamente. O romance *Netto perde sua alma* [Rio de Janeiro: Record], do Tabajara Ruas<sup>11</sup>, é uma forma lírica de bravata, de duelo impossível. O Analista de Bagé é pura bravata e nos faz rir justamente por isso.

**9 Pajada ou Payada:** forma de poesia improvisada produzida na Argentina, no Uruguai, no sul do Brasil e no Chile (onde é conhecida por Paya). Assemelha-se a um repente em estrofes de dez versos, de redondilha maior e rima ABBAACDDC, interpretada com acompanhamento de violão. É praticada no sul da América desde uma época em que não havia muita clareza quanto ao traçado das fronteiras. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 Repente:** tradição muito comum no nordeste brasileiro, baseada no improviso cantado de maneira alternada por duas pessoas, o que justifica o nome repente. Na cantoria de viola, os cantores são acompanhados por violas na afinação nordestina. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Tabajara Ruas** (1942): escritor e cineasta gaúcho. Além de se pautar na memória e na história local, sua obra também é fortemente marcada por sua própria memória e história pessoal, vivida em parte na cidade fronteira de Uruguaiana, separada da Argentina pelo rio Uruguai. É lá que ambienta a novela *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez* (Porto Alegre: Mercado Aberto). Escreveu o romance *Netto perde sua alma* (Rio de Janeiro: Record), sobre a trajetória do herói farroupilha Antônio de Souza Netto, participante de todas as revoluções ocorridas no sul do Brasil no século 19. Esse romance inspirou um filme homônimo que Tabajara dirigiu com Beto Souza. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - O Rio Grande do Sul fechou a sua porteira para o mundo e se isolou?**

**Luís Augusto Fischer** - A comunicação e a arte de massas no Rio Grande do Sul atual, de uma geração para cá, sim, querem fechar o RS e se isolar, ou ao menos tende a isso. Mas, ao mesmo tempo, a ciência, o debate acadêmico em todas as áreas, das ciências duras às humanidades, tudo é marcado de uma visada cosmopolita muito forte, e em muitos lugares hegemônicas, ainda que com pouco impacto. Nesse conflito surdo reside, a meu ver, uma parte importante do mistério atual da identidade coletiva gaúcha, com as coisas da tradição controladas por uma visão conservadora - hora de lembrar Walter Benjamin<sup>12</sup>, que, numa de suas frases expressivas, dizia que era preciso constantemente arrancar a tradição das mãos do conservadorismo. Estou com ele: o problema é o conservadorismo, não a tradição, porque esta tem muitas outras serventias, entre as quais a de servir de alavanca para ir adiante, para ser mais livres, mais inteligentes, mais antenados com o mundo.

**IHU On-Line - No início dos anos 1990, o senhor foi um dos organizadores da série de livros iniciada com a publicação de Nós, os**

**12 Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros Parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica* (1936), *Teses Sobre o Conceito de História* (1940) e a monumental e inacabada *Paris, Capital do século XIX*, enquanto *A Tarefa do Tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

**gaúchos** (Editora da UFRGS), que acabou se tornando uma referência para a discussão da temática. Qual era o propósito dessas obras e que síntese o senhor faria delas?

**Luís Augusto Fischer** - Quando me dou conta de que já se passou toda uma geração depois do primeiro volume, lá de 1992, percebo que estou mesmo ficando velho... Mas enfim, já na época minha perspectiva era freudiana: este tema da identidade gaúcha é um fantasma, que retorna a cada tanto. Nada melhor do que falar com ele, sobre ele, contra ele, enfim, botar na roda o tema, trazer o fantasma para a luz do dia. Foi isso que fizemos - e agora noto, como então não poderia notar, que o livro e a série nasceram no começo de um novo ciclo histórico na política do estado, com o fim do ciclo da ditadura de 64 e a ascensão do PT, ciclo que, por motivos pertinentes mas também por tramas políticas inomináveis, está em seu final.

Por isso, e por uma orientação democrática que tivemos (e que eu espero manter sempre), o Sergius Gonzaga e eu de algum modo flagramos o quadro e passamos a palavra a todos os setores do pensamento político, com suas inúmeras origens e inserções históricas, resultando então um quadro amplo que, constato com alegria, justifica o livro e de algum modo o fixa como um documento importante.

**IHU On-Line - Cerca de 25 anos depois, as análises contidas em Nós, os gaúchos se mantêm atuais?**

**Luís Augusto Fischer** - Está na hora de fazer outro livro, outra série, para flagrar as novas vozes do cenário e as novas questões, por sobre as antigas dores, mazelas e virtudes. Aquele livro e aquela série mantêm sentido como documento histórico, mas o mundo andou - para dar apenas uma ideia, o primeiro livro foi feito ANTES de existir a internet, sem a qual a vida agora é impensável, até mesmo dentro do Acampamento Farroupilha! ■

# A necessidade da desconstrução do machismo no universo regional

Para Jocelito Zalla, o historiador deve denunciar as opressões de gênero e de raça, assim como a dominação de classe, observadas nas práticas vinculadas ao gauchismo

Por Vitor Necchi

**O** professor e historiador Jocelito Zalla trafega em dois universos que lidam de maneiras distintas com a questão da identidade gaúcha e que podem entrar em choque. De um lado, seus alunos em idade escolar, que reproduzem o senso comum acerca da mitologia heroica. De outro lado, o âmbito acadêmico e da pesquisa, onde as narrativas produzidas se ocupam com o entendimento do fenômeno a partir de uma abordagem crítica. “Hoje se procura compreender, pela chave das práticas sociais, as diversas modalidades de figuração do gaúcho e do passado local, incluindo as disputas entre seus principais agentes”, descreve.

Zalla não acha que professores e pesquisadores devem militar contra o gauchismo. Por outro lado, defende: “Nossa postura de compreensão e análise do fenômeno não nos exige de fazer a crítica de todo e qualquer discurso preconceituoso que vigore no tradicionalismo gaúcho, no gauchismo em geral e em nossa cultura local”. Como há preconceito nas postulações do tradicionalismo, o pesquisador defende que devem ser denunciadas as opressões de gênero e de raça, além da dominação de classe, cabendo ao historiador um papel decisivo.

A análise da invenção das tradições gaúchas deveria tratar das relações de gênero, ressalta Zalla em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. O mito do gaúcho heroico, branco e elitizado é altamente identificado ao universo masculino, e a figura feminina, a “prenda”, foi construída como um negativo desse gaúcho: frágil, dócil, recatada. “O machismo é, portanto, algo persistente no universo regional e precisa ser desconstruído, pois limita as relações interpessoais e descamba, com frequência, em violência simbólica e física.” O tradicionalismo também

tem muita dificuldade em lidar com os homossexuais, pois desvaloriza qualquer identidade descolada do padrão engessado da masculinidade estereotipada.

A história e o regionalismo gaúchos costumam integrar o currículo informal das escolas, principalmente por meio de “práticas cívicas sobreviventes do regime militar, que tendem a reproduzir a visão do tradicionalismo gaúcho, principalmente durante a Semana Farroupilha. Zalla não espera que, a curto prazo, haja uma compreensão mais crítica sobre a história regional: “Basta pensarmos no trabalho de memória realizado pela grande imprensa local, que sempre reforça os estereótipos regionais”. Mas isso pode mudar a médio e longo prazos, desde que essa questão seja assumida pelas escolas. “Isso exige investimentos na formação dos professores, além de liberdade pedagógica e autonomia da gestão escolar, coisas que, infelizmente, começam a ser ameaçadas no país por projetos de censura à educação, como o Escola Sem Partido”, lamenta.

**Jocelito Zalla** é mestre, licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Sua dissertação recebeu o primeiro prêmio no Concurso Silvio Romero de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2010. Ela está no prelo pela Editora da UFRGS, com o título *O centauro e a pena: Barbosa Lessa e a invenção das tradições gaúchas*. É professor do Colégio de Aplicação da UFRGS e pesquisador do Laboratório de Ensino de História e Educação - LHISTE/UFRGS. Atualmente, cursa doutorado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com pesquisa sobre o escritor João Simões Lopes Neto, vida literária e produção de memória histórica no sul do país.

**Confira a entrevista.**

“

## ***Gaúcho era o cavaleiro errante, sem trabalho fixo e sem nacionalidade definida, que circulava entre o Rio Grande do Sul, o Uruguai e o norte da Argentina, frequentemente envolvido em saques e outros crimes de fronteira***

IHU On-Line - Literatura e história são distintas formas de apreensão do mundo que se valem da linguagem para, por meio de uma narrativa, criar um discurso, uma representação sobre acontecimentos e pessoas. Que gaúcho emerge da literatura e da história produzidas no Rio Grande do Sul?

Jocelito Zalla - Depende da literatura e da história, ou melhor, da escrita da história. No Rio Grande do Sul, devido a uma série de questões sociais e institucionais, a literatura se adiantou na representação do passado e da realidade local. Em meados do século 19, os primeiros romancistas do estado, como Caldre e Fião<sup>1</sup>, passaram a se dedicar à temática regionalista, obviamente vinculada ao universo rural que predominava na região e

**1 Caldre e Fião (1824-1876):** José Antônio do Vale Caldre e Fião foi escritor, jornalista, político, médico e professor nascido no Rio Grande do Sul. É considerado o patriarca da literatura gaúcha. Trabalhava como boticário em Porto Alegre. Durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), mudou-se para o Rio de Janeiro, onde formou-se médico e estudou homeopatia. Abolicionista, fundou e dirigiu o jornal *O Filantropo*, entre 1849 e 1851. Foi um dos fundadores da Sociedade contra o Tráfico de Africanos e Promotora da Colonização e Civilização dos Indígenas. O engajamento lhe rendeu perseguições e ameaças. Retornou ao Rio Grande do Sul em 1852. Foi um dos fundadores e presidente da Sociedade Partenon Literário. Foi também deputado geral, pelo Partido Liberal-Progressista, e membro do Instituto de História e Geografia da Província de São Pedro. Suas obras: *Elementos de Farmácia Homeopática*, *A Divina Pastora*, *Elogio Dramático ao Faustosíssimo Batizado do Príncipe Imperial D. Pedro*, *Imerisa* e *O Corsário*. (Nota da IHU On-Line)

em todo o país. Finda a Guerra do Paraguai<sup>2</sup>, os letrados sul-rio-grandenses, que em sua grande maioria eram políticos profissionais, criaram agremiações intelectuais, como a Sociedade Partenon Literário<sup>3</sup>, que deram impulso à produção cultural; esta centralizada pela prosa de ficção e pela poesia épica, principalmente.

Desses primeiros esforços literários, emergiram mitos mais tarde associados à figura do gaúcho, como o “monarca das coxilhas” e o “centauro da pampa”. Eram representações romantizadas do campesinato local, que buscavam construir um herói anônimo para a província, aproveitando o histórico bélico da fronteira e o imaginário nacional a respeito dos cavaleiros

**2 Guerra do Paraguai (1864-1870):** maior e mais sangrento conflito armado internacional ocorrido no continente americano. Iniciou-se quando o governo de Dom Pedro II interferiu na política interna do Uruguai. A reação militar paraguaia disparou a guerra. (Nota da IHU On-Line)

**3 Partenon Literário:** a Sociedade Partenon Litterario (1868-1925) foi uma associação literária brasileira, considerada a principal agremiação cultural do Rio Grande do Sul no 19. Por meio dela, formou-se um sistema literário no estado, impulsionando a intelectualidade. Sua criação deve-se ao empenho do médico e escritor José Antônio do Vale Caldre e Fião e do jovem Apolinário José Gomes Porto Alegre, tendo ocorrido em um momento de efervescência social e política, durante a Guerra do Paraguai, quando ideias republicanas estavam em voga, assim como o abolicionismo. A sociedade participava de campanhas abolicionistas, angariando fundos para libertação de escravos, realizando saraus poético-musicais. Também realizava debates com temas diversos como a Revolução Farroupilha, casamento, pena de morte e feminismo. (Nota da IHU On-Line)

rio-grandenses, dos estancieiros-militares aos soldados rasos, que também eram peões em tempos de calmaria. Mas é importante observar que esses literatos evitavam a denominação de “gaúcho” mesmo para os homens do campo, pois ainda se tratava de um estigma social.

Gaúcho era o cavaleiro errante, sem trabalho fixo e sem nacionalidade definida, que circulava entre o Rio Grande do Sul, o Uruguai e o norte da Argentina, frequentemente envolvido em saques e outros crimes de fronteira. Foi com *O gaúcho*, de José de Alencar, publicado no Rio de Janeiro em 1870, que o termo apareceu, pela primeira vez na literatura, como denominação para o habitante da província, o que gerou protestos da elite política local. A questão só foi enfrentada novamente no início do século 20, por escritores regionalistas da geração naturalista, como Alcides Maya<sup>4</sup> e Simões Lopes Neto<sup>5</sup>. Aí se deu efetivamente a associação entre o mito do monarca das coxilhas

**4 Alcides Maya (1878-1944):** Alcides Castilho Maia foi um jornalista, político, contista e ensaísta brasileiro. A presença do ambiente rural em sua obra ficcional, como *Ruínas vivas*, *Tapera* e *Alma bárbara*, decorre da ascendência materna, cuja família era proprietária de estância. Desenvolveu suas atividades no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Em seus livros, tratou do êxodo rural e as transformações nos modos de produção no interior do Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, conviveu bastante com Machado de Assis. Representou o Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados entre 1918 e 1921. Dirigiu o Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Depois de aposentado, retornou ao Rio de Janeiro, onde morou até sua morte. Era integrante da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

**5 João Simões Lopes Neto (1865-1916):** escritor gaúcho. A ele a revista *IHU On-Line* dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos *Cadernos IHU Ideias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Lopes Duarte, professora da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no *IHU Ideias* de 4-9-2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na *IHU On-Line* número 73, de 1-9-2003. Entre as principais obras do escritor, destaca-se *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da IHU On-Line)

e o gaúcho. Lopes Neto, oriundo de família estancieira da metade sul do estado, vivendo numa Pelotas próxima do universo rural que também denominava pejorativamente de gaúcho os trabalhadores pobres do campo, empreendeu um grande esforço de positividade do universo gauchesco. Durante todo esse tempo, os poucos trabalhos históricos locais de impacto considerável dedicaram-se a narrar a vida da elite política.

Nos anos 1920, o primeiro estágio de profissionalização da História (disciplina), com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, se encontrou com os debates modernistas em literatura de imaginação. Junto ao clima de conciliação das facções políticas locais pós-Revolução de 1923<sup>6</sup>, literatura e história criaram juntas o mito do gaúcho heroico ou “gaúcho brasileiro”, décadas mais tarde reproduzido e ritualizado pelo movimento tradicionalista: um campesino guerreiro, defensor da fronteira, regido por um código de honra exemplar, de nacionalidade luso-brasileira, portanto branco, além de ordeiro e trabalhador. Esse mito foi construído em oposição à legenda do *gaucho malo* platino, inimigo que passou a absorver, no plano ideológico, todas as características negativas ligadas ao gaúcho histórico. É a partir daí que se inicia o processo de “gentilização” do termo, que paulatinamente substitui o adjetivo “sul-rio-grandense” no senso

**6 Revolução de 1923:** conflito armado ocorrido no Rio Grande do Sul que durou 11 meses. De um lado, partidários do presidente do Estado, Borges de Medeiros, conhecidos por Borgistas ou Ximangos e identificados por um lenço branco que usavam no pescoço. De outro, os revolucionários, ligados a Joaquim Francisco de Assis Brasil, conhecidos por Assisistas ou Maragatos e identificados por um lenço vermelho. O Pacto de Pedras Altas, firmado em dezembro de 1923 no castelo de Assis Brasil, encerrou o conflito. O acordo permitiu que Borges de Medeiros concluísse seu mandato, em 1928, e definiu que seria reformulada a Constituição de caráter autoritário que Júlio de Castilho redigiu praticamente sozinho em 1891. Assim, ficou impedida a reeleição. Getúlio Vargas, lenço branco, sucedeu Borges no governo gaúcho. (Nota da **IHU On-Line**)

comum local, confirmando o imaginário nacional já consolidado sobre o Rio Grande do Sul. Esse mito teve usos políticos diretos, como na propaganda do projeto varguista de tomada do poder central, que afirmava na bravura, na honra e na fidelidade do sulista a salvação para a nação. Com as diversas crises políticas da era Vargas, que colocavam em confronto antigos aliados locais, além do crescimento do mercado literário e da diversificação do campo intelectual no estado, literatura e história se separaram mais uma vez.

Tenho defendido, na minha pesquisa de doutorado, que a partir desse momento se verifica no estado uma espécie de divisão intelectual e discursiva do trabalho de memória. A historiografia tradicional “estabelecida” (porque também havia disputas e dissidentes nesse domínio) dedicava-se, principalmente, aos heróis da elite, aos militares-estancieiros que teriam fixado (e feito avançar) os limites do território brasileiro na fronteira Sul, e seus episódios representativos, como a Revolução Farroupilha. Essa historiografia reproduziu o núcleo duro do mito do gaúcho heroico sem apelar ao elemento popular, negando a miscigenação racial, as trocas culturais com os países platinos e, inclusive, o peso da escravidão na história da região. Em contrapartida, a literatura se tornava a principal via de escape para uma história popular do Rio Grande do Sul. Da década de 1930 até muito recentemente, a ficção cumpriu uma função de contraemória, de contraponto ao discurso historiográfico tradicional, de viés oficial. Foi através dela que personagens históricos marginalizados ganharam representação letrada, como o indígena, o negro, a mulher e, até mesmo, o gaúcho pobre que migrava para a cidade em busca de trabalho. Essa função perpassa vertentes literárias distintas e concorrentes, algumas comprometidas com e outras críticas ao modelo hegemônico de identidade gaúcha do Rio Grande do Sul desenhado desde então, encontrando lugar em Cyro

Martins<sup>7</sup>, Erico Verissimo<sup>8</sup> e, inclusive, em certo Barbosa Lessa<sup>9</sup>.

**IHU On-Line - Em diferentes civilizações, em momentos de derrocada, emergem dos escombros narrativas ufanistas que tentam superar a debacle. Foi isso que fizeram os escritores do Partenon Literário, após os rio-grandenses saírem derrotados da Guerra dos Farrapos?**

**Jocelito Zalla** - A observação é correta, mas acredito que não tenha sido este o caso. Foi necessário que se passasse um bom tempo desde o fim do conflito para que a Guerra dos Farrapos fosse celebrada no Rio Grande do Sul. Como sua

**7 Cyro Martins** (1908-1995): escritor e psicanalista que fez parte do grupo dos romancistas da chamada Geração de 30. Na literatura do Rio Grande do Sul, introduziu personagens gaúchos influenciados por novos costumes. Sua estreia foi com *Campo Fora* (1934). Suas obras mais importantes são *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estreia nova* (1954), que integram a *Trilogia do gaúcho a pé*, que apresenta o gaúcho do ambiente rural empobrecido a partir da industrialização e concentração urbana. (Nota da **IHU On-Line**)

**8 Erico Verissimo** (1905-1975): um dos mais importantes escritores brasileiros. Em 1932, o autor publica uma coletânea de contos *Fantoches*, sua estreia na literatura. Recebeu o Prêmio Machado de Assis, com *Música ao Longe*, e o Prêmio Graça Aranha, com *Caminhos Cruzados*. Integra o Segundo Tempo Modernista (1930-1940), período em que a literatura brasileira refletiu os problemas sociais do país. A obra de Erico costuma ser dividida em três fases: Romance urbano; Romance histórico e Romance político. Na segunda, encontra-se o épico *O tempo e o vento*, trilogia (*O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*) que cobre 200 anos da história do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1945. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Barbosa Lessa** (1929-2002): folclorista, escritor, músico, advogado e historiador brasileiro, Luiz Carlos Barbosa Lessa escreveu cerca de 61 obras, entre contos, músicas e romances. É um dos principais inspiradores do tradicionalismo gaúcho. Em 1948, ele e um grupo de colegas do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), chamado de 35. Entre os seus livros mais importantes estão *Rodeio dos ventos*, *Os guaxos*, *O sentido e o valor do tradicionalismo* e *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. Com Paixão Côrtes, entre 1950 e 1952 pesquisou o conhecimento remanescente das danças regionais do Rio Grande do Sul, trabalho que embasou a recriação de danças tradicionalistas, originando o livro didático *Manual de Danças Gaúchas* e o disco *Danças Gaúchas*, com interpretações da cantora paulista Inezita Barroso. (Nota da **IHU On-Line**)

saída foi conciliatória e os principais líderes da revolta foram assimilados ao exército imperial, não era necessário, muito menos desejado, se contrapor ideologicamente ao poder central. O episódio só foi recuperado substancialmente nos embates intelectuais da chamada geração de 1870. Foram os historiadores rio-grandenses republicanos, como Joaquim Francisco de Assis Brasil<sup>10</sup> e Alcides Lima<sup>11</sup>, formados na Faculdade de Direito de São Paulo, onde fundaram o Clube Vinte de Setembro, que reabilitaram a revolta na memória histórica nacional. Eles transformaram o episódio em marco do republicanismo brasileiro, esmaecendo seu desdobramento separatista e ressaltando a vocação republicana prematura do Rio Grande do Sul. Apesar de contemporâneos dos escritores do Partenon, com quem também comungavam certas ideias políticas, como o republicanismo e a abolição da escravidão, já havia inclinações diferentes nas duas áreas da produção simbólica. O ensaio histórico era um gênero mais próximo da ação político-par-

tidária, enquanto a ficção tendia ao projeto mais amplo de construção da nação. Ainda assim, a distinção entre os campos político e cultural, além da representação do ponto de vista da elite sul-rio-grandense, explica posições comuns, como a afirmação da brasilidade dos líderes farrapos.

## “ No Rio Grande do Sul, devido a uma série de questões sociais e institucionais, a literatura se adiantou na representação do passado e da realidade local

Um dos grandes incômodos dos partenonistas em relação ao livro de José de Alencar foi a representação de um diálogo entre Bento Gonçalves<sup>12</sup> e Juan Antonio Lavalleja<sup>13</sup>, líder da independência da Cisplatina (atual Uruguai) do Império do Brasil, em 1825; o que insinuava propósito separatista semelhante na revolta dos farrapos e identidade comum às duas províncias. Nesse momento, a Revolução Farroupilha era muito mais uma arma do movimento republicano no país, mas sua brasilidade declarada foi aproveitada pelos historiadores e literatos nacionalistas dos anos 1920, que desconectaram o episódio do contexto de revoltas platinas. Quando o regionalismo gaúcho passou a focar mais a definição de peculiaridades locais do que a

inserção, ainda que diferenciada, do Rio Grande do Sul no seio da nação, a comemoração ufanista do episódio compareceu com mais força.

É o caso do Centenário, em 1935, que teve uma exposição universal organizada na Várzea da Redenção (transformada desde então em Parque Farroupilha), quando parcela da elite rio-grandense confrontava o centralismo varguista. É o caso, também, do movimento tradicionalista gaúcho, criado no bojo do fim do Estado Novo<sup>14</sup>. A historiadora e cientista política Celi Pinto apontou que a memória da Revolução Farroupilha foi construída como discurso de crise, emergindo em momentos de tensão entre o centro político e a periferia sulina. Nos anos 1980, os pedidos de socorro financeiro do governo estadual à União recorriam discursivamente à saga farroupilha e à lealdade dos gaúchos, que teriam “escolhido” permanecer brasileiros. A meu ver, essa configuração que alia crise e ufanismo regionalista é muito mais frequente no século 20 do que no 19.

**IHU On-Line - Na história, narrativas se apropriam do passado e, ao longo do tempo, são tensionadas e reinterpretadas por novas narrativas, conforme afirma Michel de Certeau, estabelecendo-se um ciclo sucessivo de leituras e representações do real. Entre os historiadores contemporâneos, qual narrativa está se construindo sobre o gaúcho? Quais as novas tendências verificadas nas análises da identidade regional?**

**Jocelito Zalla - Primeiro, é importante reconhecer que existem historiadores e historiadores. Quer dizer com isso que os historiadores profissionais acadêmicos não possuem o monopólio da representação do passado, além de coexistirem perspectivas e abordagens**

<sup>10</sup> **Joaquim Francisco de Assis Brasil** (1857-1938): advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata e estadista brasileiro; propagandista da República. Foi fundador do Partido Libertador, deputado e governador do Rio Grande do Sul, quando integrou a junta governativa gaúcha entre 12 de novembro de 1891 e 8 de junho de 1892. Introduziu no Brasil os gados Jersey e Devon e a ovelha Karakul, tendo participação importante na introdução do cavalo árabe e no melhoramento do Thoroughbred, o puro sangue inglês. Juntamente com o Barão do Rio Branco, assinou o Tratado de Petrópolis, que assegurou ao Brasil a posse do atual estado do Acre. Neste estado, foi criado, em sua homenagem, o município de Assis Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> **Alcides Lima** (1859-1935): Alcides de Mendonça Lima foi jurista, advogado, escritor, historiador e político nascido em Bagé (RS). Courseou direito na Faculdade de Direito de São Paulo, tendo como colegas Joaquim Francisco de Assis Brasil e Júlio de Castilhos. Integrou o Clube Republicano 20 de setembro durante o curso. Publicou em 1882 *História Popular do Rio Grande do Sul*, livro que abrange desde os primórdios do Rio Grande até a Revolução Farroupilha. Deputado constituinte nacional, participou da elaboração da Constituição de 1891. Atuou como juiz em Rio Grande e Pelotas, além de deputado estadual. Participou da Revolução de 1923, apoiando Assis Brasil. Foi um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> **Bento Gonçalves** (1788-1847): militar e político brasileiro, um dos líderes da Revolução Farroupilha. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>13</sup> **Juan Antonio Lavalleja** (1784-1853): Militar e político uruguaio, liderou os Trinta e Três Orientais e presidiu o Uruguai no Triunvirato de Governo de 1853, com Venancio Flores e Fructuoso Rivera (que morreu antes da posse). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> **Estado Novo**: Período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

diferentes dentro da historiografia universitária. Ainda há muitos letrados não especializados reconhecidos publicamente como historiadores, sem formação superior na área e sem a chancela da comunidade científica. Não possuindo as ferramentas conceituais e metodológicas da disciplina, a tendência geral desses produtores de memória é corroborar o senso comum histórico ou a cultura histórica dominante, repetindo e legitimando o estereótipo do gaúcho pampiano. Daí certos choques, comuns na mídia local, entre suas versões da história e as narrativas produzidas na academia. Estas últimas, por sua vez, têm mudado sua tônica da denúncia para a compreensão do fenômeno, tomando, muitas vezes, a própria memória histórica tradicional como objeto de estudo.

Assumindo o risco da simplificação, é possível falar em duas gerações de historiadores acadêmicos da identidade gaúcha. A primeira, já denominada por pesquisadores como Leticia Nedel<sup>15</sup> e Mara Rodrigues<sup>16</sup> de “historiografia crítica”,

**15 Leticia Borges Nedel:** doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde coordena o Laboratório de Memória, Acervos e Patrimônio e integra a linha de pesquisa História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio. Integra o Comitê Brasileiro para o Programa Memória do Mundo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), sediado no Arquivo Nacional, e o Conselho Consultivo do Museu Nacional de Imigração e Colonização, localizado em Joinville (SC). Entre 1991 e 1995, exerceu a função de assistente de coordenação no Museu Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul. Entre 2014 e 2015, foi membro da Comissão Gestora do Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral (MarquE – UFSC), instituição da qual é vice-diretora desde 2016. Durante o doutorado, realizou estágio sanduíche na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Realizou estágio pós-doutoral no Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). (Nota da **IHU On-Line**)

**16 Mara Rodrigues:** doutora em História (UFRGS), com estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora associada dos cursos de Gradua-

produziu seus trabalhos iniciais no final da ditadura civil-militar e empenhou-se em desconstruir o conservadorismo da “ideologia do gauchismo” - para usar um termo de Tau Golin<sup>17</sup>, um de seus expoentes -, recorrendo ao aparato conceitual do marxismo clássico.

A segunda geração, que começa a publicar os resultados de suas investigações no final dos anos 1990, ampliou sua gama de preocupações, recortou períodos e estratos sociais e geográficos mais específicos, delimitou objetos complementares, mas distintos, diversificou suas fontes, reforçou os diálogos com outras áreas do conhecimento que também passaram pela institucionalização universitária, como a Antropologia, a Sociologia e os Estudos Literários, e lançou mão de teorias e métodos diversos, geralmente identificados ao domínio da História Cultural. Podemos citar como exemplares dessa produção a tese de Alexandre Lazzari<sup>18</sup> sobre a identidade gaúcha e a nacionalidade na produção letrada do final do século 19 e início do 20, a dissertação de Carla Renata Gomes sobre a positivação da palavra gaúcho na literatura do 19, a tese de Mara Rodrigues sobre Moysés Vellinho e a historiografia gaúcha tradicional, a dissertação de Leticia Nedel sobre o Museu Júlio de Castilhos e sua monumental tese sobre o regionalismo e o campo intelectual no Rio Grande do Sul do século 20. Essa produção recente, mas substancial, na qual procuro me inserir, continua dissecando a construção discursiva do passado gauchesco e seus usos públicos. Ou seja, assim como para a geração crítica, a identidade gaúcha não é vista como essência. É uma construção social de longa duração.

ção e Pós-Graduação em História da UFRGS. (Nota da **IHU On-Line**)

**17 Tau Golin:** historiador e jornalista. Doutor em História (UFRGS), com estágio pós-doutoral na Universidade de Lisboa. Professor da Universidade de Passo Fundo. (Nota da **IHU On-Line**)

**18 Alexandre Lazzari:** doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, com estágio pós-doutoral na Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. (Nota da **IHU On-Line**)

Mas dela, como não poderia deixar de ser, emergem principalmente as diferenças.

Hoje se procura compreender, pela chave das práticas sociais, as diversas modalidades de figuração do gaúcho e do passado local, incluindo as disputas entre seus principais agentes. Para exemplificar essa tendência com um resultado da minha pesquisa de mestrado, digo que eu mesmo fiquei surpreso ao analisar a produção escrita de Barbosa Lessa e encontrar nele um intelectual humanista, não somente comprometido com o que era considerado “cultura popular”, mas defensor dos trabalhadores do campo, crítico do racismo nos CTGs que ajudara a construir, entusiasta de campanhas de alfabetização na cidade e autor de uma literatura de imaginação sofisticada, e que disputava os rumos do tradicionalismo gaúcho com vertentes mais fechadas. Imagem diversa daquela de “ideólogo” do gauchismo conservador e literato menor, conforme definida pela geração crítica. Como agente e produtor cultural, Barbosa Lessa ocupou posições diferentes nos campos intelectual e político, ora referendando uma representação tradicional do gaúcho, ora construindo alternativas bastante progressistas a ela. Um personagem rico em contradições. Resumindo, a tendência mais atual na história produzida por historiadores universitários é a de restituir a complexidade do objeto.

**IHU On-Line - Os CTGs reproduzem uma série de ritos inventados, comumente confundidos com folclore e cultura popular. Qual a diferença?**

**Jocelito Zalla - A cultura popular é sempre uma invenção de intelectuais. É definida historicamente segundo a expectativa de grupos letrados sobre o que deveria configurar o folclore e a memória popular da região e da nação. Também é construída como via negativa do universo erudito, aquilo que não cabe nas artes especializadas, formalizadas em academias e consumidas por iniciados. É, portanto,**

uma seleção de algumas práticas culturais espontâneas, dentre uma gama muito mais ampla da vida social, por agentes que têm o poder de salvaguarda, geralmente conferido por instituições públicas. Podemos dizer que o folclore de um país é o produto de seus folcloristas. Os rituais cetegistas, no entanto, não devem ser confundidos com o folclorismo, ainda que sejam tributários dele, muito menos com “cultura popular”.

Tomemos o caso das danças tradicionais, frequentemente apresentadas como danças folclóricas do Rio Grande do Sul. Trata-se, na verdade, de composições coreográficas autorais (as principais delas foram elaboradas por Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, conforme seu *Manual de Danças Gaúchas*, de 1956), verdadeiras bricolagens de passos, versos e arranjos musicais provenientes das mais diversas fontes orais e bibliográficas, além do engenho criativo dos coreógrafos e músicos tradicionalistas.

Como procurei mostrar em minha dissertação de mestrado, existem três grandes matrizes para a formalização dessas danças. A primeira delas é dada pelo repertório letrado regionalista. Entre 1948, ano de fundação do “35” Centro de Tradições Gaúchas, o primeiro CTG da história, e 1950, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes empreenderam uma verdadeira imersão na produção literária, historiográfica e folclorista local, sob orientação de Dante de Laytano<sup>19</sup>, diretor do Museu Júlio de Castilhos e da Comissão Gaúcha de Folclore, braço da Comissão Nacional de Folclore. Também consultaram historiadores como Moysés Vellinho<sup>20</sup> e Manoelito

**19 Dante de Laytano** (1908-2000): juiz, professor e escritor. Foi diretor do Museu Júlio de Castilhos, onde, em 1954, redefiniu seus objetivos, passando a museu histórico, priorizando o folclore e o estudo das tradições. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Academia Rio-Grandense de Letras. Entre suas publicações destaca-se a *História da República Rio-grandense*, editada em 1936 e 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

**20 Moysés Vellinho** (1901-1980): poeta gaúcho, desempenhou papel como crítico literário, estudioso de literatura e como historiador. (Nota da **IHU On-Line**)

de Ornellas<sup>21</sup>. Leram Simões Lopes Neto, João Cezimbra Jacques<sup>22</sup> e Augusto Meyer<sup>23</sup>, além de vocabulários e almanaques de época. Dessas obras, retiraram parte do cancionário utilizado nas danças. Nelas se encontram os versos do Tatu, da Chimarrita, do Anu, do Ba-laião, da Quero-mana, por exemplo.

A segunda grande matriz dessas danças é o *criollismo* argentino e uruguaio. Em 1949, o governo do estado convidou os jovens do “35” para representar oficialmente o Rio Grande do Sul no *Día de la Tradición*, em Montevidéu, evento que reunia sociedades cívicas dos dois países vizinhos. Lá eles conheceram grupos de danças que elaboraram coreografias a partir do imaginário gauchesco. A delegação, composta apenas de rapazes, aprendeu alguns passos que, nos anos seguintes, Barbosa Lessa

**21 Manoelito de Ornellas** (1903-1969): historiador gaúcho, autor de *Gaúchos e beduínos: a origem e a formação social do Rio Grande do Sul* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966); *Máscaras e murais de minha terra* (Porto Alegre: Globo, 1966) e *Terra Xucra* (Porto Alegre: Sulina, 1969). (Nota da **IHU On-Line**)

**22 João Cezimbra Jacques** (1848-1922): militar brasileiro, precursor do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Militar de Cavalaria, foi voluntário na Guerra do Paraguai aos 18 anos, em 1867, servindo no 2º Regimento de Cavalaria. Positivista, era discípulo de Augusto Comte. Participou da criação da Academia Rio-Grandense de Letras em 1901. Foi um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense em 1880 e do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre em 1898. (Nota da **IHU On-Line**)

**23 Augusto Meyer** (1902-1970): jornalista, ensaísta, poeta, memorialista e folclorista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia. Colaborou com vários jornais do Rio Grande do Sul, entre eles *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. Seu primeiro livro publicado foi *A ilusão querida*, de poemas, em 1920. Outras obras que escreveu: *Coração verde*, *Giraluz* e *Poemas de Bilu*. Dirigiu a Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937 para, a convite de Getúlio Vargas, organizar o Instituto Nacional do Livro. Esteve à frente da instituição durante cerca de 30 anos. Meyer integrou o modernismo gaúcho, introduzindo uma feição regionalista à poesia. Estudou a literatura e o folclore do Rio Grande do Sul nos livros *Guia do folclore gaúcho*, *Cancioneiro gaúcho* e *Seleto em prosa e verso*. Recebeu o Prêmio Filipe de Oliveira na categoria Memórias e o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra literária. (Nota da **IHU On-Line**)

e Paixão Côrtes utilizaram no seu próprio projeto coreográfico, além da ideia de formar corpos de baile semelhantes nos CTGs.

A terceira matriz é o movimento folclorista brasileiro. Em 1950, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes ingressaram na Comissão Gaúcha de Folclore a convite de Laytano. Então, passaram a entrevistar idosos em zonas de campanha e a recolher fragmentos musicais e coreográficos. No mesmo ano, Porto Alegre sediou a 3ª Semana Nacional de Folclore. O “35” fez a apresentação de abertura, quando estreou a dança do Pezinho. Barbosa Lessa conta, em suas memórias, que essa dança era uma brincadeira de crianças presenciada numa das pesquisas de campo pelo interior, provável reminiscência muito modificada do “Pezinho” açoriano. A peça fez estrondoso sucesso junto ao público e incentivou a continuidade do projeto. Nos anos seguintes, Lessa e Côrtes viajaram por diversos estados brasileiros e alguns países latino-americanos, como membros da Comissão de Folclore. Dessas visitas, recolheram mais elementos utilizados em suas bricolagens. No acervo pessoal de Barbosa Lessa, encontrei material impresso trazido dessas viagens. A dança do Pau-de-Fitas, por exemplo, é praticamente uma cópia de uma coreografia descrita em publicação boliviana, referente a um rito de povos nativos callahuayas.

Toda a ritualística cetegista, na verdade, é uma invenção recente, das vestimentas ao código vocabular empregado nesses clubes cívicos, passando pela dinâmica de relações entre seus sócios, altamente disciplinada. Como mostrado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm<sup>24</sup>, a invenção de tradições sem-

**24 Eric Hobsbawm**: historiador marxista do século 20. Autor de inúmeros livros, entre os quais *A Era dos Extremos* (São Paulo: Companhia das Letras), *A Era do Capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra), *A Era das Revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra), *A Era dos Impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária) e sua autobiografia, *Tempos Interessantes: uma vida no século 20* (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da **IHU On-Line**)

pre se ancora em alguns elementos preexistentes no passado histórico, o que lhe confere credibilidade e legitimidade. É o caso, no Rio Grande do Sul, das bombachas, de uso também recente, das botas, do lenço amarrado ao pescoço, nas cores dos velhos partidos políticos rio-grandenses, por exemplo. Segundo Hobsbawn, ainda, os objetos do passado exercem nova função simbólica quando destituídos de sua finalidade prática. É inegável que se usou esporas na lida campeira rio-grandense, mas para que serve uma espora num palco de danças cetegista?

No caso das mulheres, a invenção foi ainda mais profunda, uma vez que sequer o conceito de “prenda” possuía baliza histórica. A companheira do gaúcho fronteiriço era a “china”, que, no imaginário local, era associada a uma mulher “de vida fácil”, que não constituía matrimônio e trocava de parceiro com frequência. Era necessário dissociar as novas dançarinas dos CTGs dessa visão pejorativa. “Prenda”, por sua vez, era termo corrente no meio rural para qualquer objeto de valor material, como uma adaga ou uma guaiaca (cinto) de couro trabalhada. Sua escolha para designar a mulher é significativa de sua posição secundária na nova associação, de objeto de desejo do homem, não de sujeito histórico. O vestido de prenda é outra completa invenção, sem nenhum precedente na história do Rio Grande do Sul. Foi uma escolha do setor mais conservador dos jovens rapazes tradicionalistas (as moças nem opinaram), baseada no vestido de chita paulista e nos vestidos dos clubes crioulos platinos, com o objetivo de cobrir todo o corpo da mulher e driblar possíveis suspeitas da sociedade porto-alegrense. Tudo isso mostra que os rituais cetegistas não podem ser confundidos com uma suposta cultura folclórica espontânea, mesmo que mediada e fixada por letrados. Seu processo de invenção é muito mais radical.

**IHU On-Line - Por que o projeto cultural dessas agremiações é tão vitorioso?**

**Jocelito Zalla** - Primeiro, porque o modelo cetegista pode ser reproduzido em larga escala, em qualquer centro urbano. Um CTG é, basicamente, um clube construído nas cidades para indivíduos que não possuem mais ou nunca possuíram laços concretos com o mundo rural. Os ritos tradicionalistas permitem a encenação de um passado mítico, de uma “idade de ouro” gauchesca perdida. Possibilitam a adesão a esse mundo imaginário pela prática. Os próprios CTGs oferecem a formação necessária ao iniciado.

Segundo, porque as tradições gaúchas inventadas são extremamente verossímeis. Ao apelar a representações de longa duração sobre a região, compartilhadas por homens e mulheres da cidade e do campo, letrados e iletrados, o tradicionalismo gaúcho constrói credibilidade para si. Justificando-se também a partir de uma retórica da perda, de lógica circular - “é preciso salvar as tradições porque as tradições estão em perigo” -, o movimento reforça sua legitimidade social.

Terceiro, porque o tradicionalismo cetegista foi apropriado por uma parcela da elite política e econômica do estado. Como a base das tradições inventadas era o mundo da criação pecuária extensiva, os CTGs acabaram por dar suporte ideológico à grande propriedade privada da terra. Como a memória histórica dos anos 1920 já havia elitizado a figura do gaúcho, e os tradicionalistas fizeram uso dessa modalidade de representação, o ingresso de membros dessa elite nos novos centros foi menos problemática, mesmo que o gauchesco inevitavelmente se confundisse, às vezes, com a vida do peão na estância, do trabalhador assalariado rural. Não é à toa que o primeiro abrigo fixo do “35” CTG tenha sido uma sala no edifício da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul - Far-sul. Políticos profissionais também aderiram ao movimento, já nos anos 1950, como José Pereira Coe-

lho de Souza<sup>25</sup>, então deputado federal pelo Partido Libertador, que defendia os interesses dos ruralistas. A difusão do tradicionalismo virou, inclusive, mote de políticas públicas. Em 1976, em plena ditadura militar, foi fundado o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore - IGTF, órgão ainda hoje existente, vinculado à Secretaria de Cultura, que pretende promover e divulgar estudos folclóricos. Mas ele sempre foi dominado pelos tradicionalistas e serviu de braço estatal do movimento.

Por último, há os fenômenos de ordem geral, econômica, política e social, que produzem experiências pessoais de instabilidade identitária, quando os indivíduos sentem necessidade de se vincular a alguma comunidade cultural e política. O gauchismo cetegista soube capitalizar a seu favor esse sentimento, notavelmente em duas ocasiões: finda a Segunda Guerra Mundial, quando as periferias ocidentais foram incorporadas definitivamente ao capitalismo e o clima de Guerra Fria implicava a disseminação do modo de vida e de produtos culturais norte-americanos em sua zona de influência, os CTGs foram criados e se espalharam pelas maiores cidades do estado; no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com a globalização dos meios de comunicação, as novas tecnologias, além da maior integração econômica mundial dada pela queda do socialismo soviético, esses clubes cresceram enormemente no estado e ganharam o mundo. Hoje, onde há gaúchos em número considerável, há CTGs. Eles estão presentes em 23 estados brasileiros e já foram fundados, inclusive, 16 centros no exterior. A experiência de migração,

<sup>25</sup> **José Conceição Pereira Coelho de Souza** (1898-1982): advogado, historiógrafo e político. Foi deputado estadual e deputado federal. Entre 1937 e 1945, comandou a secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Academia Rio-Grandense de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

aliás, radicaliza esse sentimento de perda de raízes. O tradicionalismo gaúcho, pelas características que aponte, tem conseguido se oferecer como uma resposta a esse tipo de problema.

**IHU On-Line - Estaríamos sendo severos demais com o tradicionalismo ao afirmar que este movimento alicerça preconceitos e visões anacrônicas de mundo ao celebrar a elite pastoril e escravagista?**

Jocelito Zalla - Infelizmente, não. Mas é importante dizer que essa configuração não estava dada no início do tradicionalismo. A celebração do gauchesco não era necessariamente ligada à vida da elite pastoril. Isso foi uma construção coletiva, em função das relações com os latifundiários e seus representantes políticos nos anos 1950, além da influência de uma perspectiva militar de civismo. E gerou tensões. Como disse, havia duas figuras privilegiadas na historiografia tradicional, o militar-estancieiro e o gaúcho pampiano, correspondentes a dois "registros de memória pública", conforme definição de Letícia Nedel. O tradicionalismo gaúcho nasceu de sua conciliação. A fundação do "35" CTG se deu após o encontro de dois grupos, formados respectivamente por estudantes secundários do Colégio Júlio de Castilhos, capitaneados por Paixão Côrtes, e por militares, liderados por Hélio Moro Mariente. O primeiro tendia à celebração de emblemas do gaúcho/peão. O segundo, por motivos óbvios, identificava-se mais com a memória da elite e visava a criar um clube cívico fechado, restrito a 35 sócios permanentes, seguindo modelos da maçonaria. A proposta dos estudantes venceu na configuração do clube, mas os militares teriam, desde então, grande influência ideológica no movimento.

Havia, portanto, projetos mais abertos no início do tradicionalismo, que encaminhavam os novos ritos em direção ao gaúcho *folk*.

É o caso, sem dúvida, de Barbosa Lessa, que também defendia que os CTGs fossem espaços, principalmente, de homens e mulheres oriundos do campo, expulsos pelos novos surtos de modernização que liberavam mão de obra da agricultura e da pecuária. Pode-se dizer

“

***Foi com O gaúcho, de José de Alencar, publicado no Rio de Janeiro em 1870, que o termo [gaúcho] apareceu, pela primeira vez na literatura, como denominação para o habitante da província, o que gerou protestos da elite política local***

que seriam clubes culturais e de proteção ao "gaúcho a pé", cujo drama foi narrado na obra de Cyro Martins. A elitização do movimento barrou esse projeto, assim como delimitou muito o conteúdo popular celebrado pelo tradicionalismo. Basta pensar que há poucas referências à cultura afro-brasileira nos ritos cetegistas; função das fontes historiográficas adotadas pelo movimento.

Mesmo para historiadores vinculados ao registro de memória *folk*, como Manoelito de Ornellas e Walter Spalding, que também aderiram ao tradicionalismo, a escravidão havia sido pouco empregada no estado, e a população negra não tinha impacto na formação étnica

e cultural da região. Um mito desconstruído mais tarde pela tese de Fernando Henrique Cardoso<sup>26</sup> e pela historiografia crítica universitária, mas que deixou marcas indelévels no cetegismo. Em 1956, por exemplo, foi criado um CTG somente para negros, pois eles eram recusados nos clubes já formados. Mais recentemente, no final dos anos 1990, o grupo de danças do CTG Aldeia dos Anjos criou coreografias a partir dos maçambiques<sup>27</sup> e quicumbis<sup>28</sup> do Litoral Norte, de matriz africana, o que gerou grande comoção nas autoridades tradicionalistas por não se tratar de "tradição gaúcha". Absurdos que, com certeza, reforçam preconceitos raciais vigentes em nossa sociedade.

<sup>26</sup> **Fernando Henrique Cardoso** (1931): sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º Presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos, entre 1995 e 2003. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combate à inflação. (Nota da IHU On-Line)

<sup>27</sup> **Maçambique**: é uma das variações gaúchas das congadas (existem, ainda, os Ensaio de Promessa de Quicumbi, nas cidades de Mostardas e Tavares, e o Quicumbi, no Rincão dos Pretos, em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul). As congadas são uma tradição presente em todo o território brasileiro e que possuem origens e influências nas festas de coroação de reis negros praticadas durante o período colonial, assim como breves influências portuguesas e, dependendo do local, também indígenas. Em comum, a devoção aos santos católicos Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora da Penha e Santa Efigênia. O Maçambique de Osório, por exemplo, realizada na cidade litorânea de Osório, no Rio Grande do Sul, é uma congada gaúcha, tradição afro-católica praticada por negros devotos a Nossa Senhora do Rosário e que através de seus cantos, tambores e danças pagam promessa para graças atendidas pela santa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>28</sup> **Catumbi, Quicumbi ou Ticumbi**: é um estilo de dança brasileira, como uma variação de outros tipos de dança como Congada, Guerreiro e Reisado. Essa dança passou a ser uma expressão cultural de origem africana que se manifesta no Natal até os dias de hoje. As festas que envolvem essa dança se destinam a louvar Nossa Senhora do Rosário e são uma forma de traçar um paralelo entre o mundo do cativo e o da liberdade, pois seria possível, intrinsecamente, venerar os santos católicos, algo que acontecia desde a época da escravidão. Essa era uma das práticas para que inúmeras famílias descendentes de escravos pudessem manter e reestruturar laços sociais e comunitários. (Nota da IHU On-Line)

### IHU On-Line - O que há de positivo no tradicionalismo?

**Jocelito Zalla** - Um CTG é um espaço de sociabilidade, de trocas e de certa manifestação cultural. Em cidades muito pequenas do interior, às vezes, é o único clube existente. Em outras, é o único que permite a formação de corpos de dança e de música. Apesar da elitização do movimento, também se verifica a fundação de CTGs por grupos mais populares, de trabalhadores urbanos e rurais - principalmente a partir dos anos 1970, com o fenômeno dos bailões e a formação de uma indústria cultural de massas com referência regionalista. Nada que se compare ao projeto inicial de Barbosa Lessa, mas que acaba oferecendo um espaço de reunião e de confraternização para esses grupos. É uma pena que a memória celebrada mesmo nessas condições, e que é sempre disciplinada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG - órgão confederativo dos CTGs -, seja anacrônica em tantos sentidos, como em relação à posição da mulher na sociedade, à contribuição cultural do negro, e se porte de maneira tão conformista no que toca à dominação das elites.

### IHU On-Line - O senhor desenvolveu uma pesquisa sobre gauchismo, memória pública regional e ensino de história. Quais foram suas conclusões?

**Jocelito Zalla** - Foi uma pesquisa-ação, desenvolvida no meu estágio probatório do Colégio de Aplicação da UFRGS, que buscava elaborar e testar um currículo (no sentido de conjunto de atividades de ensino) para a educação básica a partir da temática, incorporando os avanços recentes da historiografia profissional acadêmica. O problema principal era o de dialogar com o senso comum, aproveitar as representações atuais da identidade gaúcha e o calendário cívico oficial para refletir sobre a memória histórica no Rio Grande do Sul. A tarefa não foi fácil. Além do nível de abstração necessário,

ela se revelou problemática para alguns estudantes, pois tendia a desconstruir algumas de suas adesões afetivas mais arraigadas. Nesse sentido, quanto mais os alunos estão avançados em idade e em escolarização, verifiquei que mais consolidados estão os mitos históricos e estereótipos regionais. Prova de que a sociedade reproduz a memória histórica tradicional, independente da formação escolar, e é necessário que o profissional da área intervenha.

Felizmente, tive apoio da equipe de professores na qual me inseri, além da parceria mais próxima de alguns colegas, como a professora Maíra Suertegaray Rossato. Juntos, desenvolvemos, na sala de aula, uma genealogia da "geografia imaginária do Rio Grande do Sul", como denominamos uma oficina (de um semestre) oferecida para os 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Estudamos a história da ocupação da fronteira Sul; apontamos para trocas culturais entre Brasil, Argentina e Uruguai, no léxico, na literatura, na música; mas também mostramos as diferenças políticas que levaram à criação de estereótipos regionais e nacionais baseados no gauchesco, nos três países. Abordamos a Revolução Farroupilha, conforme é celebrada no senso comum, e trouxemos dados populacionais e fontes de época para desconstruir os mitos da "escravidão que não houve" e da "democracia social da estância". Refletimos sobre a história da palavra "gaúcho" e sobre a invenção de tradições pelo movimento tradicionalista.

Com o Ensino Médio, também pude explorar a estatutária de Porto Alegre, em saída de campo, para discutir as disputas simbólicas que levaram à construção da identidade gaúcha para o estado. Foi interessante, por exemplo, abordar diferenças ideológicas e historiográficas, quanto à figura do gaúcho, explícitas no Monumento a Júlio de Castilhos (Praça da Matriz), na estátua do Gaúcho Oriental (Parque Farroupilha) e na estátua do Laçador - a mais recen-

te e mais conservadora das três. Apesar das dificuldades iniciais, e da concorrência constante do imaginário social, das visões adquiridas na família e em outros círculos de relações, os resultados foram positivos. Essas predisposições puderam ser aproveitadas nas discussões, facilitando o trânsito do senso comum para as concepções formais de história e geografia do Rio Grande do Sul, e geralmente ajudavam a despertar o interesse dos estudantes para as atividades propostas. Em termos cognitivos, a temática permitiu desenvolver categorias como "identidade", "patrimônio", "tradição inventada", "cultura", "gênero", "memória", "mito" e "estereótipo". Repertório que os alunos passaram a mobilizar em outros momentos das aulas de história e, até mesmo, em outros componentes curriculares. Alguns professores de humanidades (Língua Portuguesa, Literatura etc.) relataram o uso desses conceitos, por parte dos alunos, em suas aulas.

### IHU On-Line - Como a história e o regionalismo gaúchos são ensinados nas escolas atualmente?

**Jocelito Zalla** - Não são ensinados. Não como conteúdo problematizado, mas costumam fazer parte do currículo informal, através de práticas cívicas sobreviventes do regime militar, que tendem a reproduzir a visão do tradicionalismo gaúcho, principalmente durante a Semana Farroupilha. Em contrapartida, professores de História, principalmente, podem abordar alguns dos mitos que fundamentam a identidade gaúcha quando trabalham a escravidão brasileira ou a Guerra dos Farrapos, mas isso é uma escolha docente e depende de sua formação.

Eu sustento, com base nos resultados da minha pesquisa no Colégio de Aplicação, que seria muito proveitoso desenvolver uma história do regionalismo gaúcho, talvez inserida na história dos regionalismos brasileiros, e de uma história das práticas de representação da história no país, para compreender

as disputas simbólicas do tempo presente, os critérios que definem, no senso comum, o que é a região, o que é o Rio Grande do Sul e o que é o Brasil. Tarefa de natureza interdisciplinar, que integraria professores de História, Geografia, Literatura, Sociologia e Filosofia, pelo menos, indo ao encontro das tendências pedagógicas e das recomendações legais mais avançadas de que dispomos. Seria uma estratégia interessante, inclusive, para identificar e extirpar da escola certa pedagogia cívica tradicional, não apenas regionalista/tradicionalista, que ainda é reproduzida, de maneira acrítica, em momentos de comemoração.

**IHU On-Line - O 20 de Setembro é altamente celebrado como data cívica, restando pouco espaço para compreensão dos seus sentidos e das apropriações que dele são feitas. O senhor tem expectativa de que isso se altere?**

**Jocelito Zalla** - No curto prazo, não. Basta pensarmos no trabalho de memória realizado pela grande imprensa local, que sempre reforça os estereótipos regionais. No médio e no longo prazo, sim, desde que a escola enfrente esse problema. Isso exige investimentos na formação dos professores, além de liberdade pedagógica e autonomia da gestão escolar, coisas que, infelizmente, começam a ser ameaçadas no país por projetos de censura à educação, como o Escola Sem Partido.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Jocelito Zalla** - Acho importante destacar, também, que a análise da invenção de tradições gaúchas exige um olhar para as relações de gênero. Como dito, o mito do gaúcho heroico, branco e elitizado, dos anos 1920, ainda forte em nossa cultura histórica, é baseado em valores bélicos, identificados ao universo masculino, que também é um universo consagrado como público. Assim, a “prenda” foi construída como um negativo

desse gaúcho: é frágil, dócil, recatada. Seu lugar é o espaço privado, é “prendada” porque domina tarefas e técnicas do trabalho no lar. Logo, há uma hierarquia que coloca a mulher em posição de submissão, como disse anterior-

“

***Da década de 1930 até muito recentemente, a ficção cumpriu uma função de contramemória, de contraponto ao discurso historiográfico tradicional, de viés oficial***

mente. Mas isso é sintoma de um modelo andro-heteronormativo mais amplo, que prescreve a superioridade do homem cisgênero heterossexual ao qual se ligam atributos tradicionais de virilidade. Qualquer identidade que se descole desse padrão, apresentando algum aspecto socialmente considerado próximo do feminino, acaba sendo desvalorizada.

É por isso que o tradicionalismo gaúcho tem tanta dificuldade em lidar com a homossexualidade. Como o MTG é uma entidade disciplinar, o modelo do gaúcho viril, guerreiro, “macho”, está sob constante vigilância. Há sanções para quem escape dele, além de constrangimentos sociais. Em função disso, não há espaço para a diversidade sexual no movimento. Até mesmo homens cisgênero heterossexuais que constroem masculinidades alternativas acabam sendo afetados pela patrulha da entidade e da comunidade de tradicionalistas. Algo preexistente na cultura

patriarcal local, vale dizer, e que já foi ironizado por Erico Verissimo em *Incidente em Antares*<sup>29</sup>. Quando um jovem da família Campolargo publicou um poema em jornal local, o personagem Vacariano vaticinou: “Esse menino é fresco”.

O machismo é, portanto, algo persistente no universo regional e precisa ser desconstruído, pois limita as relações interpessoais e descamba, com frequência, em violência simbólica e física. Em 2014, o CTG Sentinela do Planalto, de Santana do Livramento, foi incendiado após aceitar abrigar uma cerimônia coletiva de casamento, pois entre as 29 uniões, havia uma homoafetiva. O caso foi destaque na imprensa e gerou muita discussão. É necessário reconhecer a abertura dos líderes do Sentinela, ao permitir a realização do evento num contexto tão difícil, iniciativa que pode incentivar novas reflexões e mudanças internas no tradicionalismo. Mas não é por acaso que o fato tenha sido tão controverso a ponto de gerar a reação dos vândalos: no Rio Grande do Sul, a “identidade gaúcha” ainda não tolera confundir-se com as identidades homossexuais emergentes.

Enfim, não acho que seja nosso papel, enquanto professores e pesquisadores, militar contra o gauchismo. Mas nossa postura de compreensão e análise do fenômeno não nos exime de fazer a crítica de todo e qualquer discurso preconceituoso que vigore no tradicionalismo gaúcho, no gauchismo em geral e em nossa cultura local, que, evidentemente, é bem mais ampla, diversa e complexa. Precisamos, sim, denunciar as opressões de gênero e de raça, além da dominação de classe. A pesquisa histórica contribui para essa crítica, pois sua feição é desmistificada, ela historiciza objetos que são aparentemente “naturais”, mostra que são construções, que eles nem sempre foram como se apresentam aos nossos olhos. Logo, não precisam continuar a sê-lo. ■

<sup>29</sup> São Paulo : Companhia das Letras, 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

# Cavocar a memória para juntar os cacos do gauchismo

De acordo com o professor e pesquisador Mário Maestri, a invenção do ethos gaúcho hegemônico solidificou o esquecimento sobre o passado escravocrata do Rio Grande do Sul

Por Vitor Necchi | Edição Ricardo Machado

**M**ário Maestri não usa meias palavras. De maneira diferente da versão consagrada, define o gaúcho como homem pobre, morador do pampa e um tipo de sujeito à margem do caldo social. “O Rio Grande jamais foi terra de gaúcho. Foi, ao contrário, terra de negro escravizado. Havia, sim, gaúchos e peões nossas fazendas. Mas, nelas, o ‘cativo campeiro’ dominou incontestemente até os anos 1880”, dispara o professor e pesquisador Mário Maestri, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“Essa ‘identidade inventada’ consolida o encobrimento do passado escravista real, através da construção fantasiosa de um ‘gaúcho’ que em tudo se parece com um fazendeiro. Essa ‘invenção da tradição’ é reiterada incessantemente pela escola, literatura, cinematografia, grande mídia, etc., consciente ou inconscientemente a serviço das classes dominantes”, avalia.

A relação entre o passado e o presente, de uma história que encobre a trajetória escravocrata da identidade gaúcha, persiste nos dias atuais. “Se soterra a memória dos tempos em que, também no Sul, nossos empresários eram ‘escravizadores’, de chicote na mão, e nossos trabalhadores, ‘escravi-

zados’, sujeitos ao tronco e à tortura. Um passado, não muito distante, que ajuda a compreender as propostas, bem presentes, de estabelecimento de espécie de ‘escravidão moderna’, onde os assalariados trabalharão em jornadas exaustivas, por salários miseráveis, até a morte, sem qualquer possibilidade de repouso, mesmo na velhice”, pondera Maestri.

**Mário José Maestri Filho** possui graduação, mestrado e doutorado em Ciências Históricas pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. Atualmente é professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo - UPF. Realizou estágio de pós-doutoramento na Bélgica. Tem experiência na área de história social, história e literatura, história e arquitetura, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história do Brasil, história do Rio Grande do Sul, história da escravidão no Brasil, história da escravidão no Rio Grande do Sul; história da colonização italiana no Rio Grande do Sul. É autor de *Uma história do Rio Grande do Sul: a ocupação do território* (Passo Fundo: UPF Editora, 2006), entre outros livros.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - As narrativas históricas têm o real à espreita, como um referente a confirmá-las ou negá-las. Como pode ser avaliado o trabalho dos historiadores que pesquisam o passado do Rio Grande do Sul?**

**Mário Maestri -** A historiografia sulina nasceu conservadora, escrita por estancieiros, generais e funcionários do Estado. Com competência variada, eles dissertaram sobre o passado desde a ótica das classes dominantes, às quais pertenciam

ou serviam. Todos encobriram o papel fulcral do mundo do trabalho no passado. Houve superação pontual dessa realidade quando a historiografia passou a ser objeto de ensino-estudo acadêmico, dominado pelo viés eclético e positivista.



## Se soterra a memória dos tempos em que, também no Sul, nossos empresários eram ‘escravizadores’

No novo contexto, quanto muito, avançou-se numa história temática da classe operária, sem se buscar a explicação do nosso passado a partir das contradições de classe. A incompreensão da determinação da nossa antiga formação social pela ordem escravista espelha essa realidade. A pouca preocupação para com os processos essenciais da formação social do Rio Grande do Sul registra também a carência da nossa historiografia marxista, apesar de alguns estudos referenciais. Despreocupação potencializada pela vitória da contrarrevolução neoliberal em fim dos anos 1980. Certamente o atual enorme acúmulo quantitativo da historiografia sulina, sem saltos substantivos de qualidade, expressa mal mais profundo: o *impasse* da sociedade rio-grandense e brasileira.

**IHU On-Line - O Pampa é um espaço geográfico e mítico que abarca mais de um país. Ao longo dos séculos, os seus habitantes, o *gaucho* e o gaúcho, adquiriram papéis e significados distintos. O que distingue o gaúcho brasileiro do *gaucho* uruguaio e argentino?**

**Mário Maestri** - O gaúcho-*gaucho* era o homem pobre, morador do pampa, sem propriedade legal. No meridião do Rio Grande do Sul ou além das suas fronteiras, ele subsistia como peão, posteiro, tropeiro, contrabandista, *cuatreiro*; servia como soldado etc. A grande diferença é que, nas províncias de Buenos Aires, Santa Fé, Entre Ríos, Corrientes, na Banda Oriental [ao sul do rio Negro], o *gaucho* tornou-se muito logo a base da força de trabalho da produção pastoril dominante naquelas regiões. Ao contrário, no Rio Grande e no Uruguai ao norte do rio Negro, a base dessa

produção foi o trabalho escravizado, o chamado “cativo campeiro”. O Rio Grande jamais foi terra de gaúcho. Foi, ao contrário, terra de negro escravizado. Havia, sim, gaúchos e peões nossas fazendas. Mas, nelas, o “cativo campeiro” dominou incontestemente até os anos 1880. No Programa de Pós-Graduação em História da UPF, mestrandos e doutorandos como Setembrino dal Bosco, Maria Beatriz Eifert, Helen Ortiz e Eduardo Palermo produziram trabalhos sobre essa realidade. Outros autores do Estado e de fora dele estudaram detidamente esta questão. Porém, o estereótipo “gaúcho-fazendeiro” segue dominando não apenas o imaginário sul-riograndense.

**IHU On-Line - No Uruguai e na Argentina, *gaucho* define o sujeito do ambiente rural, e a população urbana não se sente contemplada com esta identidade essencialmente campeira. No Rio Grande do Sul, tanto quem vive no campo quanto na cidade assume a alcunha inspirada na figura do homem pastoril.**

**Mário Maestri** - O hábito do rio-grandense de ser designado - e se designar - como gaúcho-gaúcha é resultado da produção de identidade alienada e conservadora. Essa “identidade inventada” consolida o encobrimento do passado escravista real, através da construção fantasiosa de um “gaúcho” que em tudo se parece com um fazendeiro. Essa “invenção da tradição” é reiterada incessantemente pela escola, literatura, cinematografia, grande mídia etc., consciente ou inconscientemente a serviço das classes dominantes. A própria historiografia serve-se estranhamente desse “cretinismo categorial”.

Mesmo em trabalhos sobre o século XIX, é habitual o uso de “fazendeiro gaúcho”; “colono gaúcho”; “oficial gaúcho” etc. Qualquer coisa como “banqueiro bancário”, “mini-proprietário latifundiário” etc. Seria hilário, se não fosse erro que dissemina a confusão.

**IHU On-Line - O que é o mito da democracia pastoril e em que ele se afasta da verdade histórica do Rio Grande do Sul?**

**Mário Maestri** - A apresentação de um “gaúcho” imaginário-imaginado como o pilar da formação social sulina é sustentada por dois mitos basilares do nosso passado, a “democracia pastoril” e a “produção pastoril sem trabalho”, importados do espaço platino. Décio Freitas<sup>1</sup> escreveu um ensaio clássico sobre essa questão, quando ainda era historiador marxista. Propõe-se que na sociedade pastoril sulina não havia oposição e contradições entre o peão [gaúcho] e o fazendeiro. Mais do que patrão e trabalhador, seriam companheiros de tarefas pastoris que não exigiam *trabalho*, já que o gado se criaria no campo sem exigir esforço humano. Essa é a visão idealizada do fazendeiro do trabalho pastoril, sempre duro, cansativo, perigoso e mal remunerado. Uma ocupação socialmente dissolvente, pois ao peão não se permitia casar e fundar família. Daí uma das grandes razões da pobreza demográfica do meridião rio-grandense. A afirmação desses mitos e a ignorância do caráter dominante do “cativo campeiro” permitem encobrir a história real do mundo do trabalho no Rio Grande do Sul. Assim, se soterra a memória dos tempos em que, também no Sul, nossos empresários eram “escravizadores”, de chicote na mão, e nossos trabalhadores, “escravizados”, sujeitos ao tronco e à tortura. Um passado, não muito distante, que ajuda a compreender as propostas, bem presentes, de estabelecimento de espécie de

<sup>1</sup> **Décio Freitas:** Sobre ele, conferir o boletim **IHU On-Line** nº 92, de 15 de março de 2004, os depoimentos de Gunter Axt e Ieda Gutfriend. (Nota do **IHU On-Line**)

“escravidão moderna”, em que os assalariados trabalharão em jornadas exaustivas, por salários miseráveis, até a morte, sem qualquer possibilidade de repouso, mesmo na velhice.

**IHU On-Line - Na Guerra dos Farrapos, rio-grandenses lutaram contra rio-grandenses, no entanto, não é curioso perceber que o chamado “decênio glorioso” passou a unir os sulinos em torno de uma causa?**

**Mário Maestri** - A chamada Revolução Farroupilha foi um movimento dos grandes criadores escravistas do meridão do Rio Grande do Sul e do norte do Uruguai. O projeto farroupilha dominante era a fundação de uma república pastoril-latifundiária que ultrapassava a fronteira rio-grandense. Em verdade, os chefes farroupilhas pouco se preocupavam com a Serra e o Planalto rio-grandense. A pátria pastoril tinha um recorte muito diverso ao dos limites atuais do estado. Os porto-alegrenses, os colonos alemães e os moradores do Planalto se mantiveram indiferentes ou opostos aos farroupilhas, expulsos sem dó da Capital, tema ao qual Sérgio da Costa Franco<sup>2</sup> dedicou um ensaio. Os principais líderes farroupilhas eram proprietários de enormes extensões de terras e de cativos no meridão rio-grandense e no norte do Uruguai. Para conseguir seus objetivos, arrolaram nas tropas republicanas peões, minuanos, libertos e muitos cativos - sobretudo dos rio-grandenses monarquistas. O republicano farroupilha de algumas posses fugiu do recrutamento como o diabo da cruz. Os chefes farroupilhas jamais prometeram a liberdade aos cativos e terra aos gaúchos, como fizera e realizara José Artigas,<sup>3</sup> anos antes. Ao contrário, eles queriam mais terras

2 **Sérgio da Costa Franco** (1928): é um historiador, advogado e jornalista brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **José Gervasio Artigas** (1764–1850): foi um político e militar uruguaio, sendo o herói nacional de seu país. Estudou no Convento de São Francisco, sendo depois mandado pelo pai para o interior, onde passou a juventude entre gaúchos, índios e tropeiros. Dedicou-se ao comércio de couro e gado, percorrendo

e mais cativos. Bento Gonçalves<sup>4</sup> morreu senhor de muitos cativos; o general Neto, de muito mais! Os latifundiários e grandes proprietários têm razões para festejar o “decênio heróico”. Os trabalhadores e assalariados sulinos, ao contrário, entram na festa como seus ancestrais sociológicos entraram na dita Revolução: como bucha de canhão. Hoje, festejam-se os lanceiros ne-

“

## O Rio Grande jamais foi terra de gaúcho

gros como exemplo da participação popular e negra no “Decênio Heróico”. Eles foram massacrados em Porongos<sup>5</sup>, e os que não morreram foram reescravizados e enviados ao Rio de Janeiro, como assinalaram Moacyr Flores,<sup>6</sup> em seus estudos, e Juremir Machado,<sup>7</sup> no livro re-

todo o Uruguai e adquirindo influência junto à população rural. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Bento Gonçalves da Silva** (1788-1847): militar e político brasileiro, um dos líderes da Revolução Farroupilha. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Batalha de Porongos ou Traição dos Porongos**: foi o último confronto da Revolução Farroupilha. Persistem suspeitas que teria sido uma batalha combinada entre o general farroupilha David Canabarro e o exército imperial. Resultou no massacre do Corpo de Lanceiros Negros de Teixeira Nunes, que estavam acampados na curva do arroio Porongos, no atual município de Pinheiro Machado quando foram atacados pelos imperiais. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Moacyr Flores** (1935): é um ensaísta e historiador brasileiro. É autor de mais de 20 livros e estudioso da Revolução Farroupilha. Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1964) e doutorado em História pela mesma universidade (1993). Foi professor na PUC e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2008 foi agraciado pela Assembleia Legislativa do RS com a Medalha do Mérito Farroupilha. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Juremir Machado da Silva** (1962): é um escritor, tradutor, jornalista e professor universitário brasileiro. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RS até abril de 2014. O professor concedeu uma série de entrevista às quais destacamos *O trabalhismo à brasileira de um nacionalista obcecado*, publicada na edição 451, de 25-08-2014, disponível em <http://bit.ly/2ceddenj>; *A imprensa prepara o golpe* publicada na edição 439 da **IHU On-**

ferencial *História regional da infâmia* (Porto Alegre: LP&M, 2010). Razão tinham os cativos que fugiram numerosos para os quilombos e para fora da província. Eles não precisavam de historiadores para saber quem eram realmente os chefes farroupilhas.

**IHU On-Line - Povos envolvidos em conflitos costumam comemorar a vitória ao final do embate. Os rio-grandenses celebram, com pompa e circunstância, o 20 de Setembro, data que marca não o final, mas o início dos combates travados entre 1835 e 1845. O que se comemora de fato?**

**Mário Maestri** - Comemora-se o início dos combates, em 20 de setembro, pois o fim da guerra marcou a derrota e a rendição dos grandes estancieiros escravistas, às quais se seguiu governo militar de ocupação, apenas disfarçado. Na Guerra Farroupilha, se comemora sobretudo a sociedade pastoril latifundiária. E apenas ela pode ser comemorada. A Revolução Farroupilha foi luta entre facções dominantes do Império. Não havia contradições sociais entre os chefes farroupilhas e imperialistas; entre os senhores republicanos e monarquistas. Todos eram grandes proprietários de terra e de cativos. Eram literalmente farinha do mesmo saco. Tratava-se de luta socialmente *clean*. Ao contrário de confrontos históricos referenciais sulinos de maior sentido social e político. Como, por exemplo, a Guerra Federalista<sup>8</sup>, de 1893-1895,

-Line, de 31-03-2014, disponível em <http://bit.ly/1mJYYkp>; “*João Goulart foi, antes de tudo, um herói*” publicada no sítio do IHU em 26-08-2013, disponível em <http://bit.ly/1jKsFSo>; *A defesa de Brizola pela Legaldade foi heroica* publicada na edição 372 da **IHU On-Line**, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/OVcho8>; *Geração Y “parece coisa de revista Veja”* publicada na edição 361 da **IHU On-Line**, de 16-05-2011, disponível em <http://bit.ly/1m6A6V2>; *A cultura política do RS mudou. Para pior* publicada no sítio do IHU em 08-10-2010, disponível em <http://bit.ly/1jKuZZ8>; “*1968 reduz enormemente a carga de hipocrisia da sociedade*” publicada na edição 250 da **IHU On-Line**, de 10-03-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon250>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Revolução Federalista** (1893-1895): conflito ocorrido nos três estados do sul do

entre o bloco pró-capitalista castilhisto, que apontava para o futuro, e os latifundiários federalistas da metade sul do Estado, voltados para o passado. Ou os magníficos sucessos da Legalidade<sup>9</sup>, de 1961, um dos momentos históricos mais determinantes da nossa história regional-nacional. Imagine-se, hoje, todas as escolas do Rio Grande festejando a Guerra Federalista, que pôs fim à hegemonia pastoril e, na qual, a Brigada Militar, principal força armada republicana, trucidava fazendeiros rebelados! Ou pior ainda: os alunos das escolas do estado festejando a derrota do Golpe<sup>10</sup>, pela população rio-grandense, que começava a se armar,

Brasil após a Proclamação da República, devido à instabilidade política gerada pelos federalistas. Eles pretendiam acabar com o poder de Júlio de Castilhos, então presidente do Rio Grande do Sul, e conquistar mais autonomia do estado em relação ao poder da recém proclamada República. Os seguidores de Castilhos saíram vencedores. Uma das marcas do conflito foi a prática da degola. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Campanha da Legalidade:** mais conhecida apenas como Legalidade foi uma mobilização civil e militar da história política brasileira de 14 dias que ocorreu após a renúncia de Jânio Quadros da Presidência do Brasil no Sul e Sudeste do Brasil em 1961, sendo liderada por Leonel Brizola (governador do RS e cunhado de Jango) e o general José Machado Lopes, em que diversos políticos e setores da sociedade defenderam a manutenção da ordem jurídica – que previa a posse de João Goulart. Outros setores da sociedade – notadamente os militares – defendiam um rompimento na ordem jurídica, o impedimento da posse do vice-presidente e a convocação de novas eleições democráticas. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 Golpe Civil-Militar:** movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder e se mantêm governando o país entre os anos de 1964 e 1985. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira, também, as edições nº 96 da **IHU On-Line**, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004; nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 – 2004: hora de passar o Brasil a limpo*. 1964; nº 437, de 13 de março de 2014, *Um golpe civil-militar. Impactos, (des)caminhos, processos*; e nº 439, de 31 de março de 2014, *Brasil, a construção interrompida – Impactos e consequências do golpe de 1964*. (Nota da **IHU On-Line**)

apoiada por sub-oficiais e praças do Exército, da Brigada e oficiais constitucionalistas!

**IHU On-Line - No dia 7 de setembro, a unidade nacional é celebrada com a efeméride da independência. No dia 20 de setembro, os gaúchos reverenciam a Guerra dos Farrapos, movimento que é associado a ideais separatistas da antiga Província de São Pedro em relação ao poder central. O ensino de história na rede escolar endossa o festejo cívico-ufanista?**

“

## *Essa ‘identidade inventada’ consolida o encobrimento do passado escravista real*

**Mário Maestri -** As celebrações, festejos, paradas, canções pátrias não são momentos de reflexão histórica, política e social. São instâncias irracionais, rituais cíclicos para introjetar e incutir, sem reflexão, valores e sentimentos nacionais ou regionais totalizantes, que neguem as terríveis contradições sociais. No 7 de Setembro, amamos e nos orgulhamos do nosso país, pois lutamos, *todos*, contra os portugueses. É a festa de *todos* os brasileiros. No 20 de Setembro, amamos e nos orgulhamos do nosso Estado, como rio-grandenses, pois lutamos, *todos*, contra o resto do país. E a festa de *todos* os rio-grandenses. Ponto e basta. E ninguém fala que celebramos uma independência e uma revolta regional de escravistas e latifundiários, em favor de seus privilégios. Essas celebrações nos ensinam que devemos, *todos*, amar, irmanados, os valores, o território e a população de uma província, estado, nação. Constrói-se uma realidade fantástica na qual o trabalhador e

o desempregado vivem, no mesmo país, como irmãos, com aqueles que os exploram, os lançam na miséria, os subjagam. Na construção dessa fantasmagoria nacionalista, que propõe unir explorados e exploradores, o capital e o trabalho etc., têm papel fundamental atividades como a Copa do Mundo, as Olimpíadas, as festas cívicas, os hinos patrióticos etc. Nas últimas semanas, a população, nas ruas, tem rejeitado criativamente essa falsa proposta de unidade nacional ao dar conteúdo social e politicamente fracionado ao Hino Nacional, ao agregar à sua letra o “fora Temer”.

**IHU On-Line - Em 2002, um advogado pelotense apelidado de Capitão Gay participou do desfile comemorativo do 20 de Setembro, em Porto Alegre, carregando a bandeira do movimento LGBT. Montado em uma égua, quando passou no palanque oficial bradou que aquela era “a verdadeira bandeira da revolução”. Na ocasião, o senhor destacou em artigo que alguém precisaria ousar e pesquisar sobre a homossexualidade no Pampa e o tabu acerca da sexualidade do trabalhador pastoril sulino, eternamente descrito como solteiro e vivendo no galpão com outros homens. Quase 15 anos depois, as discussões em torno das questões de gênero e identidade sexual avançaram, mas a questão específica da homossexualidade e o gaúcho segue desprezada?**

**Mário Maestri -** Destaque-se que o advogado pelotense foi surrado por alguns tradicionalistas associados, que não tiveram coragem de ir pedir explicações, sozinhos, apoiados em seus preconceitos e ignorância. Escrevi, realmente, um breve ensaio, “O gaúcho era gay?”<sup>11</sup>, levantando algumas teses sobre a eventual homossexualidade, no passado, entre os peões-gaúchos. Lembrei que haveria possivelmente a incidência habi-

<sup>11</sup> O artigo pode ser acessado em [https://www.academia.edu/12348039/O\\_ga%C3%BAcho\\_era\\_gay](https://www.academia.edu/12348039/O_ga%C3%BAcho_era_gay). (Nota do entrevistado)

tual de homossexuais masculinos, aumentada pela disfunção da sociedade pastoril, que afastava as mulheres do galpão. Ao igual, talvez, que na Marinha, no Exército, nos seminários etc. Propus que os *gaúchos* homossexuais do passado seriam certamente tão *machos* como os demais, nas lides campeiras, na guerra etc. Não sei se há trabalhos sobre o tema apoiados em documentação e reflexão mais exaustivas. Porém, discordo com o corajoso advogado militante gay que aquela fosse a verdadeira bandeira da revolução. Parece-me que ela fazia e faz parte da luta pela transformação social que segue tendo como eixo a socialização entre os produtores dos bens de produção e de consumo. O Estado imperialista estadunidense concedeu o reconhecimento de liberdades civis - LGTB, mulheres etc. -, mantendo-se como vanguarda da opressão nos Estados Unidos e no mundo.

**IHU On-Line - A impressão que se tem é que, cada vez mais, os rio-grandenses mergulham no ufanismo e na celebração acrítica de um movimento que defendia, sobretudo, interesses da oligarquia rural e escravista.**

**Mário Maestri - A excepcionalidade do Rio Grande do Sul nasceu do peso da pequena propriedade na sua formação social. Ela apoiou a gênese de Estado republicano-positivista, pró-capitalista e bonapartista, que abriu indiscutível espaço aos segmentos médios. A formação sulina, que foi singular em relação ao resto do país, gerou o "ufanismo rio-grandense". Porém, o "orgulho de ser gaúcho" jamais esteve tão baixo como hoje. Desencanto que faz parte da depressão geral, política, econômica, cultural, social etc. que vive o Rio Grande do Sul. O Estado construído na Era Positivista<sup>12</sup> [1891-1937], questionado**

12 **Positivismo lógico:** modelo filosófico geral, também denominada empirismo lógico ou neopositivismo, desenvolvida por membros do Círculo de Viena com base no pensamento empírico tradicional e no desenvolvimento da lógica moderna. O positivismo

pela ditadura getulista<sup>13</sup> [1937-45], relançado pela administração Leonel Brizola<sup>14</sup> [1958-1962], vive desagregação-metamorfose crescente e ininterrupta. As administrações Brito<sup>15</sup> (1995-98) e

lógico restringiu o conhecimento à ciência e utilizou o verificacionismo para rejeitar a Metafísica não como falsa, mas como destituída de significado. A importância da ciência levou positivistas lógicos proeminentes a estudar o método científico e explorar a lógica da teoria da confirmação. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1naoZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU Ideias** *Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihu130>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuem01>. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Leonel de Moura Brizola** (1922-2004): político brasileiro, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul. Foi prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara e duas vezes governador do Rio de Janeiro. Sua influência política no Brasil durou aproximadamente 50 anos, inclusive enquanto exilado pelo Golpe de 1964, contra o qual foi um dos líderes da resistência. Por várias vezes foi candidato a presidente do Brasil, sem sucesso, e fundou um partido político, o PDT. Sobre Brizola, confira a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação** intitulada *Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuem01>. Leia também a **IHU On-Line** intitulada *Leonel de Moura Brizola 1922-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon107>. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Antônio Brito Filho** (1952): é um jornalista, executivo e político brasileiro, que exerceu os cargos de deputado federal, ministro da Previdência Social e governador do estado do Rio Grande do Sul. (Nota da **IHU On-Line**)

Yeda Crusius<sup>16</sup> (2007-2011) foram momentos referenciais desse processo; as de Olívio Dutra<sup>17</sup> (1999-2003) e Tarso Genro<sup>18</sup> (2011-2015) constituíram registro do caráter anódino das propostas de superação. A eleição para governador, por 61,2% dos votos dos rio-grandenses, de um político do estofo e da inteligência de José Sartori<sup>19</sup>, circunscreve maravilhosamente o drama e a depressão que vivemos. Vejo essa realidade como, por um lado, a desistência histórica das classes dominantes regionais de acaudilharem a sociedade sulina, aceitando integração súcuba ao grande capital que transformou o Rio Grande em espaço semi-colonial. E, por outro, a incapacidade, até agora, das classes trabalhadoras de se levantarem como alternativa.

**IHU On-Line - Para o senhor, que pesquisa e reflete sobre a história regional, essas celebrações e realidade não são frustrantes?**

**Mário Maestri - Meu caro, não vamos falar de frustração. Duran-**

16 **Yeda Rorato Crusius** (1944): é uma economista e política brasileira. Foi governadora do estado do Rio Grande do Sul entre 2007 e 2011, sendo filiada ao Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Olívio de Oliveira Dutra** (1941): sindicalista e político brasileiro. Foi prefeito de Porto Alegre, e governador do Rio Grande do Sul. No governo Lula foi Ministro das Cidades. Formado em Letras, Olívio foi funcionário concursado do BARRISUL, a partir de 1961. Nesta condição, começa a militar no Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, e chega à presidência da entidade em 1975. Comandou a greve geral do funcionalismo público de setembro de 1979, motivo pelo qual foi preso pelo Regime Militar, e perdeu seu mandato sindical. Foi presidente do PT de 1980 a 1986. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Tarso Genro:** advogado, jornalista e político brasileiro filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi duas vezes prefeito de Porto Alegre e ministro da Educação, das Relações Institucionais e da Justiça durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Em 3 de outubro de 2010, foi eleito governador do Rio Grande do Sul no primeiro turno, com mais de 54% dos votos válidos. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **José Ivo Sartori** (1948): é professor de filosofia e político brasileiro, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB. Atualmente é governador do Estado do Rio Grande do Sul. (Nota da **IHU On-Line**)

te a ditadura militar, boa parte de minha geração orientou sua vida no sentido da construção de uma sociedade que permitisse ao homem realizar todas as suas potencialidades, através da organização racional do mundo social. Meio século mais tarde, aqueles que perseveraram nessa rota, sem *desbundar* no

meio do caminho, deparam com um mundo afundando na barbárie e na irracionalidade. Terrível realidade que, no Brasil, nos concede como cereja do bolo uma outra ditadura do grande capital, através desta vez de um golpe institucional, que já inicia o projeto de afundar o país em tristeza e miséria sem

par. Entretanto, confesso que me surpreende essa maravilhosa nova geração de jovens e menos jovens que têm mostrado inesperado vigor e combatividade, através do Brasil e, com destaque, em Porto Alegre. Eles lembram, mais uma vez, que, enquanto há luta, há vida, brotando pujante. ■

## LEIA MAIS...

- “A campanha da Marina foi sustentada pela grande imprensa”. Entrevista especial com Mário Maestri publicada nas **Notícias do Dia**, de 24-10-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2cLYhNa>;
- “Há muita demagogia sobre a honestidade política das elites rio-grandenses”. Entrevista especial com Mário Maestri publicada nas **Notícias do Dia**, de 16-8-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2d6nWAX>.
- *Depoimento sobre trinta anos de estudo da história africana e afro-brasileira (1977-2007)*. Entrevista especial com Mário Maestri publicada na revista **IHU On-Line**, nº 242, de 5-11-2007, disponível em <http://bit.ly/2cPIKwZ>;
- Capitania d’el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Entrevista especial com Mário Maestri publicada na revista **IHU On-Line**, nº 204, de 13-11-2006, disponível em <http://bit.ly/2csWAB1>.
- Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Artigo de Mário Maestri, publicado em **Cadernos IHU**, número 6, disponível em <http://bit.ly/2daFRDq>.
- O escravismo colonial: a revolução copernicana de Jacob Gorender. A gênese, o reconhecimento, a deslegitimação, artigo de Mário Maestri, publicado em **Cadernos IHU**, número 13, disponível em <http://bit.ly/2cC5pKS>.



### Prof. Dr. Marcelo Castañeda

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Mobilidade e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles

**23** de novembro (quarta-feira) | 19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Informações e inscrições: [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

4º Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo.  
Territórios, governo da vida e o comum

# Gauchismo busca integrar diferentes grupos, e não representar a diversidade

Os tradicionalistas são os sujeitos mais fortes e organizados na disputa pela formulação de sentidos em torno da identidade gaúcha, observa a antropóloga Maria Eunice Maciel

Por Vitor Necchi

**H**á um fenômeno que incide diretamente no entendimento que se tem acerca da identidade gaúcha: o gauchismo. Conforme a antropóloga Maria Eunice Maciel, ele “abarca diversas práticas e manifestações culturais que são construídas em torno da figura do gaúcho”. No gauchismo, “não há a preocupação de representar a diversidade dos grupos sociais, e sim de integrá-los”. Neste processo, o tradicionalismo é o grupo mais forte e organizado na formulação de sentidos. Há muitos agentes operando neste processo e divulgando as representações, como a mídia e a escola. Maria Eunice faz uma ressalva: “Precisamos separar duas coisas: a cultura tradicional e a cultura tradicionalista”.

Como a discussão em torno da identidade gaúcha é tema recorrente, é oportuno prestar atenção à distinção feita pela antropóloga entre cultura tradicional e cultura tradicionalista. “A identidade que o tradicionalismo opera é aquela construída dentro do seu movimento e é, sim, cristalizada, remetendo a um passado idealizado em busca do que é chamado de autenticidade”, afirmou Maria Eunice em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Por outro lado, identidade é uma construção social, “está em per-

manente mutação, não podendo ser pensada como algo cristalizado”. Isso ajuda a entender por que há tantos tensionamentos em torno do tema.

Um dos efeitos desta disputa de visões é que manifestações tradicionais e folclóricas do Rio Grande do Sul estão desaparecendo, enquanto o gauchismo cresce. Um dos fatores que explica essa proeminência é que o gauchismo “permite que as pessoas que dele participam possam incorporar este ‘outro’. Assim, qualquer um pode se identificar (ou ter como modelo ou ponto de referência) alguém com fortes conotações positivas segundo seus próprios valores”.

**Maria Eunice Maciel** é doutora em Antropologia Social pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, mestra em Antropologia Social, especialista em História do Rio Grande do Sul e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde é professora titular de Antropologia. Trabalha com identidade, representação e imaginário, alimentação, indumentária e maneiras de viver. Representa a International Commission on Anthropology of Food - ICAF no Brasil.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Identidades não são estáticas, elas estão permanentemente tensionadas, em processo. No caso da gaúcha, fica-se com a impressão de que os ideólogos do tradicionalismo buscam construir e**

**preservar uma identidade pétrea. Para além deste projeto de um grupo específico, como pode ser definida a identidade gaúcha?**

**Maria Eunice Maciel - Identidade é uma construção social, das**

**pessoas relacionando-se entre si. Assim, ela está em permanente mutação, não podendo ser pensada como algo cristalizado. No Rio Grande do Sul, observamos a existência de um fenômeno chamado**



## ***Identidade é uma construção social, das pessoas relacionando-se entre si. Assim, ela está em permanente mutação, não podendo ser pensada como algo cristalizado***

de gauchismo, que abarca diversas práticas e manifestações culturais que são construídas em torno da figura do gaúcho. É uma noção abrangente e multifacetada. O tradicionalismo é um dos grupos que atua neste sentido, sendo o mais forte e organizado. As representações sobre o gaúcho construídas por ele são muito fortes, sendo divulgadas pela mídia, pela escola e por outros meios a ponto de se tornarem as mais conhecidas.

Porém, precisamos separar duas coisas: a cultura tradicional e a cultura tradicionalista. A identidade que o tradicionalismo opera é aquela construída dentro do seu movimento e é, sim, cristalizada, remetendo a um passado idealizado em busca do que é chamado de autenticidade. No entanto, o movimento atualiza constantemente suas práticas culturais e é heterogêneo. Mas existe uma cultura tradicional gaúcha que está por aí e que pode ser estudada.

**IHU On-Line - Stuart Hall afirma que uma identidade se estabelece em oposição a algo. A dos sul-rio-grandenses se firmou em oposição à do restante do Brasil ou esta proposição não passa de um equívoco?**

**Maria Eunice Maciel - Não é apenas Stuart Hall<sup>1</sup> quem afirma isso. A**

**1 Stuart Hall (1932-2014):** teórico cultural e sociólogo jamaicano, viveu e desenvolveu sua carreira acadêmica no Reino Unido a partir de 1951. Hall, juntamente com Richard Hoggart e Raymond Williams, fundou a escola de pensamento conhecida como Estudos Culturais britânicos. Stuart Hall expandiu o escopo dos estudos culturais para lidar com raça e gênero, além de ajudar a incorporar novas

ideias da construção por contraste é muito antiga na antropologia e, só para citar alguns, as teorias de Fredrick Barth<sup>2</sup> sobre fronteiras e, no Brasil, de Roberto Cardoso de Oliveira<sup>3</sup> sobre fricção interétnica, que hoje já são consideradas clássicas. Lévi-Strauss<sup>4</sup> considera-

ideias derivadas do trabalho de teóricos franceses. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Fredrik Barth (1928-2016):** antropólogo, começou sua carreira na Universidade de Bergen, onde criou o Departamento de Antropologia Social, sendo um dos responsáveis pela proeminência alcançada pela instituição na pesquisa social. Em sua obra *Grupos Étnicos e suas fronteiras*, discute a etnicidade e a persistência das fronteiras criadas por partes das unidades étnicas. Trabalhou também nas universidades de Boston, de Oslo, de Emory e Harvard. (Nota da **IHU On-Line**)

**3 Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006):** antropólogo brasileiro. Foi indigenista e etnólogo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com diversas publicações no Brasil e no exterior. Fundou o programa de pós-graduação do Museu Nacional/UFRJ e da Universidade de Brasília - UnB. Também participou do início do programa indigenista na Unicamp. Estudou os Terena, em 1955, em seu primeiro trabalho de campo, que resultou na obra *Processo de Assimilação dos Terena*. Trabalhou os conceitos de aculturação, baseados no marxismo e no conceito de fricção interétnica na relação índios e brancos. A partir de sua pesquisa, demonstrou como os índios assimilam a cultura a que são expostos. Foi membro honorário do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e Irlanda, doutor Honoris Causa pela UFRJ e pela UnB. Entre as suas principais obras estão *Identidade, etnia e estrutura social* e *Sociologia do Brasil Indígena*. (Nota da **IHU On-Line**)

**4 Claude Lévi-Strauss (1908-2009):** antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome

va que a identidade era um ponto de referência, estando sempre a se construir e reconstruir. No sul do Brasil, ela se constrói a partir de estabelecer uma diferença entre os demais brasileiros e entre os gaúchos platinos. É bom lembrar que, nestes países, gaúcho não é um gentílico como no Rio Grande do Sul. Gaúchos são os homens do campo ou os antepassados. Há uma grande diferença. No Rio Grande do Sul, ele, que é uma figura emblemática, foi elevado à condição de herói mítico, no sentido antropológico. Interessante ver que aqui, hoje, o termo gaúcho implica no gentílico (todos os nascidos no Rio Grande do Sul), no homem do campo ligado ao pastoreio, mas também no que chamo de "figura emblemática", um gaúcho idealizado no tempo e no espaço.

**IHU On-Line - A identidade gaúcha está muito vinculada a uma ideia cristalizada de tradição. A noção de tradição adotada não é improvável demais, pois sugere um elevado grau de pureza ou autenticidade, desconsiderando que o entendimento do passado é processado em um presente específico?**

**Maria Eunice Maciel -** Lembro uma citação de um filósofo que dizia que a tradição é o que os homens do presente pedem aos homens do passado. Creio que é de Ortega y Gasset<sup>5</sup>. O próprio Lévi-Strauss, ao analisar os ritos de Natal, dizia que sua existência não poderia ser devido a uma certa "viscosidade histórica", mas

internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da **IHU On-Line**)

**5 José Ortega y Gasset (1883-1955):** filósofo espanhol, que atuou também como ativista político e jornalista. Sobre o autor, confira a entrevista concedida por José Maurício de Carvalho, *Pampa. Um espaço humano de promessas e realizações*, concedida à revista **IHU On-Line** nº 190, de 07-08-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon190>. (Nota da **IHU On-Line**)

porque tais ritos do passado fariam sentido aos homens do presente. Creio que é por aí. Este passado do gaúcho apresentado é um passado idealizado, mítico. Um tempo e um momento especiais que ancoram uma narrativa significativa para os gaúchos (gentílico) do presente.

Podemos ver este aspecto da “tradição” na recriação e/ou invenção de várias manifestações culturais. Os fundadores do Tradicionalismo empreenderam várias pesquisas folclóricas, pois o folclore do Rio Grande do Sul era pouco estudado. Um dos casos foi a chula, que, segundo eles, é uma dança semelhante a várias danças de bastões que existem no Brasil. No entanto, corre no gauchismo que a chula era “uma disputa que os farroupilhas faziam pela mão de uma prenda”. Segundo alguns, isso é devido a uma apresentação de chula em um evento de cultura gaúcha, mas o que interessa aqui é que esta definição é mais atraente do que o fato de ser algo semelhante a uma dança de bastões. Assim, publique-se a lenda.

Vou tentar exemplificar a questão da tradição por outro lado. Assisti, há alguns anos, no município de Mostardas, à reconstrução de uma cavalhada<sup>6</sup> que atraiu um grande número de pessoas da região. Foi extremamente interessante, pois era algo que acontecia no passado, mas estava se perdendo, restando apenas nas memórias dos mais velhos. Tanto que era preciso que alguém fosse explicando no microfone e dando os parâmetros do que fazer. Quando a manifestação é viva, ela se dá por transmissão direta, e as pessoas vão mudando, introduzindo novidades, deixando de lado alguns aspectos, em suma, transformando. Mas o que interessa na reconstituição é o entendi-

6 **Cavallhada**: celebração portuguesa tradicional originada nos torneios medievais, em que aristocratas exibiam destreza e valentia em espetáculos públicos e, frequentemente, envolvia temas do período da Reconquista. A prática da cavallhada recria torneios medievais e batalhas entre cristãos e mouros. Há registros de que este costume é realizado no Brasil desde o século 17, durante a festa do Divino, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. (Nota da **IHU On-Line**)

mento de que esta manifestação era algo que pertencia e unificava estas pessoas, algo reconhecido como seu, um certo tipo de herança, um patrimônio cultural que estava esquecido. Reconstitui-lo era algo de grande importância para esta comunidade, era um ponto de referência que indicava “isso é nosso”/“isso somos nós”. Espero que ainda estejam encenando a cavallhada que, aos poucos, certamente, vai se adaptando.

**IHU On-Line - Por que o gaúcho tem um apego demasiado ao passado, principalmente a um passado idealizado e romantizado? Por que o presente é hostil e árido?**

**Maria Eunice Maciel** - Não necessariamente. As construções identitárias se referem, em grande medida, ao passado para ter algo que unifique o grupo, no caso, uma história em comum que vincule o

para impedir recém-chegados. No Brasil e no Rio Grande do Sul, cuja diversidade é muito grande, o que significa “raízes”?

**IHU On-Line - A busca pela pureza dos tradicionalistas chegou a um ponto em que o Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG criou em 1999 o ISO Tchê, que atesta a autenticidade gaúcha em manifestações culturais. Os dirigentes do MTG pretendiam que o selo indicasse, por exemplo, que determinado estabelecimento servia um churrasco autêntico. Isto não é exagerado, caricatural?**

**Maria Eunice Maciel** - Dentro da lógica das pessoas que o instituíram, não, mas a partir dos gaúchos que não fazem parte do movimento, sim. Tanto que sofreu não apenas críticas, mas muito mais deboches e risadas. Hoje nem se fala mais nisso. Se fosse colocar ISO em todas as manifestações da cultura gaúcha, pensando em como eram no passado, não sobraria nada. A começar pelo próprio MTG. Por exemplo, o vestido de prenda, que foi criado na década de 1950, com inspiração difusa e que muito pouco tem a ver com o que a mulher rio-grandense usava no passado, que é a referência. Tanto que é chamado de “vestido da mulher tradicionalista”. Interessante é observar que os fundadores do Tradicionalismo, no final dos anos 1940, não estavam interessados em estabelecer tantos parâmetros pétreos. Tanto que criaram o vestido de prenda para que as mulheres pudessem participar junto com os homens, que portavam bombachas.

É também interessante lembrar que a bombacha era e é roupa de uso no campo, roupa de trabalho, excelente para montar a cavalo. Seu uso na cidade e em bailes tem outro sentido, que só pode ser entendido dentro do entendimento do “culto” a que se propõe o Tradicionalismo. Lembro de uma ocasião em que um conselheiro do MTG manifestou-se contra o uso de calcinhas pelas mulheres de um dado conjunto de danças (o que foi observado em um dos volteios da

“**Quando a manifestação é viva, ela se dá por transmissão direta, e as pessoas vão mudando, introduzindo novidades, deixando de lado alguns aspectos, em suma, transformando**”

território ao habitante deste território. É tentar criar algo singular em um universo plural procurando o que chamam de “raízes”. Este processo é político e pode levar a ações xenófobas. É só vermos o que ocorre hoje em outros países que tentam “preservar sua identidade” construindo muros bem concretos

dita dança) e que, em nome da autenticidade derivada do passado, deveria estar usando uns calções do tipo bombachinhas. Bem, já que o vestido era uma construção recente, o uso de calções do tipo “histórico” seria uma contradição. Mas não foi assim visto, e muitas das mulheres dos grupos de dança hoje tratam de usar os tais calções.

**IHU On-Line - A criação de uma identidade cultural acaba estabelecendo uma generalização, ao tentar unificar sobre uma mesma representação sujeitos distintos. Neste sentido, a representação clássica do gaúcho - o macho da região da Campanha, afeito às lides pastoris - não contempla o contingente de pessoas vinculadas ao Rio Grande do Sul, por exemplo, descendentes de alemães, de italianos, de negros e de índios, além da população urbana, sem falar em outras possibilidades de agrupamentos, como mulheres, gays etc. Ao mesmo tempo, muitos desses sujeitos dissonantes se sentem abrigados por esta identidade hegemônica. O que explica isso? Uma necessidade de pertencimento?**

**Maria Eunice Maciel -** É em função desta representação do gaúcho que a chamo de “figura emblemática”. No gauchismo, não há a preocupação de representar a diversidade dos grupos sociais, e sim de integrá-los. E de fato conseguem, pois há manifestações gaúchas referenciadas no pampa em todas as regiões com descendentes de todos os povos que formaram o que hoje é o Rio Grande do Sul. Inclusive, há CTGs de negros, o que é um caso complicado. O gauchismo, enquanto movimento, é forte nas cidades, mas não quer dizer que não seja frequentado pelos habitantes do mundo rural. Mas creio que sua força é derivada a possibilitar a “vivência de um outro”. Explico melhor: ao se referir a um gaúcho idealizado, o gauchismo permite que as pessoas que dele participam possam incorporar este “outro”.

Assim, qualquer um pode se identificar (ou ter como modelo ou pon-

to de referência) alguém com fortes conotações positivas segundo seus próprios valores. Um sujeito que é apenas uma pessoa comum pode, aos fins de semana, vestir uma bombacha e transformar-se. Não é apenas o aspecto lúdico. Observa-se até mesmo uma mudança

“  
***As construções identitárias se referem, em grande medida, ao passado para ter algo que unifique o grupo, no caso, uma história em comum que vincule o território ao habitante deste território***

corporal nestas pessoas. O mesmo para as mulheres e, em especial, para as meninas. O vestido longo, enfeitado, faz com que retome determinados gestos e uma dada corporalidade que faz parte da ideia de feminilidade “tradicional”. O “pertencer” implica no “ser”, ou no “vir a ser”, tornar-se. Assim, os gaúchos genéricos, pois nascidos no Rio Grande, encarnam o herói emblemático, segundo seus próprios valores dentro do gauchismo.

**IHU On-Line - Após a realização da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, circularam críticas de que o espetáculo apresentado tentou celebrar a identidade brasileira, mas deixou de fora elementos do Sul, dando prioridade ao Nordeste e ao Sudeste. Isto é mais um indício de que os gaúchos estão apartados de de-**

**terminado entendimento acerca da identidade nacional?**

**Maria Eunice Maciel -** Difícil dizer. Mas o Nordeste possui uma cultura popular muito rica e viva. Representar o Rio Grande do Sul seria o quê? Levar um grupo de dança? Uma chula? Creio que os organizadores fizeram uma escolha, voltada para o Nordeste e o Sudeste. O Norte, o Centro-Oeste e o Sul ficaram de fora. Ou alguém pensa que os índios do boi-bumbá<sup>7</sup> do Parintins representam os brasileiros nativos? E o Centro-Oeste é uma região também riquíssima culturalmente. Houve uma escolha. Sobre o Sul, penso que seria difícil pensar em como representá-lo fora do gauchismo, dada a força que este assumiu.

Manifestações tradicionais e folclóricas do Rio Grande do Sul estão cada vez mais desaparecendo, e o gauchismo crescendo. Já citei a Cavalhada, mas cito também os clubes de tiro ou corais da região alemã, que foram muito numerosos, mas que hoje estão sendo reduzidos em número. Outras manifestações, tais como o bumba meu boi daqui, também está desaparecendo. Sim, existia e hoje resta apenas um no município de Encruzilhada do Sul. No interior de Piratini, havia a bicharada. Continuará existindo? Os Ternos de Reis<sup>8</sup> estão se apresentando em palcos, viran-

<sup>7</sup> **Boi-bumbá:** ou bumba meu boi, é uma dança do folclore popular brasileiro, com personagens humanos e animais fantásticos, inspirada em uma lenda que conta a morte e a ressurreição de um boi. Em diversas cidades do Brasil, especialmente no Norte e no Nordeste, mas também em algumas do Sudeste, grupos que realizam cortejos ou outros tipos de apresentações, utilizando a figura do animal, estabelecendo uma competição. A festa tem ligações com diversas tradições, africanas, indígenas e europeias, inclusive com festas religiosas católicas, sendo associada fortemente ao período de festas juninas. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> **Terno de Reis:** também conhecida como Folia de Reis, Reisado ou Festa de Santos Reis, é uma manifestação cultural religiosa festiva. Tradicionalmente era encenada por católicos para rememorar o episódio em que os Três Reis Magos partiram à procura do esconderijo do Prometido Messias a fim de homenageá-lo e levar presentes. A base da tradição é uma história constante na Bíblia. A data da celebração da visita dos Três Reis Magos é 6 de janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

do “espetáculos”. E assim muitas outras manifestações. O próprio carnaval de rua está cada vez mais cerceado. Porém, o gauchismo cresce, e isso tem um significado.

**IHU On-Line - Não são raras manifestações de que os gaúchos se sentem excluídos das representações que se faz do Brasil. Ao mesmo tempo, a perspectiva do separatismo para o imaginário local. É ambivalente: querem se separar, mas reclamam que não se sentem acolhidos pelo restante do país. O espaço periférico que os gaúchos pensam ocupar no imaginário do que entendem por Brasil deve-se mais aos próprios gaúchos ou aos brasileiros em geral?**

**Maria Eunice Maciel -** Nossa figura emblemática é internacional, assim, os “gaúchos brasileiros” têm um processo particular de construir sua identidade. Mas creio que os gaúchos acentuaram as diferenças com os demais brasileiros. Não é raro ouvir-se aqui louvações do tipo “os gaúchos são melhores” em detrimento dos outros brasileiros, em especial os nordestinos. É comum, inclusive, reproduzir a ideia de que aqui há um ethos de trabalho, enquanto no restante do país (ou, pelo menos, no Nordeste) haveria um ethos de festa. Ou seja, nós trabalharíamos para outros usufruírem. Muitos governantes locais reforçaram este discurso de maneira, diria, inconsequente. Qualquer um que viaje pelo Nordeste vê que a região mudou e muito. Vai dizer para o trabalhador baiano no Polo Petroquímico de Camaçari que baiano é preguiçoso, não trabalha e gosta só de festa e espera a resposta. Dizer uma coisa desta é puro preconceito. É um discurso construído pelas elites em relação aos seus escravos, considerados preguiçosos, e como a Bahia e o Nordeste, em particular, possuem muitos descendentes de

pessoas que foram escravizadas, o preconceito continua.

A preguiça do escravo, e dos negros em geral por extensão, é um tema fortemente ancorado no discurso sobre identidade nacional construído pelas elites brasileiras. Só que, colocando-se no lugar desta pessoa que era escravizada, quem estaria pronto e ágil para trabalhar? Não sei vocês, mas eu certamente que não. Mesmo assim, foram estas pessoas escravizadas que construíram, com o seu trabalho, o que hoje é o Brasil. Todos nós, mesmo aqueles recém-chegados, mas que aqui vivem, temos uma dívida com eles.

**IHU On-Line - Nos últimos tempos, suas pesquisas tratam da antropologia da alimentação. Nesta entrevista, tratamos da identidade gaúcha. O que a alimentação do gaúcho revela sobre o rio-grandense?**

**Maria Eunice Maciel -** A comida, ou seja, a alimentação culturalizada, diz muito sobre um povo. O churrasco gaúcho, não aquele que é servido em churrascaria, mas aquele em família ou grupo de amigos, é o que chamo de “manifestação eloquente” e diz muito sobre a nossa sociedade. O fato de ser sempre um assador homem (com honrosas exceções), a organização espacial, até as vestimentas, dizem algo e cabe a nós interpretarmos o que está sendo dito. Mas este assunto é grande e fica para outra vez.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Maria Eunice Maciel -** Quero recomendar uma leitura, de Barbosa Lessa<sup>9</sup>, a quem tenho o maior res-

<sup>9</sup> **Barbosa Lessa** (1929-2002): folclorista, escritor, músico, advogado e historiador brasileiro, Luiz Carlos Barbosa Lessa escreveu cerca de 61 obras, entre contos, músicas e

peito e consideração e quem muito estudou as manifestações culturais no Rio Grande, assim como Paixão Côrtes<sup>10</sup> e Glaucus Saraiva<sup>11</sup>. Também foram eles que criaram o Tradicionalismo. Trata-se de um livro pequeno, mas esclarecedor: *Nativismo*, editado pela L&PM. Ali estão as bases para se entender o que é a cultura tradicionalista, em geral tomada como se esta fosse a cultura tradicional rio-grandense. ■

romances. É um dos principais inspiradores do tradicionalismo gaúcho. Em 1948, ele e um grupo de colegas do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), chamado de 35. Entre os seus livros mais importantes estão *Rodeio dos ventos*, *Os guaxos*, *O sentido e o valor do tradicionalismo* e *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. Com Paixão Côrtes, entre 1950 e 1952 pesquisou o conhecimento remanescente das danças regionais do Rio Grande do Sul, trabalho que embasou a recriação de danças tradicionalistas, originando o livro didático *Manual de Danças Gaúchas* e o disco *Danças Gaúchas*, com interpretações da cantora paulista Inezita Barroso. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> **Paixão Côrtes** (1927): João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes é folclorista, compositor, radialista e pesquisador gaúcho. Trata-se de um dos personagens mais importantes da cultura gaúcha e, em particular, do movimento tradicionalista. Era um dos alunos do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, que fundaram o primeiro centro de tradições gaúchas (CTG), chamado de 35, em 1953. Em 1954, serviu de modelo para o escultor Caríngi criar a estátua Laçador, fixada em uma das entradas de Porto Alegre. Formou-se em Agronomia, na UFRGS, e trabalhou na Secretaria da Agricultura. Costuma dizer que o fato de ser folclorista e “falar a mesma língua do homem do campo” facilitou a comunicação e a implantação de novas tecnologias. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> **Glaucus Saraiva** (1921-1983): poeta gaúcho, tradicionalista, folclorista, historiador, professor, pesquisador, escritor, conferencista, músico e compositor. É um dos nomes de maior importância no tradicionalismo gaúcho, juntamente com Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Sócio fundador da Estância da Poesia Crioula e do 35 Centro de Tradições Gaúchas, do qual foi o primeiro patrão (presidente). O Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore – IGTF, órgão vinculado à Secretaria de Estado da Cultura criado em 1974, foi idealizado por ele. Desenvolveu a Carta de Princípios do MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho, documento que em 1961 estabeleceu os princípios dos tradicionalistas. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

– *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo*. Artigo de Maria Eunice Maciel, publicado em **Cader- nos IHU Ideias**, número 87, disponível em <http://bit.ly/2cxVOMn>.

# É preciso interrogar o pragmatismo político e a eficácia simbólica do tradicionalismo

Letícia Borges Nedel destaca que não se deve testar a “correspondência fática” entre o que é postulado pelos tradicionalistas e as práticas culturais de antigamente, mas entender a maneira como se processa o movimento na contemporaneidade

*Por Vitor Necchi*

**E**m sua trajetória de historiadora, Letícia Borges Nedel pesquisa a formação e a atuação das elites culturais no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, investigando questões como a participação de intelectuais situados na periferia do processo de modernização da pesquisa social brasileira em processos de institucionalização de memórias e saberes locais.

Ela afirma que os intelectuais gaúchos foram consumidores da memória regionalista que criaram e “pagaram caro pelo compromisso que fizeram firmar entre a Historiografia e as razões de Estado”. Eles se preocupavam com o reconhecimento da brasilidade do Rio Grande do Sul e de suas próprias criações. Esse esforço decorria do fato de que havia uma suposição intrínseca “de uma ‘unidade ancestral’ não coincidente com a geografia política”. Letícia considera que a missão política desses intelectuais era hercúlea: precisavam definir uma “personalidade jurídica” regional, portanto brasileira, “para um personagem *folk* de origem fronteiriça e, nesse sentido, transnacional”.

Na entrevista apresentada a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a historiadora analisa o impacto do tradicionalismo sobre os intelectuais que se tornaram conhecidos como a geração da livraria do Globo. “Foi desagregador”, resume. Ela considera indispensável a separação entre o Estado e o Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG. No entanto, a legitimidade do movimento deve ser preservada: “As formas de expressão cultural do Rio Grande do Sul são muitas, e reduzi-las a um só estereótipo é tão antidemocrático quanto empobrecedor, mas condenar a existência do tradicionalismo enquanto tal é um ato de intolerância cultural”.

Ao se problematizar a identidade gaúcha e o tradicionalismo, “o filho bastardo da erudição regionalista”, ela faz uma ressalva: “O que se tem que fazer não é testar a correspondência fática do que dizem os manuais de cultura tradicionalista com as ‘verdadeiras’ práticas culturais de antigamente, mas interrogar o pragmatismo político e a eficácia simbólica do fenômeno tradicionalista na contemporaneidade”.

**Letícia Borges Nedel** é doutora em História pela Universidade de Brasília - UnB, mestra em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Durante o doutorado, realizou estágio sanduíche na École de Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS/Paris. Realizou estágio pós-doutoral no Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC/FGV. É professora do Programa de Pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, onde coordena o Laboratório de Memória, Acervos e Patrimônio e integra a linha de pesquisa História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio. Integra o Comitê Brasileiro para o Programa Memória do Mundo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco, sediado no Arquivo Nacional, e o Conselho Consultivo do Museu Nacional de Imigração e Colonização, localizado em Joinville (SC). Entre 1991 e 1995, exerceu a função de assistente de coordenação no Museu Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul. Entre 2014 e 2015, foi membro da Comissão Gestora do Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral - MarquE/UFSC, instituição da qual é vice-diretora desde abril de 2016.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - No século 19, quando ocorreram fatos determinantes para o entendimento que se tem da identidade gaúcha, o Rio Grande do Sul era um estado periférico, afastado geográfica e politicamente do centro do país. Naquela sociedade, que espaço e importância os intelectuais tinham em nível regional e nacional?**

**Letícia Borges Nedel** - A rigor, não me parece possível afirmar a existência de intelectuais no Rio Grande do Sul no século 19, ou seja, a existência de um grupo que se fizesse representar como tal, cuja autoridade fosse reconhecida pelo Estado e pelo corpo social, e que dispusesse de um espaço próprio de ação, não redutível (ainda que articulado) ao jogo político-partidário. Isso não havia. O que havia era um círculo muitíssimo restrito de notáveis, homens de letras, políticos que escreviam e cujos interesses e posicionamentos ditavam a pauta do debate cívico.

Nesse contexto, as atividades ligadas à escrita estavam, de modo geral, imersas nas disputas eleitorais e decisórias, de modo que qualquer iniciativa de ordem "cultural", como a fundação de uma academia de eruditos, por exemplo, estaria sujeita ao jogo faccioso da concorrência intraelites políticas. Isso fica bem evidenciado nas tentativas fracassadas que precederam a (tardia) criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - IHGRS, em 1920.

Para haver intelectuais no sentido próprio da palavra, é preciso que se criem condições objetivas, ou seja, estruturas capazes de dar sustentação prática às atividades culturais e sustentação política para o grupo que disputa com outros o monopólio e a autoridade de nomeação dessas atividades, assim como dos critérios de validação das suas produções. É preciso, primeiro, uma certa diversificação de públicos, a existência de consumidores de cultura, o que, por sua vez, remete à ampliação do acesso à cultura escrita, além de espaços de formação e produção de conhe-

cimento, editoras, instituições culturais, jornais etc. Diferentemente do que acontece na capital e nos estados do Norte, no Rio Grande do Sul isso é obra republicana. É no bojo da imposição de uma ordem constitucional castilhistas (com as mitologias a ela correspondentes, como a do republicanismo inato do gaúcho,) que se cria o arcabouço institucional de gestão da cultura regional.

Nesse processo, a própria crise política entre liberais e republicanos (assim como as rupturas internas a cada legenda) abre espaço para a mobilização dos intelectuais - aí sim, autorrepresentados como tais, e alçados a porta-vozes da "região" (estou fazendo aqui uma paródia da expressão cunhada por Daniel Pécaut<sup>1</sup>). O problema, nesse caso, é que os critérios de validação dessa "cultura" (sintetizada pelas obras de autores consagrados como "tradutores" da cultura regional, mas não plenamente integrados ao panteão literário nacional) são ditados fora, e é isso o que perfaz a situação periférica em que atuam os produtores culturais do estado, mais do que a geografia ou o suposto isolamento imposto pela distância de Porto Alegre em relação à "Corte" poderia indicar.

Os intelectuais do Rio Grande estiveram permanentemente presos ao diagnóstico acerca das "origens" - portuguesa ou castelhana - do gaúcho porque estavam submetidos à lógica concorrencial das províncias pelo gradiente de representatividade nacional. O debate girava em torno dos métodos de superação dessa insularidade cultural, e como só quem estava interessado nesse debate eram os próprios intelectuais periféricos, reproduz-se o isolamento, o auto-centramento dessa produção. Enquanto os intelectuais rio-grandenses se patrulhavam mutuamente, procurando nas atitudes "particu-

<sup>1</sup> **Daniel Pécaut**: sociólogo francês e especialista em problemas políticos da América Latina. Pesquisador da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, em Paris. Autor de *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação* (São Paulo: Editora Ática). (Nota da **IHU On-Line**)

laristas" dos pares adversários os culpados pelo não reconhecimento do regionalismo sulino frente ao regionalismo de outros estados, o Nordeste avançava, sem ter que se haver com a questão da fronteira (que aqui era central).

**IHU On-Line - No processo de construção da identidade gaúcha, intelectuais, particularmente historiadores e escritores, tiveram papel protagonista. Qual a motivação? Eles agiram em confluência com o poder político?**

**Letícia Borges Nedel** - No Brasil, como no Rio Grande do Sul, a produção intelectual emana da política e dela extrai sua agenda. A História, como disciplina, assim como a literatura politicamente engajada da tradição gauchesca (que, diga-se de passagem, leva três bandeiras), fizeram esse percurso e foram, durante décadas (como ainda acontece muitas vezes) empregadas no confronto político direto. Dois pontos de inflexão são importantes aqui. Primeiro, a campanha republicana - e não me parece casual que uma obra aceita como marco fundador da historiografia sul-rio-grandense seja o libelo de Assis Brasil<sup>2</sup> ao centralismo entendido como sinônimo de regime imperial, onde aparece o lema centralização = desmembramento - e, em segundo lugar, as guerras civis de 1893<sup>3</sup> e

<sup>2</sup> **Joaquim Francisco de Assis Brasil** (1857-1938): advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata e estadista brasileiro; propagandista da República. Foi fundador do Partido Libertador, deputado e governador do Rio Grande do Sul, quando integrou a junta governativa gaúcha entre 12 de novembro de 1891 e 8 de junho de 1892. Introduziu no Brasil os gados Jersey e Devon e a ovelha Karakul, tendo participação importante na introdução do cavalo árabe e no melhoramento do Thoroughbred, o puro sangue inglês. Juntamente com o Barão do Rio Branco, assinou o Tratado de Petrópolis, que assegurou ao Brasil a posse do atual estado do Acre. Neste estado, foi criado, em sua homenagem, o município de Assis Brasil. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Revolução Federalista** (1893-1895): conflito ocorrido nos três estados do sul do Brasil após a Proclamação da República, devido à instabilidade política gerada pelos federalistas. Eles pretendiam acabar com o poder de Júlio de Castilhos, então presidente do Rio Grande do Sul, e conquistar mais autonomia do estado em relação ao poder da re-

1923<sup>4</sup>. Veja que, na esfera intelectual, a bandeira seguiria a mesma da política: o federativismo. Transposta para o domínio cultural, a defesa desse princípio visava ao reconhecimento da participação gaúcha na vida intelectual do país. Os interesses eram, portanto, convergentes, embora não fossem redutíveis.

### **IHU On-Line - Intelectuais têm papel importante na construção da memória histórica. Como eles agiram no Rio Grande do Sul?**

**Letícia Borges Nedel** - A resposta a essa pergunta é longa. Para ser breve, e tendo em vista as respostas anteriores, diria que os intelectuais foram consumidores da memória regionalista que criaram e pagaram caro pelo compromisso que fizeram firmar entre a Historiografia e as razões de Estado. Em termos mais genéricos, a própria recorrência da preocupação entre os membros da comunidade intelectual sulina, com o reconhecimento da brasilidade do Rio Grande do Sul e de suas próprias criações, mostra, por trás das diferentes manobras de padronização do tipo característico do estado, a suposição intrínseca de uma "unidade ancestral" não coincidente com a geografia política.

Assim, a missão política desses intelectuais era de fato hercúlea: eles tinham que definir uma "per-

cém proclamada República. Os seguidores de Castilhos saíram vencedores. Uma das marcas do conflito foi a prática da degola. (Nota da **IHU On-Line**)

**4 Revolução de 1923:** conflito armado ocorrido no Rio Grande do Sul que durou 11 meses. De um lado, partidários do presidente do Estado, Borges de Medeiros, conhecidos por Borgistas ou Chimangos e identificados por um lenço branco que usavam no pescoço. De outro, os revolucionários, ligados a Joaquim Francisco de Assis Brasil, conhecidos por Assisistas ou Maragatos e identificados por um lenço vermelho. O Pacto de Pedras Altas, firmado em dezembro de 1923 no castelo de Assis Brasil, encerrou o conflito. O acordo permitiu que Borges de Medeiros conclísse seu mandato, em 1928, e definiu que seria reformulada a Constituição de caráter autoritário que Júlio de Castilho redigiu praticamente sozinho em 1891. Assim, ficou impedida a reeleição. Getúlio Vargas, lenço branco, sucedeu Borges no governo gaúcho. (Nota da **IHU On-Line**)

sonalidade jurídica" regional - necessariamente brasileira, portanto - para um personagem *folk* de origem fronteiriça e, nesse sentido, transnacional. Aqueles intérpretes cosmopolitas das origens rurais do Rio Grande do Sul tinham que inventar um gaúcho suficientemente brasileiro para justificar a projeção política e cultural do estado, sendo que não apenas sua gênese remontava a um período anterior à conquista lusitana do território, mas até o nome o gaúcho compartilhava com os inimigos do império. A contribuição dos historiadores foi enquadrar o passado regional nos moldes da memória de uma independência não traumática da nação, assegurada pela guarda das fronteiras, tal como preconizado pelo IHGB. Os historiadores fazem da história do Rio Grande o capítulo militar da História do Brasil, e do gaúcho, o sentinela da nacionalidade.

É interessante notar que enquanto no período 1880-1925 a literatura regionalista (e, dentro dela, o gênero da sátira gauchesca, a exemplo do Antônio Chimango<sup>5</sup>) era usada como meio de intervenção nas lutas políticas, os historiadores e literatos (que, geralmente, tinham sido ou eram editores dos jornais dos partidos) elegeram como interlocutores privilegiados a facção adversária no estado ou o centro das decisões nacionais. Depois que a geração iniciada nos anos 1920 consolida, nos anos 1930, a conquista de lugares próprios ao exercício intelectual (em

**5 Antônio Chimango:** poema satírico em versos heptassílabos lançado em 1915 por Amaro Juvenal, pseudônimo de Ramiro Barcellos, que teve sua candidatura ao Senado impedida por Borges de Medeiros. Indignado, Ramiro escreveu o poema para contar a vida e a carreira política do opositor. A obra aumentou a crise política. Por causa dela, Borges e seus seguidores passaram a ser chamados de chimangos pelos opositores. A capa do livro apresenta um chimango (pequena ave de rapina) vestido com roupas gaúchas para representar o personagem Antônio. Em 2015, o professor Luís Augusto Fischer lançou uma nova edição de *Antônio Chimango* (Caxias do Sul: Editora Belas Letras), com dois volumes que reúnem poemas, crônicas, discursos e polêmicas do autor. (Nota da **IHU On-Line**)

que a livraria do Globo<sup>6</sup> terá um papel fundamental de sustentação da prática literária), à medida que aqueles intelectuais fundam instâncias específicas - mesmo que não totalmente "autônomas" de controle do acesso aos postos oferecidos pelo governo -, o interlocutor privilegiado nos textos passa da capital para as outras regiões que encarnam a diversidade brasileira. Há uma correspondência estreita desse deslocamento com a integração nacional dos mercados regionais de produção de bens culturais "autênticos" nacionais - e, principalmente, com a consagração dos modernismos no centro do país. Os intelectuais gaúchos redirecionam suas queixas sobre a "indiferença" para com o Rio Grande, do centro para as outras províncias (especialmente o Nordeste), justo quando ficam mais expostos à concorrência com elites dos estados na corrida pela caracterização da brasilidade.

### **IHU On-Line - Qual o impacto do regionalismo e do tradicionalismo nos intelectuais do Rio Grande do Sul?**

**Letícia Borges Nedel** - O impacto do tradicionalismo sobre os intelectuais da chamada geração da livraria do Globo foi desagregador. As relações atritadas entre intelectuais consagrados e militantes eruditos do tradicionalismo se reproduziram ao longo do tempo, como mostram as críticas de verniz mais ou menos acadêmico lançadas a cada 20 de setembro às invenções rituais e narrativas do movimento. Não faz muito tempo, vi um "abai-

**6 Livraria do Globo:** estabelecimento fundado em dezembro de 1883 na tradicional Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, por Laudelino Pinheiro de Barcellos e Saturnino Alves Pinto. A partir da livraria, surgiu a Editora do Globo. Em 1915, lançaram o *Almanaque do Globo*. Em 1917, Laudelino morreu, e a empresa foi assumida por seus herdeiros e o sócio José Bertaso. A loja virou ponto de encontro de intelectuais, poetas, políticos e profissionais liberais. O então presidente do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, sugeriu a criação de uma revista, surgindo assim a famosa Revista do Globo. A editora se tornou importante nacionalmente ao publicar não apenas autores gaúchos, mas traduções da literatura mundial, como obras de Proust e Balzac, e clássicos da filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

xo-assinado contra o tradicionalismo”. Considero indispensável que a relação do estado com a cultura regional seja laicizada, isto é: que se dê, como preza a *res publica*, a separação entre Estado e Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG. As formas de expressão cultural do Rio Grande do Sul são muitas, e reduzi-las a um só estereótipo é tão antidemocrático quanto empobrecedor, mas condenar a existência do tradicionalismo enquanto tal é um ato de intolerância cultural.

Feita essa ressalva e voltando à sua pergunta, acho que o Barbosa Lessa<sup>7</sup> tinha boas razões para reivindicar, nos anos 1980, a raiz erudita do tradicionalismo, que lhe fora negada pelos contemporâneos ao surgimento do movimento, isto é, pelos então representantes da “alta cultura” regional, como Augusto Meyer<sup>8</sup>, Erico

**7 Barbosa Lessa** (1929-2002): folclorista, escritor, músico, advogado e historiador brasileiro, Luiz Carlos Barbosa Lessa escreveu cerca de 61 obras, entre contos, músicas e romances. É um dos principais inspiradores do tradicionalismo gaúcho. Em 1948, ele e um grupo de colegas do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), chamado de 35. Entre os seus livros mais importantes estão *Rodeio dos ventos*, *Os guaxos*, *O sentido e o valor do tradicionalismo* e *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. Com Paixão Côrtes, entre 1950 e 1952 pesquisou o conhecimento remanescente das danças regionais do Rio Grande do Sul, trabalho que embasou a recriação de danças tradicionalistas, originando o livro didático *Manual de Danças Gaúchas* e o disco *Danças Gaúchas*, com interpretações da cantora paulista Inezita Barroso. (Nota da **IHU On-Line**)

**8 Augusto Meyer** (1902-1970): jornalista, ensaísta, poeta, memorialista e folclorista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia. Colaborou com vários jornais do Rio Grande do Sul, entre eles *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. Seu primeiro livro publicado foi *A ilusão querida*, de poemas, em 1920. Outras obras que escreveu: *Coração verde*, *Giraluz* e *Poemas de Bilu*. Dirigiu a Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937 para, a convite de Getúlio Vargas, organizar o Instituto Nacional do Livro. Esteve à frente da instituição durante cerca de 30 anos. Meyer integrou o modernismo gaúcho, introduzindo uma feição regionalista à poesia. Estudou a literatura e o folclore do Rio Grande do Sul nos livros *Guia do folclore gaúcho*, *Cancioneiro gaúcho* e *Seleção em prosa e verso*. Recebeu o Prêmio Filipe de Oliveira na categoria Memórias e o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra literária. (Nota da **IHU On-Line**)

Verissimo<sup>9</sup>, Dante de Laytano<sup>10</sup> e Moysés Vellinho<sup>11</sup>, entre outros. O tradicionalismo, por ter-se transformado em um movimento de massas que transcende o ambiente restrito das academias de eruditos, representa uma ruptura no processo de transmissão cultural intraelitares. Ele é o filho bastardo da erudição regionalista, e as razões para essa ruptura são muitas. Já no caso do regionalismo, não se pode falar de impacto porque não se trata de algo exterior à atividade intelectual exercida no estado; pelo contrário, o regionalismo é uma categoria total, ela é o filtro que define para os intelectuais uma episteme (a história regional), um cânone estético (o regionalismo literário) e um objeto do conhecimento (as propriedades intrínsecas ao território, extensíveis aos seus habitantes). Uma vez que o discurso regionalista é uma derivação lógica, histórica e política do nacionalismo, coloca-se aí o problema de hegemonia cultural. Tornamo-nos especialistas em barganhar com a diferença e unificar interesses em torno da suposta indiferença do Brasil para com o Rio Grande do Sul.

Na altura em que está a pesquisa sobre as formas de representação da alteridade social e cultural sul-

**9 Erico Verissimo** (1905-1975): um dos mais importantes escritores brasileiros. Em 1932, o autor publica uma coletânea de contos, *Fantoches*, sua estreia na literatura. Recebeu o Prêmio Machado de Assis, com *Música ao Longe*, e o Prêmio Graça Aranha, com *Caminhos Cruzados*. Integra o Segundo Tempo Modernista (1930-1940), período em que a literatura brasileira refletiu os problemas sociais do país. A obra de Érico costuma ser dividida em três fases: Romance urbano, Romance histórico e Romance político. Na segunda, encontra-se o épico *O tempo e o vento*, trilogia (*O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*) que cobre 200 anos da história do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1945. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 Dante de Laytano** (1908-2000): juiz, professor e escritor. Foi diretor do Museu Júlio de Castilhos, onde, em 1954, redefiniu seus objetivos, passando a museu histórico, priorizando o folclore e o estudo das tradições. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Academia Rio-Grandense de Letras. Entre suas publicações destaca-se *História da República Rio-grandense*, editada em 1936 e 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Moysés Vellinho** (1901-1980): poeta gaúcho, desempenhou papel como crítico literário, estudioso de literatura e como historiador. (Nota da **IHU On-Line**)

-rio-grandense, já não é mais o caso de insistir na contribuição que os intelectuais deram na conformação de uma identidade cultural brasileira para o Rio Grande do Sul. O que interessa, a meu ver, é compreender o papel catalisador exercido pela tensão entre centro e periferia nas formas de autopercepção e no processo de negociação das identidades sociais e profissionais dos autores, ou seja, dessa parcela da elite local a quem foi delegado o trabalho de seleção de atributos ancestrais distintivos do “povo gaúcho”; parcela que teve sua ascensão ao panteão literário nacional bloqueada por uma série de razões.

**IHU On-Line - Nos anos 1980, professores universitários dos campos da história e das ciências sociais tentavam mostrar que a identidade hegemônica do gaúcho era lastreada em um mito inventado. Talvez não faça mais sentido esta denúncia, posto que a sociedade encampou esta identidade. Do ponto de vista de uma perspectiva crítica sobre o fenômeno, o que caberia? Entender por que isso ocorreu?**

**Leticia Borges Nedel - Sim, o que se tem que fazer não é testar a correspondência fática do que dizem os manuais de cultura tradicionalista com as “verdadeiras” práticas culturais de antigamente, mas interrogar o pragmatismo político e a eficácia simbólica do fenômeno tradicionalista na contemporaneidade.**

**IHU On-Line - Nas últimas décadas, quais foram os agentes mais eficazes na manutenção da identidade gaúcha preconizada pelo tradicionalismo? A mídia, os tradicionalistas, os sucessivos governos ou todos em conjunto?**

**Leticia Borges Nedel - Dificil responder a essa pergunta sem apelar à alternativa “D” - todos em conjunto - e sem acrescentar uma outra: “E” - nenhum desses fatores tomado isoladamente seria suficiente para mantê-la.**

**IHU On-Line - Os valores e traços identitários estabelecidos**

pelo tradicionalismo incidem além dos ambientes próprios do movimento, por exemplo, em campanhas eleitorais, na publicidade e na distribuição de verbas públicas destinadas à cultura via renúncia fiscal. Na sua análise, esta influência tende a crescer?

**Letícia Borges Nedel** - Sim, tende-se não a crescer, a se consolidar. O tradicionalismo, surfando na evolução dos aparatos tecnológicos de transmissão cultural ao longo da segunda metade do século 20, disseminou seus princípios de ação e de visão de mundo para muito além dos ambientes originais das agremiações estudantis, dos batalhões da Polícia Militar, dos regimentos de cavalaria do Exército e dos CTGs. O tradicionalismo tornou-se um fato total, um sistema de crenças com alto poder apelativo, capaz de reger condutas e escolhas de milhões de pessoas, articulado a múltiplas esferas da vida social. Como sistema de crenças que é, ele funda uma moral, presentifica um passado mítico e pode ser estudado do mesmo modo como se estudam as religiões.

**IHU On-Line** - Nos últimos meses, com o acirramento das disputas políticas no país, observaram-se falas nacionalistas sustentando pensamentos preconceituosos e conservadores. Em versão regional, o gauchismo cumpre papel similar a este tipo de nacionalismo?

**Letícia Borges Nedel** - Pode eventualmente cumprir um papel similar e geralmente cumpre, porque se trata de um tipo de discurso com grande potencial interpelativo (veja-se o regionalismo de socorro na França durante o governo vichysta<sup>12</sup>). Essa, no entanto, não é uma

relação necessária, porque sendo a identidade um artefato muito plástico, passível de apropriações úteis a grupos e finalidades diversas, não se pode dizer que todo nacionalismo seja por definição xenófobo ou politicamente conservador. O revivalismo identitário pode funcionar

“

## **É possível prezar a própria soberania sem apelar ao preconceito**

em determinado contexto - como de fato vem ocorrendo - como argumento para a anulação de direitos ou inviabilização deles, mas também como reivindicação legítima de autonomia política, como no caso dos movimentos de descolonização, ou mesmo de valorização de subjetividades que representem as alteridades internas à nação, dentro de um parâmetro de representação multicultural.

A ativação discursiva da ancestralidade tem que ser analisada caso a caso, porque preconceito e xenofobia não são conteúdos “naturalmente” intrínsecos aos discursos identitários. Estes nada mais são do que arbitrários culturais. O que gera discursos xenófobos e conservadores não é o apego telúrico. É o medo. O discurso (excludente) da ancestralidade comum é usado muito mais como adorno ideológico, como meio de legitimação política dos grupos que se veem ameaçados em suas posições, do que como motivação última da sua mobilização

da parte norte e ocidental da França, além de toda a costa atlântica. O governo francês ficaria com os restantes dois quintos, sendo a capital em Vichy, com liderança de Pétain. Além da divisão geográfica, ficou estabelecido que a França entregaria todos os judeus do país para os nazistas e que o exército francês ficaria reduzido a 100 mil homens. Os franceses tinham de pagar os custos de ocupação às tropas alemãs e evitar que os franceses deixassem o país. Em consequência, o Reino Unido e a França de Vichy cortaram relações diplomáticas. (Nota da **IHU On-Line**)

política beligerante. É possível prezar a própria soberania sem apelar ao preconceito. Não tenho certeza se entendi a que exatamente você se refere com o gauchismo, mas acho que o mesmo vale para ele. Ou seja: as apropriações sociais da figura icônica do gaúcho têm um repertório discursivo suficientemente abrangente para abrigar versões “à esquerda” do regionalismo, como foi o caso do movimento nativista durante a redemocratização, ou das formas de apropriação de Sepé Tiaraju<sup>13</sup> durante a ditadura, e como é o caso também de toda uma vertente da gauchesca argentina identificada com agendas sociais como um Atahualpa Yupanqui<sup>14</sup>, Mercedes Sosa<sup>15</sup> etc. O problema é que quando se fala em gauchismo e tradicionalismo, tende-se a reduzir o primeiro ao segundo e o segundo à versão xenófoba e cientificista da Carta de Princípios aprovada no 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, na década de 1950. ■

**13 Sepé Tiaraju** (s/data – 1756): índio guerreiro guarani, considerado um santo popular brasileiro. Sobre ele, confira a matéria de capa da revista **IHU On-Line** n° 156, de 19-09-2005, intitulada *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*, disponível em <https://goo.gl/QdUQNa>. (Nota da **IHU On-Line**)

**14 Atahualpa Yupanqui** (1908-1992): pseudônimo de Héctor Roberto Chaverro, foi um compositor, cantor, violonista e escritor argentino. É considerado um dos mais importantes divulgadores de música folclórica daquele país. Suas composições foram cantadas por reconhecidos intérpretes, como Mercedes Sosa, Alfredo Zitarrosa, Víctor Jara, Décio Marques, Ángel Parra, Marie Laforêt e Elis Regina, entre outros, continuando a fazer parte do repertório de vários artistas na Argentina e em diferentes partes do mundo. Filho de pai quéchua e mãe basca, mudou-se ainda criança com a família para Agustín Roca, em cuja ferrovia seu pai trabalhava. Na adolescência, começa a tomar aulas de violão com o concertista Bautista Almirón, viajando diariamente os 15 quilômetros que o separavam da casa do mestre. É dessa época o pseudônimo Atahualpa Yupanqui, em homenagem a Atahualpa e Tupac Yupanqui, os últimos governantes incas. (Nota da **IHU On-Line**)

**15 Mercedes Sosa** (1935-2009): cantora argentina, uma das mais famosas na América Latina. A sua música tem raízes na música folclórica argentina. Ela se tornou uma das expoentes do movimento conhecido como Nueva canción. Apelidada de La Negra pelos fãs, devido à ascendência ameríndia (no exterior, acreditava-se erroneamente que era devido a seus longos cabelos negros), ficou conhecida como a voz dos “sem voz”. (Nota da **IHU On-Line**)

# Tradicionalismo e ditadura são irmãos siameses

Para Antônio Cecchin, “serviçais pilchados bailavam pelos salões”, enquanto às outras esferas culturais se destinavam tortura, perseguição, censura e morte

Por Vitor Necchi / Edição: Márcia Junges

**A**o ser questionado se é gaúcho, Antônio Cecchin responde ser um “guarani-missioneiro”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele desmistifica o que chama de conluio do farroupilhismo com a ditadura instaurada no Brasil pelo golpe civil militar de 1964. Para Cecchin, “durante a Ditadura Militar, o Tradicionalismo foi praticamente a única ‘representação’ com origem na sociedade civil que fez desfiles juntamente com as forças da repressão”. E enquanto as demais esferas culturais eram perseguidas, com censuras, prisões, tortura e morte, “o Tradicionalismo engrossou os piquetes da ditadura - seus serviçais pilchados animaram as solenidades oficiais, chulearam pelos gabinetes e se responsabilizaram pelas churrasqueadas do poder”.

Esse processo de oficialização dos tradicionalistas resultou na “federalização” autoritária, com um centro dominador (ao estilo do positivismo), com a fundação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), em 1966. “Enquanto o general Médici, de Bagé, era o patrão da ditadura e responsável, juntamente com seu grupo, pelos trágicos anos de chumbo que enlutararam o Brasil na tortura, na execução, na submissão à censura, na expulsão de milhares de brasileiros para o exílio, os tradicionalistas bailavam pelos salões do

poder”, sentencia Cecchin. “Tradicionalismo e ditadura são irmãos siameses. Tendo o mesmo caráter ditatorial, impositivo, sem nenhum respeito para com a história, tornou-se perigoso tomar posição contra algo considerado contrário à opinião pública vigente.”

Antônio Cecchin é graduado em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Ciências Jurídicas e Sociais. Especialista em Economia e Humanismo no Institut de Recherche et de Formation en vue du Développement Harmonisé - IRFED, de Paris, ele já trabalhou, entre outras coisas, como diretor do Colégio Marista São Luís, em São Leopoldo, coordenador da Equipe de Catequese Libertadora do Regional Sul-3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, secretário particular do Promotor Geral da Fé, no Vaticano, e assessor do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST, enquanto esse estava ligado às Comunidades Eclesiais de Base (de 1979 a 1984). É irmão marista, militante dos movimentos sociais, autor do livro *Empoderamento Popular. Uma pedagogia de libertação* (Porto Alegre: Estef, 2010). Publica, periodicamente, artigos nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Por ocasião do trabalho da Comissão da Verdade<sup>1</sup>**

**1 Comissão Nacional da Verdade (CNV):** nome da comissão que investigou as graves violações de direitos humanos cometidas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, por “agentes públicos, pessoas a seu serviço, com apoio ou no interesse do Estado” brasileiro, ocorridas no Brasil e também no exterior. Essa comissão foi composta de sete membros nomeados pela ex-presi-

**que foi instaurada no Rio Grande do Sul, o senhor manifestou**

dente do Brasil Dilma Rousseff, auxiliados por assessores, consultores e pesquisadores. A lei que a instituiu (Lei nº 12.528/2011) foi sancionada em 18 de novembro de 2011 e a comissão foi instalada oficialmente em 16 de maio de 2012 em cerimônia que contou com a participação de todos os ex-Presidentes da República desde o restabelecimento da democracia. (Nota da IHU On-Line)

**que tinha vontade de procurar os integrantes do processo, para sensibilizá-los sobre o conluio do “farroupilhismo” com a ditadura. Qual a relação do movimento tradicionalista com o regime instaurado em 1964?**

**Antônio Cecchin - Logo que terminaram os anos de chumbo da**



**De fato, passou a ocorrer uma relação direta entre as escolas e os CTGs. Dessa maneira, o Tradicionalismo entrou no sistema educacional, transgredindo a natureza da escola republicana como lugar de estudo e saber, e não de culto e reprodução de manuais**

ditadura cívico-militar de 1964<sup>2</sup> e recuperamos tempos algo mais democráticos para a nação, começou a circular no Rio Grande do Sul o manifesto antitradicionalista. Nesse manifesto, o Tradicionalismo é apontado como uma força institucional e “popular”, em cultura oficial, através dos prepostos da Ditadura Militar no Rio Grande do Sul.

O conluio do farroupilhismo com a ditadura chama a atenção através de inúmeros itens:

a) Na verdade, em 1964, o Tradicionalismo foi incluído no projeto cultural da Ditadura Militar, pois o “Folclore”, como fenômeno que não pensa o presente, serviu de alternativa estatal à contundência do movimento nacional-popular, que colocou o povo e seus proble-

<sup>2</sup> **Golpe Militar**: movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anti-comunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder e se mantêm governando o país entre os anos de 1964 e 1985. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira, também, as edições nº 96 da **IHU On-Line**, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004; nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 – 2004: hora de passar o Brasil a limpo*; nº 437, de 13 de março de 2014, *Um golpe civil-militar. Impactos, (des)caminhos, processos*; e nº 439, de 31 de março de 2014, *Brasil, a construção interrompida – Impactos e consequências do golpe de 1964*. (Nota da **IHU On-Line**)

mas reais no centro das preocupações culturais e políticas.

b) O Tradicionalismo usurpou, assim mesmo, o lugar do Folclore, e se beneficiou do decreto do general Humberto Castelo Branco<sup>3</sup>, de 1965, que criou o Dia Nacional do Folclore, e suas políticas sucedâneas. A difusão de espaços tradicionalistas no Estado e as multiplicações dos galpões crioulos nos quartéis do Exército e da Brigada Militar são fenômenos dessa aliança.

c) A lei que instituiu a Semana Farroupilha é de dezembro de 1964, determinando que os festejos e comemorações fossem realizados através da fusão estatal e civil, pela organização de secretarias governamentais (Cultura, Desportos, Turismo, Educação etc.) e de particulares (CTGs, mídia, comércio etc.).

d) Durante a Ditadura Militar, o Tradicionalismo foi praticamente a única “representação” com origem na sociedade ci-

<sup>3</sup> **Humberto de Alencar Castello Branco** (1900-1967): militar e político brasileiro, presidente da república designado após o Golpe Militar de 1964. Nomeado chefe do Estado-Maior do Exército por João Goulart em 1963, Castello Branco foi um dos líderes do Golpe de Estado de 31 de Março de 1964, que depôs Goulart. Eleito presidente pelo Congresso, assumiu a presidência em 15 de abril de 1964, e ficou no posto até 15 de março de 1967. Durante seu mandato, Castello Branco desmantelou a esquerda do Congresso e aboliu todos os partidos. Foi sucedido pelo seu ministro de Guerra, Marechal Costa e Silva. (Nota da **IHU On-Line**)

vil que fez desfiles juntamente com as forças da repressão. e) Enquanto as demais esferas da cultura eram perseguidas, seus representantes censurados, presos, torturados e mortos, o Tradicionalismo engrossou os piquetes da ditadura - seus serviços pilchados animaram as solenidades oficiais, chulearam pelos gabinetes e se responsabilizaram pelas churrascueadas do poder. Esse processo de oficialização dos tradicionalistas resultou na “federalização” autoritária, com um centro dominador (ao estilo do positivismo), com a fundação do Movimento Tradicionalista Gaúcho<sup>4</sup>, em 1967. Autoritário, ao estilo do espírito de caserna dos donos do poder, nasceu como órgão de coordenação e representação. Enquanto o general Médici<sup>5</sup>, de Bagé, era o patrão da Ditadura e responsável, juntamente com seu grupo, pelos trágicos anos de chumbo que enlutaram o Brasil na tortura, na execução, na submissão à censura, na expulsão de milhares de brasileiros para o exílio, os tradicionalistas bailavam pelos salões do poder. Paradoxalmente, enquanto muitos frequentadores de CTGs eram perseguidos

<sup>4</sup> **Movimento Tradicionalista Gaúcho** (MTG): entidade cívica, sem fins lucrativos, associativa, dedicada à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha. Atualmente, existem críticas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho quanto à legitimidade como arauto da Cultura Gaúcha. Entre as principais críticas estão a falta de rigor de pesquisa antropológica e histórica quanto às origens das tradições, bem como a construção de um tipo ideal desconectado da realidade. Merece destaque o papel do historiador Tau Golin no questionamento da posição do MTG. O Movimento Tradicionalista Gaúcho encontra-se presente nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Planalto Central (FTG-PC), Rio de Janeiro, Mato Grosso, Amazônia Ocidental, Estados no nordeste (UTGN) e São Paulo, onde promove, junto aos CTGs, eventos como os Concursos de Prendas, de Peão, Palestras e Cavalgadas, além da Semana Farroupilha, que comemora o 20 de setembro, Dia do Gaúcho. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Emílio Garrastazu Médici** (1905-1985): ditador militar e político brasileiro. Exerceu as funções de adido militar em Washington e de chefe do Serviço Nacional de Informações. Assumiu a presidência da República (1969) em consequência de enfermidade do presidente Costa e Silva. Ocupou o cargo até 1974. (Nota da **IHU On-Line**)

ou impedidos de transitarem suas ideias políticas no âmbito de suas entidades, o Tradicionalismo oficialista atrelou o movimento ao poder, pervertendo o sentimento de milhares de pessoas que nele ingressaram motivados por autênticos sentimentos lúdicos de pertencimento e identidade fraterna.

f) Através da relação de intimidade com a ditadura, o MTG conseguiu “criar” órgãos estatais de invenção, difusão e educação tradicionalista, ao mesmo tempo que entregou, ou reservou diversos cargos “públicos”, para seus ideólogos, sob os títulos de “folclorista”, “assessor cultural” etc.

g) O auge do processo de colaboração entre a ditadura e o MTG foi a instituição do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore - IGTF, em 1974, consagrando uma ação que vinha em operação desde 1954. A missão era aparentemente nobre: pesquisar e difundir o folclore e a tradição. Mas do papel para a realidade existe grande diferença. Havia um interesse perverso e não revelado. A constituição do quadro de pessoal, ao contrário da inclusão de antropólogos, historiadores da cultura, pessoas habilitadas para a tarefa (que deveriam ser selecionadas por concurso público), o critério preponderante para assumir os cargos era, antes de tudo, a condição de tradicionalista. Assim, um órgão de pesquisa, mantido pelo dinheiro público, transformou-se em mais uma mangueira do MTG. Com o passar dos anos, os governos que tentaram arejar o IGTF, indicando dirigentes menos dogmáticos, invariavelmente entraram em tensão com o MTG.

h) Essa rede de usurpação do público pelo Tradicionalismo, por fim, atingiu a força de uma imanência incontornável. Em 1985, já na redemocratização, o MTG conseguiu que a Assembleia Legislativa instituisse o Dia do Gaúcho, adotando como tipo ideal o “modelo” tradicionalista.

i) Em 1988, com uma manipulação jamais vista na vida republicana, o MTG se mobilizou pela

aprovação da lei estadual que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de folclore; na regulamentação, a lei determinou que o IGTF exercesse a função de suporte técnico, sem capacitá-lo pedagogicamente. De fato, passou a ocorrer uma relação direta entre as escolas e os CTGs. Dessa maneira, o Tradicionalismo entrou no sistema educacional, transgredindo a natureza da escola republicana como lugar de estudo e saber, e não de culto e reprodução de manuais. Hoje, os alunos são adestrados pela pedagogia de aculturação e culturação tradicionalista.

j) Por fim, em 1989, a roupa tradicionalista recebeu o nome de pilcha gaúcha e foi convertida em traje oficial do Rio Grande do Sul, conforme determinação do MTG.

“

## Que diferença entre “heróis” farroupilhistas e heróis missioneiros!

**IHU On-Line - Pouco se fala da relação do tradicionalismo com a ditadura. A que se deve isso?**

**Antônio Cecchin** - Porque ambos, tradicionalismo e ditadura, são irmãos siameses. Tendo o mesmo caráter ditatorial, impositivo, sem nenhum respeito para com a história, tornou-se perigoso tomar posição contra algo considerado contrário à opinião pública vigente. Infelizmente não dispomos de uma mídia de viés inteiramente popular, que pudesse somar todo o pessoal de esquerda deste nosso Estado sulino, como alternativa à mídia dominante e como um contraponto permanente, apregoando constantemente a verdade histórica a ser ensinada nas escolas e constantemente alimentada com pesquisas históricas, consagrando como lugares históricos os vestígios

tanto como sinais dos horrores, como lugares de martírio.

Esse falso tradicionalismo gaúcho, filho adotivo da ditadura, teve todos os meios possíveis e imagináveis ao alcance da mão, com a finalidade de tornar-se avassalador, como de fato aconteceu. Foi internalizado à força como cultura de raiz nossa, graças ao poder principal dessa nossa fase do capitalismo financeiro quando, na realidade, é uma grande mentira. A mídia conservadora se encarregou de consagrar como real aquilo que era apenas fruto da imaginação, pois se trata de algo que acabou absorvido também pela elite dominante no nosso Estado e como tal continua se impondo.

A ditadura e o farroupilhismo se sentem bem ao gosto da colonização portuguesa que durou quatro séculos ininterruptos, no Brasil, desde o ano de 1500 até o ano de 1888 quando, apenas teoricamente, foi suprimida a escravatura. Hoje, vivemos ainda sob a hegemonia das elites escravocratas ou do conservadorismo brasileiro, filhote do colonialismo dos “descobridores” da *terra brasilis*. Haja vista o golpe que esse Brasil conservador acaba de infligir à nossa presidente Dilma<sup>6</sup>, como exemplo atualíssimo de mais um bote certo promovido contra as classes populares.

**IHU On-Line - A ditadura se beneficiou do conservadorismo político?**

**6 Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment que fora movido contra ela. No dia 31 de agosto o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci *‘Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder’*, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da **IHU On-Line**)

## tico e da inspiração oligárquica do tradicionalismo?

**Antônio Cecchin** - O conservadorismo é a própria ideologia das ditaduras mundo afora. Essa ideologia das elites do sistema capitalista constantemente se reforça com as lutas que sempre abraçam ao longo da história. Por exemplo, quando o governo Lula<sup>7</sup> propôs a campanha do desarmamento, vimos e assistimos falando na televisão alguns dos grandes próceres do gauchismo farroupilhista ridicularizando a campanha pró-desarmamento, no âmbito do Rio Grande do Sul, porque, segundo eles, é próprio e fundamental para o tradicionalismo gaúcho a faca na bota e o 38 na cintura, como useiros e vezeiros de expressões como esta: "Porque nos gordos eu dou de talho e nos magros eu dou de prancha!". Ao mesmo tempo exaltando, por exemplo, o rito da dança dos facões ou exaltando sempre a constante inventividade de novos ritos. Inventividade essa que foi fatal quando na boate Kiss, na cidade de Santa Maria, inventavam uma dança de salão acompanhada de fogos.

Qual foi o resultado? Por exemplo, a vergonha que passamos como Estado do Rio Grande do Sul, onde tivemos uma maioria da população contrária à lei do desarmamento, ou então a tentativa que fizeram

**7 Luiz Inácio Lula da Silva [Lula]** (1945): Trigésimo quinto presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerceu de 2003 a 1º de janeiro de 2011. É co-fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso), e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). Lula bateu um recorde histórico de popularidade durante seu mandato, conforme medido pelo Datafolha. Programas sociais como o Bolsa Família e Fome Zero são marcas de seu governo, programa este que teve seu reconhecimento por parte da Organização das Nações Unidas como um país que saiu do mapa da fome. Lula teve um papel de destaque na evolução recente das relações internacionais, incluindo o programa nuclear do Irã e do aquecimento global. (Nota da **IHU On-Line**)

de, logo depois da ditadura, nas grandes partidas de futebol, nos estádios, ao lado do canto do Hino Nacional, cantar também o Hino da Revolução Farroupilha<sup>8</sup> com o "sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra!". São todos esforços inauditos para um falso orgulho nativista.

“

*Na tal Guerra dos Farrapos os chefes farroupilhas chegaram ao cúmulo de duellarem entre si*

**IHU On-Line** - O senhor afirmou que, quando lhe perguntam se é gaúcho, se declara guarani-missioneiro. Por quê?

**Antônio Cecchin** - Porque através do povo guarani-missioneiro o Rio Grande do Sul dos Sete Povos das Missões entrou decididamente a fazer parte da geografia e da história universal. Os iluminados da Revolução Francesa de 1789 buscaram ideias para a luta em prol dos direitos humanos nos povos indígenas, particularmente o povo guarani das Missões.

Voltaire<sup>9</sup>, que é conhecido como o maior ateu da história, anticlerical grau máximo, não teve vergo-

**8 Revolução Farroupilha:** também conhecida como Guerra dos Farrapos. Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo farrapo era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (chimangos) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os sans-culottes à época da Revolução Francesa. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Voltaire** (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o

nha de, em seu romance intitulado *Cândido*, enviar esse seu herói para visitar as Missões Jesuíticas dos Sete Povos e adjacências, a fim de constatar pessoalmente o "grande triunfo da humanidade" (*Le véritable triomphe de l'Humanité*).

Alguns anos atrás, quando, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na sala de conferências Ignácio Ellacuria, esteve um conferencista que vinha da cidade de Santiago de Compostella, a primeira frase que ele disse, ao saudar os ouvintes, referindo-se às Missões dos Sete Povos, que tinha orgulho de vir, pela primeira vez, a um lugar da América Latina no qual a presença espanhola dos inícios da descoberta havia dado certo. É um belo exemplo do tipo de orgulho sadio pelas Missões que nossa juventude poderia ostentar e divulgar.

Para esse legítimo orgulho civil e religioso muito contribuem livros como *O pedido de perdão ao triunfo da humanidade* (Google Books, 2009), do pesquisador José Roberto de Oliveira<sup>10</sup>, ou então outro livro intitulado *Deus morto no pampa* (Biblioteca Pública Municipal D. Demétrio, 2007), obra fruto de tese universitária em que fica demonstrado que o farroupilhismo se substituiu ao missioneirismo. Foi praticamente morto o Paraíso Terrestre Original do Rio Grande que foram as Missões Jesuíticas<sup>11</sup>,

*Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 José Roberto de Oliveira:** foi vice-prefeito de São Miguel das Missões e também secretário de turismo da cidade. É autor de *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade - A importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani* (Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009). Sobre a obra, confira a entrevista O milagre Guarani, concedida às Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos, em 07-05-2009, disponível para download em <http://migre.me/FDLr>. O autor também cenceu, mais recentemente, a entrevista Sepé Tiaraju, 259 anos: Memória viva. Entrevista, juntamente com Alex José Kloppenburg, publicada nas Notícias do Dia de 03-02-2015, disponível em <http://bit.ly/2ddy62F>. Leia mais sobre José Roberto de Oliveira no sítio do IHU através do Link <http://bit.ly/2cKIVX4>. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Missões Jesuíticas ou Reduções Jesuíticas:** simplificação da expressão Território dos Sete Povos das Missões, que designa a região situada a noroeste do atual estado do

e como nunca nenhum crime fica impune, a criação avassaladora de CTGs como, por exemplo, em Caxias, onde existem nada menos de 86, como uma espécie de saudade daquele paraíso inicial, como uma espécie de réplica única no mundo todo, das Comunidades Cristãs do tempo dos Atos do Apóstolos, de que fala a Bíblia.

**IHU On-Line - O fato aclamado como o principal da história do Rio Grande do Sul é a Guerra dos Farrapos. A experiência missioneira não foi pouco valorizada na construção da identidade gaúcha?**

**Antônio Cecchin -** A nossa tradição guarani-missioneira vinha crescendo naturalmente, da maneira como aconteceu com todos os povos, isto é, como um processo histórico em que vão se somando fatos, costumes, ritos etc. Nunca abruptamente como aconteceu aqui com o tal de tradicionalismo:

Rio Grande do Sul, na atual fronteira entre o Brasil e a Argentina, a leste do vale do Rio Uruguai. As missões jesuíticas tiveram grande importância histórica para todo o Brasil. O Tratado de Madrid estabeleceu limites entre territórios espanhóis e portugueses, e os Sete Povos das Missões passaram a pertencer à Espanha, o que obrigaria os índios a mudarem-se para a outra banda do rio Uruguai. Esse foi um dos motivos que determinaram a Guerra Guaranítica, uma guerra que colocou os jesuítas, aliados aos índios Guaranis, contra os exércitos dos países ibéricos, marco da derrocada das povoações missionárias. No **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas: origens, história e impactos**, realizado em setembro de 2006 na Unisinos, os sete povos foram tema de inúmeros mini-cursos e oficinas. Mais informações sobre as missões jesuíticas podem ser obtidas nas edições da **IHU On-Line** 156, de 19 de setembro de 2005, intitulada *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*, e 186, de 26 de junho de 2006, *Jesuítas. Quem são?* O site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em suas Notícias Diárias dá amplo destaque aos sete povos. Confira, em 17-09-2006, a entrevista *A música nos sete povos das missões*, com Décio Andriotti. Em 3-8-2006 os historiadores Beatriz Franzen e Aley Cheuiche concederam os seguintes depoimentos, respectivamente, *“Em absoluto posso aceitar a tese de que uma teocracia estava se formando nas missões jesuíticas”* e *Jornal Nacional das Missões Guaranis: entre tapas e beijos*. Outras entrevistas importantes foram concedidas pelo Irmão Antônio Cecchin em 23-2-2007 sob o título *A utopia da terra sem males* e por Edison Hüttner sobre *O retorno do repicar do Sino de São Miguel*, em 22-04-2006. (Nota da **IHU On-Line**)

um grupinho de estudantes do colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, no ano de 1948, filhos de grandes latifundiários interioranos, com saudades da vida das fazendas de suas próprias famílias, decidiram criar desde a estaca zero um gauchismo inteiramente artificial, dando-lhe um caráter eminentemente guerreiro, sem se dar conta de que é um tradicionalismo ridículo e vazio do conteúdo de valores que caracterizam uma cultura autêntica. A nosso ver, a preocupação central desses estudantes foi dotar o Rio Grande do Sul de uma tradição eminentemente guerreira.

“  
**Acabaram os farroupilhistas sendo escravocratas antes da guerra, durante a guerra e também depois, com a guerra terminada**

Na tal Guerra dos Farrapos, os chefes farroupilhas chegaram ao cúmulo de duelarem entre si; em vez deles próprios, os grandes fazendeiros, lutarem na frente de batalha, obrigaram seus escravos negros a pegarem em armas, prometendo-lhes liberdade total quando a guerra terminasse. Infelizmente nada disso aconteceu. Acabaram os farroupilhistas sendo escravocratas antes da guerra, durante a guerra e também depois, com a guerra terminada. Quase absolutamente nada se fala da degola dos Lanceiros Negros em Porongos<sup>12</sup>.

**12 Batalha de Porongos ou Traição dos Porongos:** foi o último confronto da Revolução Farroupilha. Persistem suspeitas que teria sido uma batalha combinada entre o general farroupilha David Canabarro e o exército imperial. Resultou no massacre

A beleza da história guarani-missioneira, na qual brilha como um Facho de Luz a iluminar para sempre os caminhos do Rio Grande do Sul, a figura de São Sepé Tiaraju<sup>13</sup> é exaltada pelo escritor gauchesco Manoelito de Ornellas<sup>14</sup> sonhando Sepé Tiaraju como a utopia e o profetismo que convém a toda a juventude brasileira.

**IHU On-Line - Entre os vultos históricos do Rio Grande do Sul, usualmente aparecem os heróis farroupilhas. Por que Sepé Tiaraju é pouco homenageado?**

**Antônio Cecchin -** Sepé Tiaraju é um dos poucos, talvez até o único herói-santo popular deste nosso Rio Grande do Sul. Para a opinião pública hegemônica, que é a do conservadorismo das elites no poder, como sucessoras que são das elites escravocratas portuguesas da colonização inicial, Sepé é um herói muito perigoso porque, desde que surgiram no Brasil, particularmente na Igreja Católica, a opção pelos pobres, as Comunidades Eclesiais de Base, a catequese e a Teologia da Libertação<sup>15</sup>, aprovei-

do Corpo de Lanceiros Negros de Teixeira Nunes, que estavam acampados na curva do arroio Porongos, no atual município de Pinheiro Machado quando foram atacados pelos imperiais. (Nota da **IHU On-Line**)

**13 Sepé Tiaraju** (s/data - 1756): índio guerreiro guarani, considerado um santo popular brasileiro. Sobre ele, confira a matéria de capa da **IHU On-Line** número 156, de 19-09-2005, intitulada *Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel*, disponível para download em <http://migre.me/Ksfz>. (Nota da **IHU On-Line**)

**14 Manoelito de Ornellas:** historiador gaúcho, autor de *Gaúchos e beduínos: a origem e a formação social do Rio Grande do Sul* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966); *Máscaras e murais de minha terra* (Porto Alegre: Globo, 1966) e *Terra Xucra* (Porto Alegre: Sulina, 1969). (Nota da **IHU On-Line**)

**15 Teologia da Libertação:** escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. Leia, também, a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de*

tamos nosso herói-santo-popular para o empoderamento dos nossos Movimentos Sociais tais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - MST, a Via Campesina, os movimentos de mulheres, o Levante da Juventude, os catadores etc.

“Quem tem fome tem pressa!”, dizia o Betinho com suas campanhas nacionais como o Natal Sem Fome e outras. Hoje, está aí nosso papa Francisco a apregoar mundo a fora que devem acontecer no mundo os três tês: ninguém sem terra, ninguém sem teto e ninguém sem trabalho.

Esses novos movimentos populares não costumam brincar em serviço. O movimento dos sem-terra não cessa de ocupar terras e repartições públicas, o movimento das mulheres acabou com as mudas de eucalipto em Barra do Ribeiro, os catadores de Porto Alegre e da Região Metropolitana não cessam de ocupar elefantes brancos, e por aí a fora.

Lembro os 250 anos do martírio de Sepé Tiaraju, ano de 2006, quando fui convidado pelo amigo Lauro Quadros<sup>16</sup>, no programa *Polêmica*, que ele mantinha na RBS, o tema foi: “Sepé Tiaraju: Herói ou Vilão?”. Depois de me esbaldar na defesa de São Sepé Tiaraju como herói e santo, no final do programa, quando da proclamação do resultado dos telefonemas dos ouvintes, amarelei ao saber que Sepé Herói e Santo perdeu por completo

*Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em <http://bit.ly/SSYVTO>. (Nota da **IHU On-Line**)

**16 Lauro Quadros** (1939): jornalista gaúcho. Iniciou sua carreira profissional em 1959 na Rádio Gaúcha. Em 1962, transferiu-se para a Rádio Guaíba. Retornou para a Rádio Gaúcha em 1985, após breve passagem pela Rádio Pampa em 1984, permanecendo até 2014 na emissora. Ficou famoso por suas participações nos programas *Portovisão* e *Câmera 10*, na TV Difusora, canal 10 de Porto Alegre, nos anos 70. Foi para a TV Guaíba em 1980, onde seus comentários esportivos iam ao ar à noite, no Guaíba Ao Vivo, antecedendo o quadro de Rogério Mendelski. Em 14 de novembro de 2014, anunciou sua aposentadoria, deixando definitivamente a apresentação do *Polêmica* e os comentários no Sala de Redação. (Nota da **IHU On-Line**)

a parada. O resultado foi: herói-santo 20% e vilão 80%.

### **IHU On-Line - Deseja acrescentar algo mais?**

**Antônio Cecchin** - Nosso bispo poeta e profeta dom Pedro Casaldáliga<sup>17</sup> costuma repetir constantemente que uma comunidade que não venera seus mártires não merece nem de longe o nome de comunidade.

Que diferença entre “heróis” farroupilhistas e heróis missionários! Entre esses últimos, temos três deles que já foram proclamados santos pela Igreja Católica: Roque Gonzáles<sup>18</sup>, Afonso Rodriguez<sup>19</sup> e

**17 D. Pedro Casaldáliga**: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da **IHU On-Line**, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da **IHU On-Line**)

**18 Roque Gonzáles**: filho de um pai espanhol de família nobre, crescido em família de alta posição social de Assunção, no Paraguai, interagindo desde a infância com pessoas de origem e falas nativas (principalmente guarani). Ali ele estudou e foi ordenado sacerdote no 1599. Mais tarde se deslocou ao Rio Grande do Sul, em 1619, e logo cativou a simpatia dos habitantes da terra, muito provavelmente e em boa parte por causa de suas habilidades linguísticas. Segundo o escritor Nelson Hoffmann, autor de *Terra de Nheçu*, somente depois de sete anos de negociações com o chefe Nheçu que lhe foi permitido estabelecer a comunidade de São Nicolau, precisamente em três de maio de 1626, sendo esta a primeiríssima comunidade colonizadora ao leste do rio Uruguai no atual território rio-grandense. Mais tarde o padre Roque González fundou numerosas comunidades cristãs, chamadas Missões ou Reduções, entre elas as aldeias de São Nicolau, Assunção e Todos os Santos do Caaró. (Nota da **IHU On-Line**)

**19 Afonso Rodriguez** (1598-1628): nascido Alfonso Rodriguez, foi um sacerdote jesuíta espanhol morto como mártir na recém-fundada redução de Caaró, no Rio Grande do Sul a 15 de novembro de 1628. Estudou em Salamanca, onde ingressou na Companhia de Jesus, sendo mandado para Villagarcía como noviço. Ali se ofereceu para trabalhar nas missões do Novo Mundo, embarcando para a América em 2 de novembro de 1616, junto com mais 37 companheiros, dentre os quais

João del Castillo<sup>20</sup>. Foram eles os primeiros padres que evangelizaram o povo guarani, povo-raiz de nosso Rio Grande. O que acontece com eles? A partir da Região Missioneira, estou informado de que, nem lá nas Missões e muito menos pelo Rio Grande a fora, eles são invocados.

Sepé Tiaraju no dia mesmo de sua morte foi canonizado pelo povo guarani. No ano de 2006, quando dos 250 anos do martírio, o re-canizamos popularmente através dos movimentos populares e das pessoas de boa vontade. Pressionamos então nossos governos a fim de que desobstruíssem o caminho de Sepé rumo aos altares, proclamando Sepé herói indígena, guarani-missionário, rio-grandense e também brasileiro. Retirado o entulho, no dia 10 de novembro de 2015 entregamos ao bispo de Santo

estava o padre Juan del Castillo. Após viagem cheia de perigos, aportaram na Bahia e logo seguiram para Buenos Aires, onde chegaram em 15 de fevereiro de 1617. Em 1 de novembro de 1628, juntamente com o padre Roque Gonzales de Santa Cruz, fundou a redução de Caaró, onde recebeu a morte poucos dias depois, em 15 de novembro, por mãos de índios comandados pelo cacique Nheçu e contrários à atuação dos jesuítas. Afonso Rodriguez, junto com os demais martirizados, foi beatificado pelo papa Pio XI em 28 de janeiro de 1934, e canonizado pelo papa João Paulo II em 16 de maio de 1988. Em Caaró, município de Caibaté, foi erguido um santuário em honra aos jesuítas mártires, centro de uma grande romaria que ocorre todos os anos no terceiro domingo de novembro. (Nota da **IHU On-Line**)

**20 João de Castillo** (1595 – 1628) (ou Juan de Castillo): foi um sacerdote jesuíta e missionário, e um mártir da Igreja Católica. Espanhol, de uma família nobre, recebeu a educação no colégio jesuíta e depois na Universidade de Alcalá, onde cursou Direito. O seu ingresso na Companhia de Jesus ocorreu em 1614. Viajou em 1616 com outros 37 companheiros para Buenos Aires, continuando os seus estudos na Argentina e depois no Chile. Foi ordenado em 1625. O seu trabalho de catequese dos índios começou na redução de São Nicolau, tornando-se conhecido pela sua vida de austeridades e por sua simpatia para com todos. Foi martirizado por ordem do cacique Nheçu em 17 de novembro de 1628, o mesmo destino que tiveram os padres Roque Gonzales de Santa Cruz e Afonso Rodriguez e o cacique Adatao. O seu processo de beatificação foi concluído em 1934, e foi canonizado pelo papa João Paulo II em 1988, junto com os outros mártires, mas não o cacique Adatao. O seu santuário localiza-se na cidade de Caibaté, no Rio Grande do Sul. (Nota da **IHU On-Line**)

Ângelo o documento Postulação a fim de que o envie a Roma, para a Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, a fim do reconhecimento oficial da santidade de Sepé.

Sepé, como herói, tem direito a monumentos em todas as praças públicas deste estado e deste país. Como santo, tem direito aos altares e ao culto dos devotos em todas as igrejas do mundo.

Em face da ignorância generalizada em relação à autêntica tradição cultural do povo raiz do Rio Grande que é o povo guarani-missioneiro, em boa hora o Instituto Humanitas Unisinos - IHU está lançando uma campanha de esclarecimentos da nossa população do Rio Grande do Sul a respeito da autêntica identidade nossa, absolutamente contrária à identidade gaúchesca farroupilhista, que é apenas um arremedo identitário.

Temos que desencadear pesquisas e mais pesquisas nas nossas universidades que, por enquanto, "não estão nem aí".

Bartomeu Melià<sup>21</sup>, o maior especialista em povo guarani, disse-me

<sup>21</sup> **Bartomeu Melià**: jesuíta espanhol, pesquisador do Centro de Estudos Paraguaios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaingangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilinguismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações, citamos *El don, la venganza y otras formas de economía* (Assunção: Cepag, 2004). Confira a entrevista As missões jesuíticas nos sete povos das missões, concedida por Melià à edição 196 da Revista IHU On-Line, de 18-09-2006, dispo-

no ano de 2006 que, no mundo inteiro, nas universidades, se elaboraram de 15 a 20 teses anuais sobre as Missões Jesuíticas da América Latina. E aqui, quantas são?

Como conclusão a esta entrevista sobre identidade gaúcha, faço minhas as palavras do escritor rio-grandense Manoelito de Ornellas em seu livro *Tiaraju - o santo e herói das tabas* (Porto Alegre: Editora Alvorada, 1966):

“  
**Quase absolutamente nada se fala da degola dos Lançeiros Negros em Porongos**

“Quando os povos não encontram na História a figura de sua glória imortal ou de sua própria grandeza, vão buscá-la nos mundos mágicos da fantasia. Ainda assim, o historiador não tem o direito de eliminá-la. E se o historiador

nível em <http://migre.me/vMqU>. Na noite de 26-10-2010 Melià profere a conferência *A cosmologia indígena e a religião cristã: encontros e desencontros de universos simbólicos, dentro da programação do XII Simpósio Internacional IHU – A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade*. Confira a programação completa do evento em <http://migre.me/vMs5>. Confira, na edição 331 uma entrevista com Melià, intitulada “A história de um guarani é a história de suas palavras”, disponível em <http://migre.me/MqPH>. Confira, ainda, o Perfil de Melià, publicado em <http://migre.me/2pf5p>. (Nota da **IHU On-Line**)

*quiser destruí-la, cabe ao artista restituir-lhe o vigor e a beleza da vida. Foi o conselho de Cassiano Ricardo.*

*O Rio Grande do Sul não necessita criar uma figura imaginária. Pode oferecê-la ao Brasil, em carne e osso, na sua realidade histórica. Ela é tão grande, que sua grandeza sobressaiu da história para entrar na lenda, e não saiu da lenda para entrar na história.*

*Sepé Tiaraju perece às portas dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, à vanguarda dos índios missioneiros, enfrentando os exércitos imperialistas de Espanha e Portugal, em defesa do território da Pátria natural, ainda quase virgem do pé civilizado do europeu, madrugando para a América; pátria telúrica, politicamente indefinida, mas pátria; terra onde nascera, chão nativo, onde plantara seu rancho e acendera seu fogo.*

*Sepé é o primeiro pronunciamento de uma consciência rio-grandense. Morreu lutando contra a Espanha e Portugal, porque a terra que defendia era sua e de seus irmãos, tinha dono, fora de seus pais e seria de seus filhos.*

*Sepé ensina à mocidade do Brasil que esta terra tem dono e convida os jovens brasileiros a preservar autônoma, livre, soberana e cristã, esta pátria que nós recebemos de nossos maiores.*

*Que a figura de Sepé Tiaraju, morrendo no solo gaúcho, pela terra rio-grandense, trazendo ao peito a cruz de seu rosário, seja uma eterna visão seráfica ao espírito livre da mocidade do Brasil”. ■*

## LEIA MAIS...

- *Os pobres me evangelizaram*. Entrevista com Antônio Cecchin, publicada na revista **IHU On-Line** nº 223, de 11-7-2007, disponível em <http://bit.ly/2cQFH3w>.
- *São Sepé Tiaraju: exemplo heroico guarani*. Entrevista com Antônio Cecchin, publicada na revista **IHU On-Line** nº 331, de 31-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2cpOqJp>.

# A caricatural identidade gaúcha

Para o jornalista Moisés Mendes, o passar dos anos levou a busca da identidade gaúcha ao ápice de sua simplificação

Por Vitor Necchi | Edição Ricardo Machado

“**A** busca por uma identidade, que funda o tradicionalismo e espalha os Centros de Tradições Gaúchas - CTGs, lá nos anos 1950, chega agora ao estágio da supremacia da caricatura”, analisa o jornalista Moisés Mendes, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Ao se debruçar sobre a maneira pela qual as identidades gaúchas se manifestam nos dias atuais, Mendes tenta demonstrar como certos traços culturais se processam socialmente. “A argumentação do gaúcho está quase sempre contaminada pela ideia do confronto, da guerra. O gaúcho disputa espaço no trânsito como se estivesse numa batalha a cavalo. A internet potencializa esses defeitos”, destaca.

Não obstante, há uma série de narrativas que descomplexificam as diferentes matizes que compõem o gauchismo em seu sentido mais amplo, com indígenas, mulheres que não são prendas e negros. O passar dos anos fez com que,

sob a desculpa da tradição, houvesse um certo aprofundamento do primitivismo. “Os gestores gaúchos sempre acharam que criança não precisava de creche e de pré-escola, porque as mães (diziam os homens) estavam historicamente em casa. O atraso na educação do estado, que pune as crianças e suas mães, é também resultado da cultura primitiva e machista do gauchismo, que continua viva no século XXI”, pondera.

**Moisés Mendes** é nascido em Rosário do Sul (RS) e criado em Alegrete (RS), onde começou sua carreira jornalística aos 17 anos na Gazeta de Alegrete. Atuou também em A Plateia (Santana do Livramento) antes de se transferir para Porto Alegre. Nos últimos 27 anos, a partir de 1989, exerceu as funções de repórter, repórter especial, editor, editorialista e colunista do jornal Zero Hora. Publicará, ainda este ano, o livro *Todos querem ser Mujica*, pela Editora Diadorim.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Costuma-se dizer que o Rio Grande do Sul é o estado mais politizado do país. Admitido o exagero da afirmação, o que poderia explicá-la?**

**Moisés Mendes** - A fama viria do tempo da ditadura. Gente de fora contribui para isso. Artistas chegam aqui exaltando as qualidades do gaúcho sabido e esperto. O estado tinha quadros importantes na oposição ao regime iniciado em 1964.<sup>1</sup> E, para desqualificar os ou-

tros, diziam que aqui sim se fazia política de qualidade. Não sei se há estudos acadêmicos sobre isso (di-

Sam, que garantiu a execução do Golpe, destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumem o poder e se mantêm governando o país entre os anos de 1964 e 1985. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira, também, as edições nº 96 da **IHU On-Line**, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004; nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964-2004: hora de passar o Brasil a limpo*. 1964; nº 437, de 13 de março de 2014, *Um golpe civil-militar. Impactos, (des)caminhos, processos*; e nº 439, de 31 de março de 2014, *Brasil, a construção interrompida - Impactos e consequências do golpe de 1964*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> **Golpe Civil-Militar**: movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother

ziam até que a presença em eleições aqui sempre foi maior). Mas não é um dado que nos favoreça, ou no que, afinal, essa virtude se manifesta como vantagem? Só para dar um exemplo, na ditadura tínhamos um **Leitão de Abreu**<sup>2</sup> (poderoso chefe da Casa Civil de Médici<sup>3</sup> e de

<sup>2</sup> **João Leitão de Abreu** (1913-1992): foi um jurista e ministro brasileiro. Ocupou a pasta da Casa Civil nos governos Médici e Figueiredo. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Emílio Garrastazu Médici** (1905-1985): ditador militar e político brasileiro. Exerceu as funções de adido militar em Washington e de chefe do Serviço Nacional de Informações. Assumiu a presidência da República (1969) em consequência de enfermidade do presidente Costa e Silva. Ocupou o cargo até 1974. (Nota da **IHU On-Line**)

Figueiredo<sup>4</sup>) e um Daniel Krieger<sup>5</sup> (senador da Arena). Hoje, o talento gaúcho é representado pelo super-ministro Eliseu Padilha.<sup>6</sup>

**IHU On-Line - O entendimento mais corrente de identidade gaúcha ou, em outras palavras, o modo de ser do gaúcho, é algo que afeta a maneira como se faz política no Rio Grande do Sul?**

**Moisés Mendes** - Aqui, há mais do que trabalhistas querendo ter Getúlio Vargas<sup>7</sup> como modelo. Mas

**4 João Baptista Figueiredo** (1918-1999): político brasileiro que governou o país durante a Ditadura Militar, entre 1979 e 1985. Foi o 30º presidente do Brasil. Ingressou na carreira política ao ser nomeado Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional do governo do Presidente Jânio Quadros e, em 1964, foi integrante do movimento que culminou com o Golpe militar de 1964. Comandou e chefiou várias companhias militares durante os primórdios do Regime Militar. Apontado pelo Presidente Ernesto Geisel, concorreu para presidente na eleição de 1978 pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), na chapa com Aureliano Chaves para vice-presidente. Em sua posse, pronunciou a famosa frase em que dizia que faria “deste país uma democracia”. O mandato foi marcado pela continuação da abertura política iniciada no governo Geisel. Em 1983, iniciaram-se as campanhas das Diretas Já, que acabaram rejeitadas no Congresso Nacional. Entretanto, o governo Figueiredo promoveu a primeira eleição civil brasileira desde 1964, que decretava o fim do Regime Militar. (Nota da **IHU On-Line**)

**5 Daniel Krieger** (1909-1990): foi um político brasileiro. Liderou o grupo de senadores da ARENA, partido que apoiou o golpe Militar no Brasil, o partido da situação, que discordaram enfaticamente do Ato Institucional Número Cinco adotado pelo presidente Costa e Silva, tendo organizado um manifesto de discordância assinado por diversos senadores. Mesmo com sua contrariedade ao AI5, não chegou a ser cassado como os demais políticos que integravam o MDB, partido que era oposição ao regime militar (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Eliseu Lemos Padilha** (1945): é um advogado e político brasileiro. Filiado ao PMDB, então MDB, desde 1966. Atualmente é o Ministro-chefe da Casa Civil. (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1naoZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em [a leitura é enviesada. Getúlio pacificou o estado, antes de 1930. O que vem depois é uma involução, é a precarização do jeito de fazer política, desde a chamada política representativa, a institucional, até a cotidiana. É peculiar do gaúcho a ideia sempre presente, em especial entre os conservadores, de que não conseguimos consensos. Nosso atavismo belicista seria impeditivo para entendimentos. O estado não sabe lidar com o dissenso, com a discordância, a diferença, porque o ponto de vista a prevalecer deve ser sempre o conservador, se for preciso, pelas elites.](http://</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

Um exemplo concreto da desculpa (conservadora) de que tudo vira briga de maragato e chimango foi o caso recente do projeto de revitalização do cais do porto da Capital. Por que a cidade não poderia debater a ocupação de um espaço público? Mas o reacionarismo acusa os discordantes de serem sempre do contra, porque o espaço, para ele, é para ser sempre apropriado pelo privado. É assim que todo debate no estado estará sob a suspeita de que expressa um boicote.

**IHU On-Line - O senhor se tornou mais conhecido do grande público depois que passou a ocupar espaços frequentes de opinião. O retorno dos leitores, fosse positivo ou negativo, traz marcas do gauchismo?**

**Moisés Mendes** - Sim, a argumentação do gaúcho está quase sempre contaminada pela ideia

[bit.ly/ihuon111](http://bit.ly/ihuon111), e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU ideias** *Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihu130>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuem01>. (Nota da **IHU On-Line**)

do confronto, da guerra. O gaúcho disputa espaço no trânsito como se estivesse numa batalha a cavalo. A internet potencializa esses feitos. O historiador Tau Golin<sup>8</sup> diz que o tradicionalismo tira a complexidade do gaúcho e transforma tudo numa grande estância. Tudo aqui tem hierarquias, até o debate. Para muitos leitores que discordavam do que eu escrevia, eu era um subalterno rebelde, mais ou menos como um peão que afrontava o patrão (o assinante). Mas eu tenho um dado a meu favor: eu sou fronteiro, conheço todos esses macetes. O gaúcho do campo, da Fronteira, não tem nada, mas nada mesmo desta caricatura grotesca, fanfarrona e cetegista que fazem dele.

**IHU On-Line - Por que muitos colonistas em atividade no Rio Grande do Sul são tão conservadores, machistas e preconceituosos? Reflexo da sociedade ou consequência das linhas editoriais?**

**Moisés Mendes** - Porque os veículos de comunicação demarcaram muito bem os limites e o alcance da sua vocação ultraconservadora, que foi exacerbada de forma nunca vista agora, no golpe. Assim o reacionário aparece mais, porque tem mais espaço. Ele está ali à espera de pista. E a imprensa brasileira vive um contexto conturbado pelo dilema da transição da informação impressa para a on-line. Ficou claro, nos últimos movimentos, que a opção é esta: salvemos os leitores que nos sustentam, e que são a maioria conservadora, e esqueçamos a ideia da pluralidade. É uma festa para o jornalismo de opinião mais à direita. O jornalista gaúcho conservador (para usar um eufemismo) manda amarrar bandido em poste, em pregação ao vivo, em programas de rádio. E houve no jornalismo em geral um rebaixa-

**8 Tau Golin:** é jornalista e doutor em História. Leciona as disciplinas de Cultura Brasileira, Comunicação Comparada e História Regional Comparada, respectivamente, no Curso de História, na Faculdade de Artes e Comunicação e no Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo. (Nota da **IHU On-Line**)

mento da opinião, com o fim dos oráculos clássicos da imprensa. O jornalismo gaúcho de exaltação da violência está próximo de envolver à época das degolas.

**IHU On-Line - O conservadorismo é um traço cultural gaúcho. Como isso se manifesta na produção jornalística?**

**Moisés Mendes** - A busca por uma identidade, que funda o tradicionalismo e espalha os Centros de Tradições Gaúchas - CTGs, lá nos anos 1950, chega agora ao estágio da supremacia da caricatura. O gaúcho deve ser o brasileiro mais inseguro como macho valente. E acaba virando um tipo grotesco, quase um ogro. Veja o caso do casamento de gays no CTG de Livramento, há pouco mais de um ano. O casamento, dizem os cetegistas, não iria afrontar costumes, mas a tradição. E a tradição seria a raiz protetora do macho. Parte do jornalismo urbano, atrasado, mas com lustro de esclarecido, contribuiu muito para que aquele episódio se transformasse num *case* nacional, com os olhares do Brasil dirigidos ao estado mais politizado, mais educado e mais fino da nação...

**IHU On-Line - Qual o peso que a tradição e o bairrismo próprios da população do Rio Grande do Sul têm na hora de se fazer jornalismo?**

**Moisés Mendes** - O localismo é forte no estado. E fica mais evidente com a busca pela fidelização não só do assinante, mas do leitor avulso, no caso do jornal. O Diário Gaúcho é um exemplo de fenômeno a ser ainda melhor explicado, um jornal popular, vendido apenas em banca, que é comprado diariamente por cerca de 150 mil pessoas somente na Grande Porto Alegre. O que explica isso? A tradição do jornalismo local? É um feito a ser melhor analisado.

**IHU On-Line - Um dos critérios usados pela imprensa para definir o que publicará é a proximidade, ou seja, o que ocorre perto do**

**público tende a despertar mais interesse. No caso dos veículos do Rio Grande do Sul, não há exagero na aplicação desse critério?**

**Moisés Mendes** - O bairrismo é do jornalismo mundial. O filme americano *O Jornal*, do início dos anos 90 (dirigido por Ron Howard, e com a Glen Close como diretora de redação), mostra uma reunião

“  
**Os gestores gaúchos sempre acharam que criança não precisava de creche e de pré-escola**

de editores em que alguém anunciava um acidente não sei onde, e um editor pergunta: tem alguém de Nova York? Um paulista me contou como verdade que Zero Hora deu esta chamada na capa: Gaúchos poderão ver hoje o eclipse da lua. É uma boa piada. Parece que só os gaúchos veriam o eclipse. O jornal de Nova York talvez não chegasse a tanto.

**IHU On-Line - Os veículos de comunicação não deveriam ser mais críticos na hora de discutir a sociedade gaúcha?**

**Moisés Mendes** - O jornalismo perdeu em algum momento a vocação para o debate das grandes questões de comportamento, que envolvam cultura local, postura crítica, preconceitos etc. E isso muito antes da internet. Mas foi há uns cinco anos ou pouco mais que os polemistas sumiram mesmo dos jornais e foram para as redes sociais. O jornal sempre foi um espaço ocupado por gente da academia, por intelectuais, colaboradores avulsos. Hoje, a temática é quase toda nacional, por causa das circunstâncias. O Facebook absorve os grandes debates que acon-

teciam nos jornais. Perdeu-se um mediador, mas ganhou-se em autonomia e liberdade. É caótico, mas é bom.

**IHU On-Line - Durante muitos anos, o senhor foi editor de economia. Quais as características do empresariado local?**

**Moisés Mendes** - Não sou do tempo da cobertura de economia mais empresarial, do grande empreendedor. Eu entro na Zero no final dos anos 1980, quando as crises fazem com que a economia se volte para o leitor comum. Mas sempre me pergunto: por que aqui as lideranças empresariais existem como liderança e depois desaparecem? Não vou citar nomes, mas ninguém sabe dizer onde foram parar dirigentes de entidades do grande empresariado das últimas décadas. Se eram líderes, porque não continuaram líderes, até em suas áreas ou atividades? O Rio Grande do Sul sempre foi o quarto em questões econômicas (PIB, exportações, renda etc.) e agora seria o quinto, atrás de São Paulo, Rio, Minas e Paraná. Daqui a pouco será o sexto? Há anos os gaúchos não têm uma grande ideia.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Moisés Mendes** - No ano passado, o nosso Tribunal de Contas realizou um estudo fantástico, por iniciativa do presidente Cezar Miola, mostrando o déficit de 196 mil vagas em creches e na pré-escola no Rio Grande do Sul. Na pré-escola, só não estamos em pior situação que Roraima. Os gestores gaúchos sempre acharam que criança não precisava de creche e de pré-escola, porque as mães (diziam os homens) estavam historicamente em casa. O atraso na educação do estado, que pune as crianças e suas mães, é também resultado da cultura primitiva e machista do gauchismo, que continua viva no século XXI. Copiando Tau Golin, eu diria que o Rio Grande precisa finalmente deixar de ser uma estância. ■

# Baú da IHU On-Line

Confira algumas publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU relacionadas ao tema do Rio Grande do Sul

- *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: A prática Política no RS*, artigo de Gunter Axt, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 14, de 2004, disponível em <http://bit.ly/2cp6BSe>.
- *As Sete Mulheres e as Negras sem Rosto: Ficção, História e Trivialidade*, artigo de Mário Maestri, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 14, de 2004, disponível em <http://bit.ly/2cKQNZ0>.
- *Getúlio, romance ou biografia?*, artigo de Juremir Machado da Silva, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 30, de 2004, disponível em <http://bit.ly/2ddKUWU>.
- *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju*, artigo de Ceres Karam Brum, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 46, de 2006, disponível em <http://bit.ly/2cKksmH>.
- *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo*, artigo de Regina Zilberman, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 61, disponível em <http://bit.ly/2chS5bp>.
- *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo*, artigo de Artur Cesar Isaia, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 64, disponível em <http://bit.ly/2cCiEuV>.
- *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho*, artigo de Mário Maestri, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 74, disponível em <http://bit.ly/2daUMxK>.
- *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande do Sul*, artigo de Moacyr Flores, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 79, disponível em <http://bit.ly/2d5Q9sx>.
- **Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração Yeda Crusius no Rio Grande do Sul**, artigo de Mário Maestri, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 111, disponível em <http://bit.ly/2cp7BFZ>.
- *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo*, artigo de Maria Eunice Maciel, publicado no **Caderno IHU Ideias** número 87, disponível em <http://bit.ly/2cxVOMn>.
- *O escravismo colonial: a revolução copernicana de Jacob Gorender. A gênese, o reconhecimento, a deslegitimação*, artigo de Mário Maestri, publicado no **Cadernos IHU** número 13, disponível em <http://bit.ly/2cC5pKS>.
- *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil*, artigo de Mário Maestri, publicado no **Cadernos IHU** número 6, disponível em <http://bit.ly/2daFRDq>.



## Profa. Dra. Maria Stela Santos Graciani

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

As ocupações estudantis e a reinvenção do espaço público e político

**17 de novembro (quinta-feira) | 19h30min às 22h**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Informações e inscrições: [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

4º Ciclo de Estudos Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo.  
Territórios, governo da vida e o comum

**IHU** ON-LINE



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em  
Revista**

# Agenda de Eventos

Confira os próximos eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU



## Ciclo de Estudos do Livro “O Capital no Século XXI” – A Estrutura da Desigualdade

Curso ministrado na modalidade Ensino a Distância - EAD, que será desenvolvido ao longo seis semanas - Semana 1 de 6 - De 19/09 a 23/09

**Renda, capital, produção e crescimento econômico mundial desde o século XVIII**

*Leitura: “Primeira Parte: renda e capital”, do livro O capital no Século XXI, de Thomas Piketty*

Ministrante: Prof. MS Gilberto Antonio Faggion - UNISINOS

Saiba mais em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

## Ecofeira Unisinos

Mostra e comercialização de produtos orgânicos

Horário: das 10h às 18h

Local: Corredor central (B07), em frente ao IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo



## Ecofeira Unisinos

Cine-Vídeo: “Repórter Justiça. A produção orgânica no Brasil”

Horário: 13h

Coordenação: Profa. MS Raquel Chesini - UNISINOS

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

## IHU Ideias

Conferência: Redes de design estratégico para a sustentabilidade e a inovação social

Conferencista: Prof. Dr. Carlo Franzato - UNISINOS

Horário: 17h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

Saiba mais em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)





## I Ciclo de Estudos: Saúde e segurança no trabalho na região do Vale do Rio dos Sinos – 2ª edição

Cerimônia de encerramento do Ciclo com entrega dos certificados

Horário: 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

Saiba mais [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

## 4º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida em Comum

Conferência: Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia da igualdade e dos afetos Conferencista

Conferencista: Prof. Dr. Roberto Romano - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

Saiba mais em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



## Ciclo de Estudos do Livro “O Capital no Século XXI” – A Estrutura da Desigualdade

Curso ministrado na modalidade Ensino a Distância - EAD, que será desenvolvido ao longo seis semanas - Semana 2 de 6 - De 26/9 a 30/9

A dinâmica da relação capital/renda e a distribuição da renda

Leitura: “Segunda Parte: a dinâmica da relação capital/renda”, do livro *O capital no Século XXI*, de Thomas Piketty

Coordenador: Prof. MS Gilberto Antonio Faggion - Unisinos

Saiba mais em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

## Conferência: Poder Pastoral e Governamentalidade: Paradoxos do Cuidado e Governo dos Outros

Conferencista: Prof. Dr. Sandro Chignola - Università di Padova - Itália

Horário: 14h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

Saiba mais em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)





## Ecofeira Unisinos

Mostra e comercialização de produtos orgânicos

Horário: das 10h às 18h

Local: Corredor central (B07), em frente ao IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

## Ecofeira Unisinos

Oficina de Compostagem

Horário: 13h

Coordenação: Bióloga Daiane dos Santos - PASEC/UNISINOS

Local: Corredor central (B07), em frente ao IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo



## IHU Ideias

O retrocesso das leis ambientais no Brasil e no Rio Grande do Sul

Conferencista: Prof. MS Eduardo Luís Ruppenthal - Rede pública estadual do RS

Horário: 17h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU / Campus UNISINOS São Leopoldo

Saiba mais em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



# Depois das ditaduras ferozes, sobrou a miragem democrática

Para o filósofo Roberto Romano, vivemos ainda nas “projeções de uma possível vida pública livre”. Analisando o individualismo, afirma que este é resultado da “abstração do mercado e da sociedade nada democrática”

Por Márcia Junges

“**A** fragilíssima vida pública brasileira foi uma conquista de séculos, obtida contra o mando estatal português e depois o da corte no império. Movimentos rebeldes foram esmagados por espadas e baionetas, sob os canhões conduzidos por Caxias”. A reflexão é do filósofo Roberto Romano em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele acrescenta que, assim, “não existiu e não existe espaço público no Brasil para ser reinventado. Estamos ainda nas projeções de uma possível vida pública livre”.

Para Romano, em uma “sociedade violenta e sob perene medo da repressão, os delatores têm sua pátria. Se a delação é recompensada, a epidemia da corrupção recebe um desdobramento, a epidemia covarde dos delatores pagos.” E frisa, reportando-se ao marcarthismo norte-americano: “Colocar ao dispor de autoritários uma técnica como o ‘teste de idoneidade’ é mais do que temerário”. Enquanto os partidos continuarem como “propriedades privadas de indivíduos ou grupos, eles

apenas solapam as bases do sistema democrático. Nada mais.”

**Roberto Romano** é professor de Ética e Filosofia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, França. Escreveu, entre outros livros, *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (São Paulo: Ed. UNESP, 1997), *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: SENAC, 2002), *O desafio do Islã e outros desafios* (São Paulo: Perspectiva, 2004) e *Os nomes do ódio* (São Paulo: Perspectiva, 2009).

A entrevista foi publicada em Notícias do Dia, 09-09-2016, atualizadas diariamente no sítio do IHU sob o título ‘Se não houver invenção democrática, o rumo da burocracia, e mesmo do totalitarismo, é inelutável’, disponível em <http://bit.ly/2cKeOAJ>.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - A partir do cenário político brasileiro atual, em que termos é possível falar numa reinvenção do espaço público e político?**

**Roberto Romano** - Segundo um etnólogo importante, para que surjam novas ordens técnicas (e a política, entre outros elementos, é uma técnica) são necessários dois itens. O primeiro é o empréstimo do próprio pretérito cultural ou de culturas estrangeiras. O segundo

é a invenção. Sem empréstimo é impossível inventar. Sem força inventiva, que vem da capacidade de pensamento e imaginação, impossível emprestar. Refiro-me a André Leroi-Gourhan<sup>1</sup>.

Agora vejamos: a estrutura do Estado brasileiro foi produzida no século XVI, em pleno absolutismo.

<sup>1</sup> **André Leroi-Gourhan** (1911-1986): etnólogo, arqueólogo e historiador francês, especialista em pré-História. (Nota da **IHU On-Line**)

Desde aquele período, vivemos sob o signo da diferença entre cidadania e operadores do poder. À primeira foi destinada a carga de impostos e deveres. Aos segundos, regalias e privilégios. A fragilíssima vida pública brasileira foi uma conquista de séculos, obtida contra o mando estatal português e depois o da corte no império. Movimentos rebeldes foram esmagados por espadas e baionetas, sob os canhões conduzidos por Caxias.

O “público” no Brasil do século XIX, como no Antigo Regime, era formado pelos funcionários estatais, fazendeiros e financistas, políticos submissos às ordens do Paço Imperial. Às pessoas “ordinárias de veste” foi destinada a invisibilidade, salvo quando elas se levantavam em revoltas. A partir daquele momento elas eram perseguidas como inimigas, exiladas no país ou no exterior. Na produção econômica, não fazíamos empréstimos inventivos das culturas estrangeiras. Foi-nos imposto o padrão dos antigos sócios da potência colonial, sobretudo a Inglaterra e a França. O mesmo ocorreu nas artes, ciências, tecnologia. Assim, me perdoem a expressão forte, não existiu e não existe (sobretudo após duas ditaduras ferozes que ceifaram lideranças civis e impediram a experiência da invenção democrática) espaço público no Brasil para ser reinventado. Estamos ainda nas projeções de uma possível vida pública livre. Vivemos na sociedade e no âmbito oficial sob o signo da violência face a face, das relações de favor, da transmissão dos cargos por via familiar (o que aumentou nos últimos anos, com filhos e netos de políticos “herdando” massas populares, Estados, municípios, em dinastias oligárquicas). É tarefa árdua e mesmo infrutífera, analisar o país com os pressupostos estabelecidos por pensadores da modernidade, como Weber<sup>2</sup>.

Aqui, as relações formais são permeadas (com maior dureza do que em outras sociedades) pelos nexos do compadrio, das dívidas de honra

<sup>2</sup> **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon101>. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação** n.º 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo* disponível em <http://bit.ly/ihuem03>. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

elevadas acima da lei, etc. Não temos partidos políticos fundamentados no bossismo, como ainda ocorre nos EUA, ou na ideologia, como na Europa. É claro que a ideologia tem um papel nas agremiações norte-americanas e o bossismo se apresenta nas europeias. Mas aqui, ambas as formas são dúteis, flexíveis, passam umas às outras em átomos. Os partidos brasileiros, sobretudo os micrológicos que definem o “centrão” atual, poeira parlamentar que atormenta o poder executivo federal, não passam de balcões negociatas. Quando surge a ideologia entre eles, é a mais regressiva e despótica possível. Neles, não existe invenção do futuro, mas reiteração do passado familiar patriarcal, oposto às liberdades conquistadas pelas mulheres, negros, gays e outros. É uma ideologia paralela à fascista, disfarçada de fundamentalismo religioso. Tais setores controlam meios de comunicação que reduzem milhões ao fanatismo com promessas milagreas e receitas de progresso econômico pessoal. Tais massas são instrumento de manobra em eleições ou campanhas contra os direitos civis. Resumindo, o feto do espaço público e democrático, no Brasil, está sempre à beira do aborto. É o que assistimos nas duas ditaduras do século anterior e no que se passa hoje.

**IHU On-Line - Em que sentido avançamos e retrocedemos na construção desse espaço?**

**Roberto Romano** - O que vou dizer é polêmico. Sempre que aparecem movimentos, na sociedade e no Estado brasileiro, na busca de aprimorar as instituições, algo resta do pretérito. Assim, quando o Congresso brasileiro editou a Lei da Ficha Limpa, muitos recursos foram deixados aos políticos para que dela escapassem. Agora mesmo dois milhões de cidadãos apoiaram as 10 Medidas propostas pelo Ministério Público Federal. O texto apresenta avanços importantes contra a corrupção. Mas nele resistem aspectos autoritários que recordam instantes sombrios da vida nacional. Convidado a falar na Comissão Especial da Câmara dos Deputados sobre o tema,

ali apresentei objeções éticas e políticas a três elementos do projeto. O primeiro é a que destina 5% do produto “arrecadado” nos processos, a delatores. Não é preciso ser Immanuel Kant<sup>3</sup> ou Jean-Jacques Rousseau<sup>4</sup> para perceber o quanto aquele prêmio à delação pode acentuar o número de perseguidos. Citei inclusive o que ocorreu na república ateniense, algo denunciado em vários pensadores, textos jurídicos e mesmo comediantes da polis.

Nas Vespas, Aristófanos<sup>5</sup> mostra o quanto é deletério o indivíduo armar processos para conseguir

<sup>3</sup> **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Aristófanos** (447a.C.– 385 a.C.): foi um dramaturgo grego. É considerado o maior representante da comédia antiga. Nascido em Atenas, presenciou a Guerra do Peloponeso,

óbolos para seu cofre. Numa sociedade violenta e sob perene medo da repressão, os delatores têm sua pátria. Se a delação é recompensada, a epidemia da corrupção recebe um desdobramento, a epidemia covarde dos delatores pagos. O segundo ponto do projeto é o “teste de idoneidade”, amplamente analisado e criticado na literatura especializada. Ali, o indivíduo fica solitário diante de inquisidores secretos, é tentado de mil modos, sem defesa. Imaginemos um pouco mais de autoritarismo fascista no Estado brasileiro (uma hipótese que não é absurda, dada a crônica do poder oficial durante e após as ditaduras Vargas<sup>6</sup> e a de 1964). Se os governantes brasileiros já não respondem plenamente por seus atos e falas (a accountability entre nós está no mais baixo ponto, se pensarmos em outras terras), com tal instrumento será bem mais fácil perseguir adversários políticos, ou simplesmente os que não se dobram diante do poder. Na República, Platão<sup>7</sup> mostra que o tirano

e foi testemunha também do início do fim de Atenas. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1naoZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão – 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU Ideias Getúlio, 50 anos depois**. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihu130>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuemo1>. (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até

realiza uma purga ao inverso: expulsa os bons e põe os péssimos e mercenários no comando do poder. Este último, por sua dinâmica, vai de mão em mão, não raro por causa da Fortuna. Colocar ao dispor de autoritários uma técnica como o “teste de idoneidade” é mais do que temerário. Lembro que após a Segunda Guerra<sup>8</sup> e com o macarthismo, surge nos EUA a prática dos “testes de lealdade” que causou muitos prejuízos éticos. Felizmente, naquele país, os referidos testes foram atenuados ao máximo.

O terceiro ponto estranho no projeto é o que autoriza infringir a lei que a todos protege, a partir da alegação da boa fé dos agentes policiais ou promotores. Mostrei o quanto é frágil, do ponto de vista ético e moral, aquela licença. Então: um projeto meritório, mesmo ele, traz em seu bojo coisas nada meritórias e pouco aconselháveis numa democracia. Muitos exemplos de permanência de nossos erros poderiam ser indicados. Os que mencionei bastam.

### **IHU On-Line - Quais são os principais desafios que temos pela frente nessa construção?**

hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**)

**8 Segunda Guerra Mundial:** conflito iniciado em 1939 e encerrado em 1945. Mais de 100 milhões de pessoas, entre militares e civis, morreram em decorrência de seus desdobramentos. Opôs os Aliados (Gra-Bretanha, Estados Unidos, China, França e União Soviética) às Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O líder alemão Adolf Hitler pretendia criar uma “nova ordem” na Europa, baseada nos princípios nazistas da superioridade alemã, na exclusão – eliminação física incluída – de minorias étnicas e religiosas, como os judeus, ciganos e homossexuais, na supressão das liberdades e dos direitos individuais e na perseguição de ideologias liberais, socialistas e comunistas. Essa ideologia culminou com o Holocausto. (Nota da **IHU On-Line**)

**Roberto Romano** - Em primeiro lugar, é preciso incentivar a prática da população tendo em vista a partilha do político. Educar, não para o mercado como dizem os que defendem o privatismo, mas para o exercício consciente da soberania popular. Assim, é imperioso o emprego de tecnologias de ponta na educação das massas brasileiras. Precisamos democratizar a sociedade e o Estado, federalizando a suposta república brasileira. É insuportável o *status quo* no qual a maioria esmagadora dos impostos segue para Brasília, sendo redistribuída segundo o grau de apoio (ou bajulação) dos ocupantes ocasionais do executivo presidencial. Precisamos mudar radicalmente o ensino universitário, sobretudo nas áreas médicas e jurídicas. A falta de ética naqueles setores traz uma saúde onde quem paga é tratado com respeito, e uma justiça idem.

Precisamos regularizar os lobbies, para que a representação parlamentar deixe de ser uma reunião disfarçada de lobistas, que fingem ser deputados e senadores a serviço do povo (impedir, assim, as “bancadas” da bala, da Bíblia, das universidades privadas, etc). Precisamos reformar os partidos políticos, proibindo mandatos de dirigentes daquelas agremiações mais longos do que dois anos). Se os partidos continuam como propriedades privadas de indivíduos ou grupos, eles apenas solapam as bases do sistema democrático. Nada mais.

### **IHU On-Line - O que seria uma democracia dos afetos?**

**Roberto Romano** - Muitas tendências podem ser indicadas para tentar fornecer uma resposta a semelhante questão. Penso em Spinoza<sup>9</sup>, que defende seu ponto de vista segundo o qual somos seres

**9 Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632–1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

do desejo. É por tal motivo que seu maior escrito político, a *Ética*, antes de chegar à liberdade coletiva e individual passa pelo exame acurado das paixões e anelos. Todos somos corpos que desejam, e tal situação é natural. Decretar como “contra a natureza” determinadas buscas de afeto é querer impor à ordem natural um estatuto transcendente e aristocrático: apenas alguns afetos seriam legítimos, os outros deveriam ser proibidos e punidos. Os supostos fundamentalistas que infestam televisões, rádios, bancadas parlamentares, julgam-se no direito de ordenar os corpos alheios, além de seduzir almas prometendo-lhes vantagens suprahumanas, desde que paguem substanciosos dízimos.

Na democracia proposta por Spinoza, é preciso administrar os afetos, não erradicá-los dos entes humanos. Um outro modo, oposto ao de Spinoza mas também interessante, encontramos em Platão. Claro que o filósofo nada admira no regime democrático, mas suas lições servem para pensar os males de todo regime. Gosto bastante de uma análise do pensamento platônico sobre as afecções, de Jean-François Pradeau<sup>10</sup>. Uma cidade será forte, diz elenas *Leis*, se nela as dores e as alegrias dos indivíduos forem as dores e as alegrias do coletivo, e vice versa. A divisa dos que seguem tal diretiva pode muito bem ser a do Papa Francisco<sup>11</sup> diante dos homossexuais: “quem somos nós, para condenar?”. Aliás, Cristo mesmo enunciou os princípios: “quem não

10 *La communauté des affections, études sur la pensée éthique et politique de Platon* (Paris, Vrin, 2008). (Nota do entrevistado)

11 **Papa Francisco** (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista **IHU On-Line** analisou so dois anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. Leia, ainda, a edição *Amoris Laetitia e a 'ética do possível'. Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNsc> e a edição *O ECOMenismo de Laudato Si'*, disponível em <http://bit.ly/1S6Luik>. (Nota da **IHU On-Line**)

tiver erros, atire a primeira pedra”. Os direitos da maioria só podem valer, se ela reconhece o direito das minorias. No Brasil, temos as mulheres mortas e batidas, os homossexuais assassinados. Estamos muito longe da democracia formal e da forma democrática e dos direitos de última geração.

**IHU On-Line - Em que medida o individualismo atual cerceia as possibilidades de uma democracia da igualdade e dos afetos?**

**Roberto Romano** - Paradoxalmente, é a negação da individualidade que fala e opera em muitos setores ditos individualistas. Spinoza defendia, em termos ontológicos, o indivíduo. Marx<sup>12</sup> fazia o mesmo (para escândalo de anti-comunistas e comunistas que nele enxergam certo coletivismo). O chamado individualismo, na verdade, é a tese que permite aos “positivamente privilegiados” todos os direitos, e aos negativamente privilegiados a exclusão da política. Creio que Marx apresenta sólidas razões ao defender a existência de “indivíduos concretos, em situações concretas”, quando ainda rabiscava a *Ideologia Alemã*. Depois, em *O Capital*, ele mostra que o mercado capitalista arranca do operário a sua individualidade. Ele é subsumido na força coletiva de trabalho, é anônimo e não pode ter

12 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

mais desejos do que o movimento da mão para a boca. Como o capitalista que o consome, ele é apenas e tão somente *Träger* de relações sociais, sua classe. Ele não é mais José, é trabalhador, como seu oponente não é mais Christoph, mas banqueiro, industrial, empresário. O individualismo não tem vez no sistema de produção. E os ricos, não raro, operam tendo em vista seu clã, sua família. Até hoje em sociedades capitalistas como a norte-americana, a propriedade se define como familiar, sobretudo nos mais altos estratos<sup>13</sup>.

A ilusão do indivíduo livre e solto pertence mais às chamadas classes médias que não possuem riqueza efetiva (fundiária, industrial, financeira) e nem devem vender a si mesmas, como os operários, coletivamente. Como sua “propriedade”, de início, é o diploma universitário, seus integrantes comparecem diante do capital com suposta autonomia e independência. Como não lutam coletivamente, têm a ilusão de que podem dispensar batalhas políticas, greves, etc. O idiotismo, no sentido original grego, lhes cabe.

**IHU On-Line - A que atribuiu o aprofundamento do individualismo em nosso tempo? Como isso impacta na construção das subjetividades e das relações na polis?**

**Roberto Romano** - Ao aumento do contingente de setores sociais urbanos vítimas da ilusão gerada por sua forma de se integrar no sistema econômico. Como não possuem propriedades efetivas e nem se colocam na ordem do “desposuimento” imposto aos trabalhadores, eles se aferram à pequena pro-

13 Galka, Max: “America’s 4 riches families own as much as the bottom 40%” in *The Huffington Post*, 24/02/2016. <http://huff.to/2ddEgjm>. “Great fortunes are notoriously easy to lose. Not so for the nation’s 25 richest clans, who’ve bucked the odds and held onto their wealth over generations, in some cases since the late 1800s. Collectively they are worth \$722 billion this year, \$11 billion less than the top 25 were a year ago”. Kerry A. Dolan: “Billion-Dollar Clans: America’s 25 richest families 2016” *Forbes* 29/junho/2016. <http://bit.ly/2ckoUX8>. (Nota do entrevistado)

priedade que lhes é imposta pela propaganda do consumo. Aham que seu apartamento, casa na praia ou montanha, automóvel e roupas de marca, seus aparelhos eletrônicos caros, lhes concedem liberdade para fazer o que desejam ou imaginam. Na primeira crise global da economia, em qualquer processo mais acelerado da inflação, tais anelos ilusórios caem por terra. Mas eles consomem, além de bugingas eletrônicas e quejandos, a cultura que lhes é imposta.

Um livro ainda hoje e durante muito tempo que ajuda a entender tais “individualidades” é o *One Dimensional Man*, de Herbert Marcuse<sup>14</sup>. Julgando-se livres e soltas, aquelas frações da sociedade praticam, na maioria das vezes de modo simbólico, mas com frequência cada vez mais intensa, a guerra de todos contra todos. O seu desejo não pode ser satisfeito, como no caso dos verdadeiros proprietários ricos, nem está indisponível, como no caso dos trabalhadores. Daí, uma fome de bens e uma ausência total de sentimentos em relação à alteridade. A internet é um dos lugares em que se manifesta semelhante subjetividade carente, odiosa e odiosa. Suas manifestações de raiva são dirigidas aos semelhantes, tão abstratos e desprovidos de substância quanto eles. Trata-se de um comportamento regressivo e pré-político a favorecer a eclosão dos vários fascismos que ameaçam sociedades e Estados que se pretendem democráticos.

**IHU On-Line - Como conciliar igualdade e diferenças numa sociedade democrática como a brasileira, sobretudo depois do episódio recente do impeachment de Dilma Rousseff<sup>15</sup>?**

14 **Herbert Marcuse** (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado estadunidense, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011

**Roberto Romano** - Volto à uma famosa definição da concretude, “Zusammenfassung vieler Bestimmungen (...) Einheit des Mannigfaltigen”. O enunciado é extraído de Hegel<sup>16</sup> (*Lições sobre a História da Filosofia*). E retorno também à definição de direito igual na *Crítica do Programa de Gotha*: “o direito só pode consistir, por natureza, na aplicação de medida igual. Mas os indivíduos desiguais (e não seriam indivíduos diferentes se não fossem desiguais) só podem ser medidos pela igual medida quando e sempre sejam considerados sob um ponto de vista igual, olhados apenas sob um aspecto determinado; por exemplo, no caso concreto, só como operários, e não se veja neles outra coisa, fazendo abstração de tudo o mais.”<sup>17</sup>

(primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment que fora movido contra ela. No dia 31 de agosto o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Rici ‘Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder’, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Vello Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <http://bit.ly/2959irT>. (Nota da **IHU On-Line**)

17 “Das Recht kann seiner Natur nach nur in Anwendung von gleichem Maßstab bestehen; aber die ungleichen Individuen (und sie wären nicht verschiedene Individuen, wenn sie nicht ungleiche wären) sind nur an gleichem Maßstab meßbar, soweit man sie unter einen gleichen Gesichtspunkt bringt, sie nur von einer bestimmten Seite faßt, z.B. im gegebenen Fall sie nur als Arbeiter betrachtet

Aqui Marx toca num ponto delicadíssimo, quando se discute o problema da igualdade. Trata-se da medida, algo difícil de ser definido, calculado e, sobretudo de receber uma prática justa. Falar em direito igual, abstraindo as determinações outras dos indivíduos, como as espirituais, (18) diz Max ao usar um termo muito polêmico na filosofia alemã, por exemplo sua aptidão para a poesia, a música, as artes, a política, a ciência - tudo o que ele defendia na juventude, nos *Manuscritos de 1844* com o projeto de uma educação dos cinco sentidos - e injusto, errado. Medir é um desafio matemático, político, ético, psicanalítico, físico, econômico, etc<sup>19</sup>. A prudência manda, portanto, antes de indicar a igualdade como *metron* do direito, refletir sobre o indivíduo concreto e o mesmo indivíduo quando passou a ser pensado e dirigido em categorias abstratas. O individualismo é mais produto da abstração do mercado e da sociedade nada democrática, do que uma referência heurística.

**IHU On-Line - Qual é o futuro de nossa democracia diante do cenário político que se apresenta nesses dias?**

**Roberto Romano** - Retorno ao ponto de partida de nossa conversa. Se não houver invenção democrática, e aqui sou mais do que nunca seguidor de Claude Lefort<sup>20</sup>, que dirigiu meu doutorado na França - lá se vão décadas - o rumo da burocracia e, mesmo do totalitarismo, é inelutável. E numa sociedade burocrática com Estado idem não existe futuro, porque, sabemos

und weiter nichts in ihnen sieht, von allem andern absieht”. *Kritik des Gothaer Programms*, in *Werke*, (Berlin, Dietz Verlag, B. 19, 4). (Nota do entrevistado)

18 “Der eine ist aber physisch oder geistig dem andern überlegen”. Op. cit. (Nota do entrevistado)

19 Um volume ainda hoje atual é o que publicou os textos do seminário coordenado por Jean-Claude Beauce : *La mesure, instruments et philosophies* (Ed. Champ Vallon, 1994). Depois dele, outros trabalhos surgiram, tão relevantes quanto.

20 Claude Lefort: *L'Invention démocratique, les limites de la domination totalitaire* (Paris, Fayard, 1981). (Nota do entrevistado)

o ensinado por Max Weber, a burocracia é uma perene ordem este-reotipada, na qual o **Mesmo** é retomado em detrimento do **Outro**. E uma sociedade corrompida, com Estado idem, suscita o desejo de ordem burocrática, caminha para a tutela do corpo social por técnicos do direito ou da economia. Quando alguém se queixa, diante de mim, da “burocracia” brasileira, penso logo: “ele não reclama da burocracia, mas da sua ausência”. Sim, se a burocracia dos cartórios, das repartições públicas, da polícia, funcionassem “como deve ser”, teríamos a obediência dos felás diante dos sacerdotes egípcios: ninguém sentiria a necessidade de criticar o poder. Como diz ainda muito bem Weber, a burocracia é espírito coagulado. Quando existe revolta, a burocracia ainda não venceu. Existe esperança, existe futuro.

**IHU On-Line - Como analisa o papel da mídia no processo político democrático, sobretudo no caso brasileiro?**

**Roberto Romano** - Existem pe-riódicos e periódicos, programas

televisivos e programas televisivos, revistas e revistas. Existem redes sociais e redes sociais. Não raro os que militam naqueles meios, no Brasil, esquecem a necessária objetividade no trato com a notícia. Insisto na objetividade, pois certa concepção sofisticada, que não foi afastada do pensamento social e político, ainda afirma dogmáticamente... que não existe objetividade, que tudo é relativo e preso às subjetividades e aos interesses ideológicos, políticos, econômicos. Quando um profissional da mídia me consulta e mostra o alvo de me fazer endossar o que manda a sua pauta, sem olhar para os fatos e sua lógica, digo adeus e peço que ligue o gravador e recolha suas próprias teses. Existe um viés dito “progressista” e também um viés “democrático” (ou seja, reacionário na maioria das vezes). Ambos impedem o cidadão de pensar, pois consideram importante pensar por ele, pobre alienado.

Tenho sempre a tentação de re-cordar o Heidegger<sup>21</sup> de **Sein und**

<sup>21</sup> **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo*

**Zeit**: a mídia é a mediania, o slogan, o ouvir dizer, o palavrório. Mas logo me recupero quando leio matérias que respeitam o pensamento, o fato, os leitores. É raro, mas ocorre. Assim como é possível to-par com políticos retos de caráter e de atos. Quando os encontramos, devemos exclamar : χαλεπὰ τὰ καλὰ ou então “*Omnia praeclara tam difficilia quam rara sunt*”, como reza a **Ética** spinozana... ■

(1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU Em Formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do **ciclo de estudos Filosofias da diferença** – pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- *Justiça e misericórdia: “O imperativo categórico kantiano serviu como guilhotina intelectual para cortar o divino misericordioso”*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 488, de 4-7-2016, disponível em <http://bit.ly/2byOWZe>.
- *Niilismo e mercadejo ético brasileiro*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 354, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/24CNHYQ>.
- *“Brasil é um Estado absolutista anacrônico”*. Entrevista com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 6-8-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1UpCsxA>.
- *“Somos absolutistas anacrônicos. Vivemos sempre sob o regime do favor, dos privilégios, da não república”*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 398, de 18-8-2012, disponível em <http://bit.ly/1tdbiDG>.
- *Roberto Romano, uma vida atravessada pela história*. Perfil de Roberto Romano, publicado na revista **IHU On-Line**, número 435, de 16-12-2013, disponível em <http://bit.ly/1Ygbu0Y>.
- *O direito à igualdade como o direito à felicidade*. Entrevista especial com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 3-8-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1UDCS36>.
- *A autocracia palaciana do século XXI e a crise do Estado Democrático*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 461, de 23-3-2015, disponível em <http://bit.ly/1TXEISD>.
- *Medo, o triunfo da intolerância*. Entrevista especial com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 16-8-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1reKDVP>.

# ME TRÓ POLES

4º CICLO DE ESTUDOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E  
TECNOLOGIAS DE  
GOVERNO

TERRITÓRIOS,  
GOVERNAMENTO DA VIDA  
E O COMUM

UNISINOS – SÃO LEOPOLDO | RS

31 de outubro  
(segunda-feira)

**Prof. Dr. Salvador Andrés Schavelzon -**  
Universidade Federal de São Paulo, Campus  
Osasco - UNIFESP

**19h30min às 22h**

- Cosmopolítica indígena, estados  
plurinacionais e partidos movimento: limites e  
possibilidades da reinvenção do espaço político

**INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR**

**LOCAL:** Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
(Campus São Leopoldo – RS)

PROMOÇÃO



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

**UNISINOS**  
Somos infinitas possibilidades

## #Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

# E o Mercosul?

Por Gabriel Adam

“O avanço dos Estados sul-americanos no sentido de angariarem poder de decisão sobre seus destinos na política mundial contrariava frontalmente os interesses estadunidenses. (...) O processo de retomada da influência estadunidense na América do Sul é fortalecido com a eleição de Maurício Macri na Argentina e com a deposição de Dilma Rousseff. É neste ponto que cabe questionar sobre o futuro do Mercosul, tendo em vista que os dois países são o coração, o pulmão e o cérebro do bloco regional”, analisa Adam.

**Gabriel Adam** é formado em Ciências Jurídicas e Sociais, possui mestrado em Relações Internacionais e doutorado em Ciência Política. É professor dos cursos de Relações Internacionais e Direito na Unisinos.

## Eis o artigo.

No dia 30 de junho de 2016, foi consumado o impeachment sem crime de responsabilidade comprovado da Presidenta Dilma Rousseff. Entre os efeitos imediatos de tal ato estão desde planos de concessão à iniciativa privada de estradas e de setores estratégicos do país, até a dilapidação das reservas do pré-sal em prol de empresas transnacionais do petróleo. O rompimento de um processo de diminuição das desigualdades sociais que assolam o Brasil desde sempre, a perda de autonomia governamental e a renovação de riscos para a nossa democracia eternamente incipiente podem ser citados como alguns dos efeitos mediatos. Mas, em que pese a relevância das transformações domésticas pelas quais o Brasil passará nos próximos anos, o presente artigo tem como foco a política externa do Governo Temer, e, mais especificamente, o futuro do Mercosul em meio a uma nova conjuntura regional que se avizinha no horizonte sul-americano.

A compreensão mais precisa do estágio atual do Mercosul depende do resgate de dois movimentos históricos que foram traçados em paralelo. O primeiro é a posição dos Estados Unidos de enxergar as Américas como sua zona de influência exclusiva, o que implica em evitar que qualquer potência estrangeira procure projetar poder no continente, bem como sabotar os processos dos países latinos de emergirem como atores com voz independente na política regional e global.

A construção deste domínio estadunidense teve três atos sequenciais e complementares. O primeiro deles foi o lançamento da Doutrina Monroe em 1823, o segundo foi o Corolário Roosevelt, na virada do século

XIX para o XX, e o terceiro foi a criação da Organização dos Estados Americanos, em 1948. O outro movimento histórico é justamente a tentativa de países latino-americanos de se livrar do jugo estadunidense mediante a formação de organizações regionais próprias. Assim, em 1961 foi fundada a Associação Latino-Americana de Livre Comércio - ALALC, que acabou fracassando. No ano de 1980, veio a segunda tentativa, com a Associação Latino-Americana de Integração - ALADI, organização ainda vigente, mas sem impacto econômico ou político. Nos anos 1990 os países da América do Sul seguiram a tendência mundial e criaram ou reinventaram blocos regionais (caso do Pacto Andino que virou Comunidade Andina das Nações em 1996). Neste contexto surgiu o Mercosul, em 1991.

Na sua origem o Mercosul não tinha objetivos políticos de autonomia tão explícitos, pois sua natureza é comercial, e de outra forma não poderia ser, pois seus dois principais líderes, Brasil e Argentina, eram governados por Presidentes de cepa neoliberal, Fernando Collor e Carlos Menem, respectivamente. Contudo, com o tempo, o caráter estratégico do Mercosul foi sendo reconhecido pelos governos dos quatro Estados membros originários (além dos já citados, Paraguai e Uruguai).

No alvorecer do novo século, com a chegada ao poder de Lula no Brasil, de Néstor Kirchner na Argentina, da Frente Ampla no Uruguai e de Fernando Lugo no Paraguai, o bloco regional assumiu contornos mais nítidos de ser um dos instrumentos disponíveis aos seus membros para projeção política e econômica nos pla-



## *A posição dos Estados Unidos é enxergar as Américas como sua zona de influência exclusiva*

nos regional e mundial, em especial no caso brasileiro. Ou seja, se nunca se cumpriu como catalisador de um mercado comum do sul efetivo, o Mercosul se legitimava pela sua relevância geoestratégica.

Com a ascensão de Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador e com a consolidação de Hugo Chávez na Venezuela, a América do Sul viveu um momento único de governos efetivamente autonomistas que almejavam um afastamento político de Washington e pensavam no subcontinente sul-americano como um local de desenvolvimento conjunto e autônomo. O resultado prático desta comunhão de interesses foi a criação da Unasul (União das Nações Sul-Americanas), em 2010.

O avanço dos Estados sul-americanos no sentido de angariarem poder de decisão sobre seus destinos na política mundial contrariava frontalmente os interesses estadunidenses. Assim sendo, em 2012, Washington patrocinou a formação da Aliança do Pacífico, cujos Estados membros são México, Colômbia, Chile e Peru. O objetivo da junção dos principais países latino-americanos que permaneciam aliados dos EUA Latina era enfraquecer os movimentos questionadores do status quo, a Unasul e o Mercosul.

O processo de retomada da influência estadunidense na América do Sul é fortalecido com a eleição de Mauricio Macri na Argentina e com a deposição de Dilma Rousseff. É neste ponto que cabe questionar sobre o futuro do Mercosul, tendo em vista que os dois países são o coração, o pulmão e o cérebro do bloco regional. Desde que assumiu o governo argentino, Macri tem se aproximado enormemente de Washington. Em termos de multilateralismo, tem advogado pela aproximação do Mercosul com a Aliança do Pacífico e com a Parce-

ria Trans-Pacífica (TPP na sigla em inglês), o que seria prejudicial às indústrias sul-americanas em função do livre comércio que se estabeleceria com os Estados Unidos.

Na mesma toada, desde que assumiu o posto de Chanceler brasileiro, José Serra vem agindo no sentido de retomar um alinhamento com Washington não visto desde o Governo Collor. Acerca do Mercosul, Serra está numa cruzada para impedir que a Venezuela assuma a Presidência rotativa no bloco, sob alegação de que o governo daquele país não cumpriu exigências formais para com o bloco e de que não é democrático, discurso este idêntico ao que os mandatários estadunidenses dirigem a Caracas desde que Chávez se elegeu Presidente do país vizinho.

Ainda sobre este tema, Serra foi acusado de tentar comprar o voto uruguaio para negar o acesso da Venezuela à presidência. A forma como lidou com o desmentido sobre tal procedimento revelou uma postura arrogante para com o Uruguai, o que em nada lembra a ideia de liderança compartilhada na América do Sul, lançada no Governo FHC e seguida no Governo Lula. Em suma, os primeiros indícios dos governos Macri e Temer sinalizam que o Mercosul deixará de ser utilizado como um meio para que seus membros adquiram efetiva independência política e econômica nas Américas e no mundo.

É bem ao contrário; o futuro do Mercosul aponta para dois caminhos, ou ocorrerá o seu esvaziamento ou ele será submetido aos interesses de Washington ao ponto de sua descaracterização completa. De um modo ou de outro, o bloco regional será muito prejudicado, e mais uma vez na história os países sul-americanos não conseguirão se libertar da malfadada Doutrina Monroe. ■

### Expediente

Coordenador do curso: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

## PUBLICAÇÕES

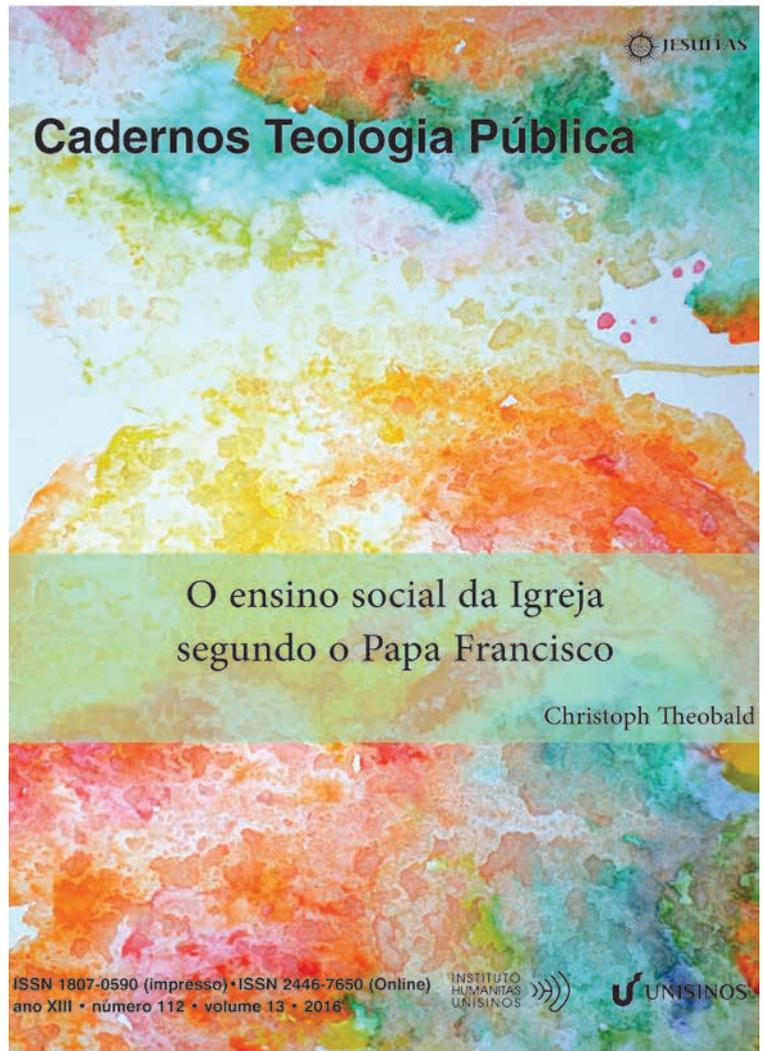
# O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco

O Cadernos Teologia Pública, em sua edição de número 112, traz o artigo de Christoph Theobald, teólogo jesuíta, professor de Teologia Fundamental e Dogmática na Faculdade de Teologia, intitulado “O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco”. No texto, o teólogo faz uma releitura da ensino social da Igreja a partir dos dois documentos pontifícios assinados pelo para Francisco. “Evangelii Gaudium (2013) e Laudato Si’ (2015) completam-se mutuamente. Com a noção de “estilo” empregada pelo Papa Francisco, estes documentos apelam à experiência concreta e unificam a esfera social com a mensagem evangélica. Nesse sentido, expressam um novo jeito de compreender o ensino social da Igreja, ao congregar os processos de transformação social com conversão espiritual”, escreve Theobald.

O artigo completo, na versão em PDF, está disponível em <http://bit.ly/2cQiFtU>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213



## PUBLICAÇÕES

# Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo

Na sua 245ª edição, o Cadernos IHU Ideias traz o artigo de Moysés da Fontoura Pinto Neto, intitulado “Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo”. O autor trabalha no texto “a hipótese de que a compreensão dos movimentos que apresenta o capitalismo contemporâneo passa pela superação da ideia de ‘neoliberalismo’ como deflação do Estado e amplificação do mercado”. Para o autor, “busca-se, no lugar disso, apresentar as relações entre Estado e mercado como dialeticamente complementares na sua ‘modernização’ - observando recentes exemplos ‘neoliberais’ e ‘desenvolvimentistas’ - no sentido da implementação de um ethos aceleracionista baseado em um regime 24/7 de trabalho, produção e consumo que se alastrou a partir da ‘hiperconectividade’ e da ‘tempestade de estímulos’ ‘na era das redes digitais.

O artigo completo, em formato PDF, está disponível em <http://bit.ly/2cERhXy>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213



## PUBLICAÇÕES

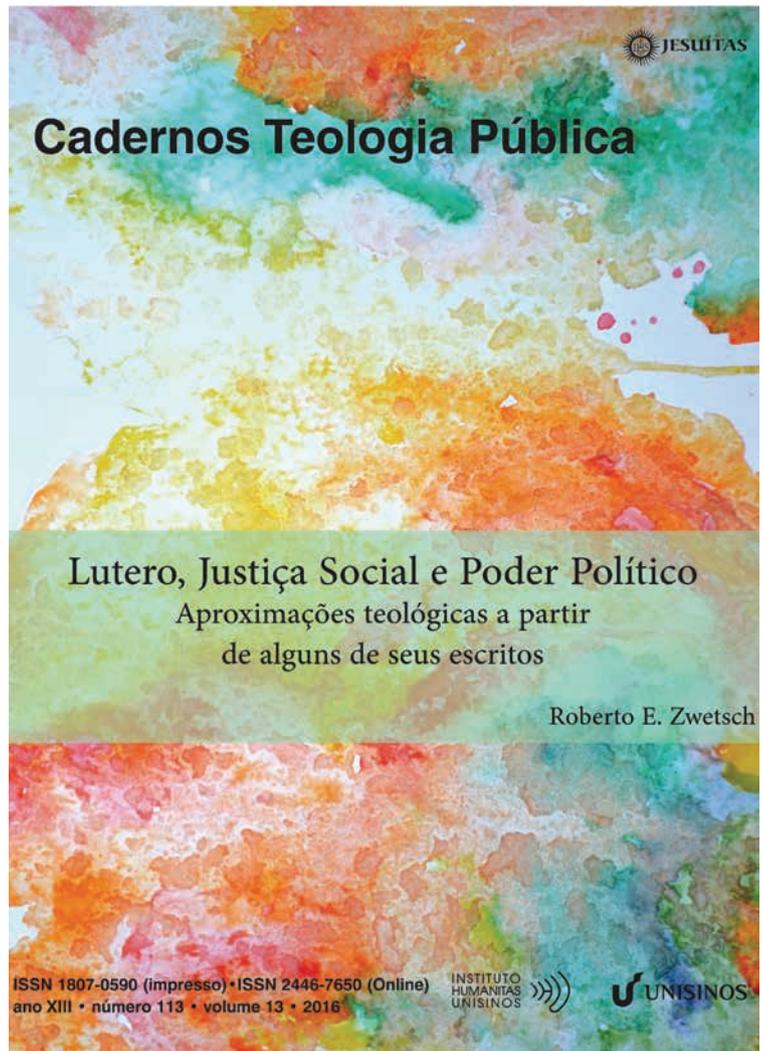
# Lutero, Justiça Social e Poder Político – Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos

Roberto E. Zwetsch assina o artigo “Lutero, Justiça Social e Poder Político” - Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos”, na edição de número 113 do Cadernos Teologia Pública. Segundo Zwetsch, “a questão da justiça social e do exercício do poder político está entre as principais demandas da sociedade contemporânea. Vivemos em um mundo cada dia mais excludente, injusto para com as maiorias, sujeito aos humores cada vez mais exclusivistas do capital internacional e das grandes corporações”. E prossegue: “o que a teologia latino-americana tem a dizer sobre esta realidade? Às vésperas da celebração dos 500 Anos da Reforma do século XVI, uma leitura atenta de alguns escritos de Martinho Lutero, sem triunfalismos inócuos, permite perceber contribuições teológicas relevantes para o tema aqui”.

O artigo completo, em formato PDF, está disponível em <http://bit.ly/2cF4uXL>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213



# Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

## Pampa. Silencioso e desconhecido

Edição - 190 - Ano VI - 07.08.2006

Disponível em: <http://bit.ly/2cPuscQ>

“Não temos um conhecimento muito claro do potencial do pampa, pois o nosso olhar de preservação ambiental é muito voltado para os ecossistemas florestais e pouco para os ecossistemas campestres”, constata o geógrafo Roberto Verdum, professor da UFRGS, nesta edição, cujo tema de capa é sobre o maior bioma do Rio Grande do Sul. O pampa é “uma das áreas do planeta com maior diversidade de gramíneas (capins e afins)”, constata o biólogo Glayson Ariel Bencke, pesquisador do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. A presente edição complementa a edição nº 183 cujo tema de capa foi Floresta de Araucária. Uma teia ecológica complexa. Os biomas pampa e floresta de araucária são, respectivamente, o primeiro e o segundo biomas mais importantes do Rio Grande do Sul.



“Não temos um conhecimento muito claro do potencial do pampa, pois o nosso olhar de preservação ambiental é muito voltado para os ecossistemas florestais e pouco para os ecossistemas campestres”, constata o geógrafo Roberto Verdum, professor da UFRGS, nesta edição, cujo tema de capa é sobre o maior bioma do Rio Grande do Sul. O pampa é “uma das áreas do planeta com maior diversidade de gramíneas (capins e afins)”, constata o biólogo Glayson Ariel Bencke, pesquisador do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. A presente edição complementa a edição nº 183 cujo tema de capa foi Floresta de Araucária. Uma teia ecológica complexa. Os biomas pampa e floresta de araucária são, respectivamente, o primeiro e o segundo biomas mais importantes do Rio Grande do Sul.

BRUNO - UNILANGARUNA | 1 | SOCIOLOGIA / GEOGRAFIA

## A crise gaúcha. Algumas reflexões críticas

Edição - 264 - Ano VI - 30.06.2008

Disponível em: <http://bit.ly/2cdjeMQ>

A crise política que assola o estado do Rio Grande do Sul inspira o tema de capa desta edição da revista *IHU On-Line*. O número traz entrevistas com Mário Maestri, que equipara as práticas políticas gaúchas às do resto do Brasil, onde se “faz política para enriquecer, legal ou, mais e mais, ilegalmente”. Além dele, Tau Golin, Maria Izabel Noll, Raul Pont, Vitor Ramil, Márcia Lopes Duarte, Carlos Steil, e Édison Gastaldo discutem diferentes aspectos da cultura rio-grandense.



É mais: João Batista Libânio: nos passos de Assélio, as opções de Paulo; Flávio Steil: as eleições municipais no Rio Grande do Sul

## A experiência missioneira: território, cultura e identidade

Edição - 348 - Ano VI - 25.10.2010

Disponível em: <http://bit.ly/1z5ljiQ>

A revista *IHU On-Line*, em sua edição 348, debateu a experiência missioneira nos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai. Sob o título *A experiência missioneira: território, cultura e identidade* a revista *IHU On-Line* reuniu uma série de pensadores para a discussão, entre eles, Guillermo Wilde, Adone Agnolin, Bartomeu Melià, Thais Luiza Colaço, Paula Montero, Giovani José da Silva, Karl-Heinz Arenz, Alessandro Zir, Ernesto Maeder, Ana Lúcia Goelzer Meira, José Alves de Souza Jr. e Fernando Torres Londoño.



É mais: Bartomeu Melià: a história das reduções jesuítas; Ernesto Maeder: um jesuíta no Rio Grande do Sul; Fernando Torres Londoño: a história da Companhia de Jesus no Brasil

## Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo

O texto de Moysés da Fontoura Pinto Neto, publicado na edição 245 do Cadernos IHU ideias, discute a hipótese de que a compreensão dos movimentos que apresenta o capitalismo contemporâneo passa pela superação da ideia de “neoliberalismo” como deflação do Estado e amplificação do mercado. Busca-se, no lugar disso, apresentar as relações entre Estado e mercado como dialeticamente complementares. A versão completa do texto pode ser acessada em <http://bit.ly/2cspott>.



## O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco

O artigo de Christoph Theobald aborda a maneira pela qual as encíclicas *Evangelii Gaudium* (2013) e *Laudato Si'* (2015) completam-se mutuamente. Com a noção de “estilo” empregada pelo Papa Francisco, estes documentos apelam à experiência concreta e unificam a esfera social com a mensagem evangélica. Nesse sentido, expressam um novo jeito de compreender o ensino social da Igreja, ao congregar os processos de transformação social com conversão espiritual. A versão completa pode ser lida em <http://bit.ly/2cxN13M>.



### Prof. Dr. Roberto Romano

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia da igualdade e dos afetos

26 de setembro (segunda-feira) | 19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU



[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[bit.ly/ihuon](https://bit.ly/ihuon)



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



[medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)